

FABIANO AUGUSTO BUCHHOLZ DE BARROS

**UMA RESPOSTA AO SENTIMENTO DE ANGÚSTIA MODERNO: O CASO DA  
IGREJA BATISTA DA LAGOINHA**

BELO HORIZONTE  
2010

FABIANO AUGUSTO BUCHHOLZ DE BARROS

**UMA RESPOSTA AO SENTIMENTO DE ANGÚSTIA MODERNO: O CASO DA  
IGREJA BATISTA DA LAGOINHA**

Trabalho de conclusão de curso de mestrado  
apresentado no curso de Antropologia, na  
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG.  
Orientador: Profa. Ana Lúcia Modesto

BELO HORIZONTE  
2010

FABIANO AUGUSTO BUCHHOLZ DE BARROS

**UMA RESPOSTA AO SENTIMENTO DE ANGÚSTIA MODERNO: O CASO DA  
IGREJA BATISTA DA LAGOINHA**

Orientador: Profa. Ana Lucia Modesto  
Departamento Acadêmico de Antropologia, UFMG

Prof.

Prof.

Belo Horizonte, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_.

Aos meus pais, pelo suporte e carinho.  
À minha filha Laura, por existir.

## Sumário

<b>Introdução</b> .....	6
<b>Capítulo I – Fé e Modernidade</b> .....	18
<b>Capítulo II – Razão e Fé</b> .....	35
<b>Capítulo III - A Construção da Fé</b> .....	41
I - Um Pouco da História .....	41
II – A Construção da Fé .....	45
III – Dando Sentido ao Mundo .....	50
IV – Metáfora .....	53
V – Deus tem um propósito para o Fiel .....	56
VI – A Teodicéia .....	63
<b>Capítulo IV – O Dinheiro</b> .....	65
I – A Vida Financeira .....	68
II – O Dízimo .....	86
<b>Capítulo V - O Trabalho</b> .....	93
<b>Capítulo VI - O Consumo</b> .....	102
<b>Conclusão</b> .....	113
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	116
<b>Fontes</b> .....	118

## Introdução

**E**m 2004 vivenciei uma experiência que me despertou a atenção para as Igrejas Neo-pentecostais ou denominadas evangélicas, um amigo meu havia então acabado de se converter à Igreja Batista da Floresta. Até aquele momento, colocava debaixo do mesmo rótulo todas as diferentes denominações pentecostais, não avaliando nenhuma diferença significativa entre elas. Foi com a pesquisa que comecei a relativizar essas diferenças, às vezes realmente não significativas – pequenas –, mas que estabeleciam nuances entre elas. Quando entrei no programa de mestrado em Antropologia da Universidade Federal de Minas Gerais, escolhi, junto com minha orientadora profa. Ana Lúcia Modesto, a Igreja Batista da Lagoinha para realizar a pesquisa de campo. A escolha trouxe alguns desafios, pois dentro da Igreja Batista da Lagoinha a teologia da prosperidade apresentava nuances diferentes daqueles percebidos em outras denominações evangélicas. A razão disso é que meu tema era a relação estabelecida entre a fé dentro dessas Igrejas e o dinheiro, sendo que o discurso da Igreja Batista da Lagoinha falava de outras causas do sentimento de angústia e não focava-se tanto na relação com o dinheiro. Porém, retomando minha experiência pessoal a que me referi acima, uma das coisas que mais me chamou a atenção entre as diferentes mudanças ocorridas na vida desse meu amigo após a conversão, estava na sua nova forma de lidar com o dinheiro. Foi com ele que ouvi a primeira vez sobre o curso Crown.

Pra mim, que tive uma formação católica, dinheiro e fé eram duas coisas que não se misturavam bem. Ainda me lembrava das aulas de História do segundo grau, onde a riqueza da Igreja católica era vista como fruto de uma deturpação da fé, da venda de indulgências e falsas relíquias, tudo em um tom forte de denúncia. Toda vez que a religião pede por dinheiro, temos uma tendência a olhar com certa desconfiança a tal pedido e a ver nisso a possibilidade de uma ação de má-fé. Crescendo e sendo educado em um lar católico, jamais vi meus pais pagarem dízimo ou mesmo cogitarem em fazê-lo. Portanto, foi com essa estranheza – a mesma que nos leva a querer entender e conhecer algo – que fui aos poucos amadurecendo a idéia da pesquisa.

Assim, uma das minhas dificuldades foi me deparar com uma realidade diferente daquela que esperava e de como então, compreendê-la diante da literatura consultada. Colocando em termos mais claros, era de como enquadrar a IBL dentro da perspectiva da

Teologia da Prosperidade. Depois de um tempo visitando o templo e assistindo aos seus cultos, percebi que o conteúdo das suas pregações era diferente da de outras denominações pentecostais. Antes de encontrar uma definição na literatura sobre a Teologia da Prosperidade, resumia essa teologia apenas ao âmbito financeiro, desconhecendo suas outras implicações. Nesse momento, portanto, me parecia que a IBL não fazia coro ao discurso pentecostal que prometia riquezas aos seus fiéis. Contudo, a leitura do texto das professoras Etiane Caloy Bovkalovski de Souza e Marionilde Dias Brepohl de Magalhães<sup>1</sup> ampliou um pouco meu conceito sobre a Teologia da Prosperidade que até aquele momento eu restringia ao aspecto econômico. A definição das duas autoras compreende, além do financeiro, a saúde, o poder para subjugar o diabo (ou seja, qualquer mal, pois que todo o mal que se abater sobre a vida do fiel é em última instância obra do demônio) e acesso a uma vida plena e sem problemas. Essa definição ajudou a ampliar minha concepção sobre a Teologia da Prosperidade que até então estava limitada e por isso não conseguia perceber dentro do discurso da IBL.

De fato, dentro da IBL, a questão financeira é importante e não é à toa que a Igreja possua um curso de finanças e um culto direcionado aos empresários e trabalhadores que têm o objetivo de ajudá-los a superar as dificuldades nessa área. Contudo, existe igualmente certo cuidado em não se fazer promessas de prosperidade financeira do mesmo modo que outras Igrejas de matriz pentecostal. Talvez o caso mais arquetípico seja o da Igreja Universal que em seus programas de TV promete aos seus fiéis sucesso material de forma clara e inequívoca, além de curas das mais diversas doenças. Dentro da IBL essa promessa não é feita dessa forma. O fiel deve antes de tudo entregar sua vida a Deus, todos os aspectos dela, sendo que a vida financeira é apenas um deles. Com essa entrega, o fiel terá um Deus que atuará no sentido de ajudá-lo a superar suas mais diferentes dificuldades pelas quais passa na vida. Esse é um Deus que cura e traz prosperidade ao seu fiel, pois Ele deseja que seus filhos usufruam de tudo que existe de melhor nesse mundo.

Essa questão foi se tornando mais clara à medida que a confrontava com a literatura que busca fazer um balanço da modernidade, como os trabalhos de Zygmunt Bauman<sup>2</sup> e Marshall Berman<sup>3</sup>. No caso de Bauman, ele trabalha com um conceito de modernidade onde o homem coloca-se tarefas que é capaz de superar, como se a razão tivesse a possibilidade de levar a humanidade, por meio de seus esforços, a abolir noções como a de Deus. Berman já

---

<sup>1</sup> SOUZA, Etiane Caloy Bovkalovski de; MAGALHAES, Marionilde Dias Brepohl de. Os pentecostais: entre a fé e a política. Rev. bras. Hist., São Paulo, v. 22, n.43, 2002.

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01882002000100006](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882002000100006)

<sup>2</sup> BAUMAN, Zygmunt. O Mal-Estar da Pós-Modernidade. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998. 272 p.

<sup>3</sup> BERMAN, Marshall; MOISES, Carlos Felipe; IORIATTI, Ana Maria L. Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade. São Paulo: Cia das Letras, 1986. 360 p.

ressalta o aspecto revolucionário da modernidade, ressaltando que ela é um turbilhão permanente de mudança e desintegração, uma constatação que Marx já havia feito no século XIX, resumindo essa atmosfera na frase lapidar que inclusive dá o título do trabalho de Berman: *“Tudo que é sólido, desmancha no ar”*<sup>4</sup>. Pra mim foi ficando claro que a modernidade poderia ser definida como uma crescente autonomia dos homens em relação as suas divindades. De repente, a humanidade começa a dominar uma série de conhecimentos, desvendando as leis que controlam a natureza e com isso desenvolvendo técnicas que permitem uma intervenção mais competente na realidade. Talvez a medicina corporifique essa idéia melhor do que qualquer outro campo, pois ali os homens aprenderam a erradicar e tratar uma série de doenças que apenas há alguns anos eram responsáveis pela limitação do tempo de vida de uma grande parte dos homens. Aquelas doenças e misérias humanas que ainda não haviam sido controladas ou erradicadas precisavam apenas de tempo para que fossem suficientemente conhecidas pelas ciências a ponto de serem finalmente debeladas. Mas o fim do século, a decepção com a modernidade, duas guerras mundiais e o fim do socialismo real levaram a uma tentativa de se fazer um balanço dessa modernidade, da sua ciência, economia e política e o saldo não pareceu tão positivo. Esse sentimento reflete também na sociedade e, se no começo do século passado era factível apostar na “morte de Deus”, o fim desse mesmo século recolocou a questão da divindade no momento em que o homem começa a se perceber menor do que a razão e a modernidade o fizeram acreditar.

É disso que se alimenta a religião, ou mais precisamente a religião pentecostal ou batista renovada, ela cresce no sentimento de angústia que a modernidade gera. Um sentimento de angústia que, como nos lembra Bauman<sup>5</sup>, é diferente daquele produzido em outros contextos históricos. É como se os homens se descobrissem como que dependentes de Deus, sem o qual não conseguiriam superar a angústia das limitações humanas, da sua razão e do projeto da modernidade.

Na verdade as religiões jamais estiveram perto de desaparecer, pois em nenhum momento o avanço do conhecimento racional, seja em que área for, conseguiu suplantar esse sentimento de angústia causado pela economia, política ou a busca da felicidade, mas também pelas questões filosóficas mais profundas e das quais nenhuma ciência conseguiu produzir uma resposta convincente. Posso conhecer as causas de uma infinidade de males e produzir tratamentos eficientes para combatê-los, mas enquanto ciência, não se consegue dar uma resposta satisfatória de por que aquele indivíduo veio a padecer daquele mal, uma questão

---

<sup>4</sup> MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Manifesto do partido comunista: São Paulo: Paz e Terra, 1997. 70p

<sup>5</sup> BAUMAN, Zygmunt. O Mal-Estar da Pós-Modernidade. Op. Cit

fundamental para uma sociedade erigida sobre o individualismo e a busca da felicidade. Aqui, para pensar essas questões, inspirou-me o trabalho clássico do prof. Evans-Pritchard sobre os zande. O porquê de algo acontecer com uma pessoa naquele momento o fez cunhar a idéia de bruxaria para explicar o infortúnio aonde ele não era de fato esperado. Aquilo que de alguma forma abala a confiança na busca da felicidade terrena é lido como um infortúnio e é muitas vezes descartado pela racionalidade, explicando-se apenas sua causalidade. Quem pode ajudar os homens na busca de uma resposta para o infortúnio é muitas vezes a religião. Foi essa a impressão que me causou o discurso religioso engendrado na IBL, que apresentava para o indivíduo uma explicação para algum mal que se abateu sobre sua vida: desemprego, doença, problemas no casamento, entre outros. Ela elaborava uma classificação entre o que é do “bem” ou de Deus e aquilo que é do “mal” ou ligado a atuação do inimigo, e, dessa classificação, outras iam sendo construídas para dizer ao fiel o que é de Deus, que comportamentos são mais ou menos aceitáveis e agradáveis a Ele.

E isso se dá por uma razão: as religiões são também o lugar de produção de uma disciplina social. Existem comportamentos que são tidos como mais agradáveis aos olhos de Deus do que outros e é esse tipo de comportamento que é estimulado dentro da Igreja, há uma moral que é preciso ser aprendida. Aqui eu me vali dos estudos de Pierre Bourdieu que fala que as religiões inculcam nos indivíduos uma série de *habitus* ou modos de vida que são por eles naturalizados e por isso tomados como comportamentos verdadeiros<sup>6</sup>. Verdadeiro aqui dado pelo fato de ser tido como natural, habitual, comum ou parte do cotidiano que nunca é olhado de outra forma que não seja a da certeza, de que as coisas tidas como certas parecem se revestir. Mas um olhar que “desnaturalize” essa realidade pode mostrar aspectos não revelados por aqueles que estão envolvidos no processo. Bourdieu me ajudou a pensar as religiões também sob o aspecto da produção de uma nova disciplina calcada dentro de seu padrão ético, da forma como concebem o mundo e de como agir no sentido de modificá-lo.

Weber<sup>7</sup> também menciona esse tipo de disciplina produzida por uma determinada ética religiosa. No caso das religiões protestantes, alvo do estudo de Weber, falamos de uma ética ascética que condena o luxo e o excesso e que coloca o trabalho como missão, característica que, embora hoje tenha um caráter mais periférico dentro dessa visão de mundo pentecostal,

---

<sup>6</sup> BOURDIEU, Pierre. Gênese e Estrutura do Campo Religioso. In: A Economia das Trocas Simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 1974. 361p.

<sup>7</sup> WEBER, Max. A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo: texto integral. Ed. rev. São Paulo: Martin Claret, 2005. 230 p. ((A obra prima de cada autor; v.49))

ainda é conservada. O trabalho como missão torna-se uma disciplina social dentro da Igreja que passa a ser ensinada participando de uma exegese particular das escrituras. Ela é então ensinada no púlpito, mas também nos cursos que a IBL oferece aos seus fiéis, como o Crown, que não à toa reserva um capítulo de seus estudos para a questão do trabalho. Além disso, Weber fala que cada religião produz uma ética econômica característica, mas lembrando sempre que ela não é determinada pelo modelo produtivo e nem se torna o local para a legitimação ideológica desse modo de produção, embora eventualmente seu discurso possa ser politicamente instrumentalizado para isso. É uma fé baseada no indivíduo, cujas razões históricas busquei em autores como E. P. Thompson<sup>8</sup> e Christopher Hill<sup>9</sup>. O primeiro fala de como a luta contra-hegemônica dos primeiros protestantes casava-se bem uma ideologia do individualismo que defendia a liberdade de consciência. Defender o individualismo era lutar contra a imposição secular de uma fé, seja pela tradição ou pela importância de ser parte do rebanho onde o indivíduo teria uma menor importância. Já Christopher Hill fala de como os primeiros protestantes, ao defenderem um conhecimento técnico-científico, combatiam a escolástica religiosa dominante na academia à época.

Todas essas questões me remetiam sempre a uma maior, a da produção de um discurso social hegemônico, que no caso das sociedades capitalistas, significava a valorização de uma ética do trabalho e uma linguagem que colocava o dinheiro sempre como uma medida – entre outras coisas das noções de sucesso e fracasso. Pode-se ainda acrescentar a busca pelo prazer, algo que ultrapassava a satisfação das necessidades mais imediatas. Campbell<sup>10</sup>, ao retomar Weber, menciona duas éticas contrastantes que atuavam concomitantemente resultando na formação do mundo moderno. Éticas que em principio estariam em campos opostos, visto que o ascetismo protestante que invade o mundo cotidiano transformando o trabalho condenaria exatamente aquilo de que a ética romântica se alimentaria, ou seja, a busca, a satisfação de prazeres e a criação de um hedonismo auto-ilusivo. Com tudo isso viria ainda uma gama de valores que transformariam ao longo do tempo a busca pelo prazer e a felicidade em obrigações individuais. Felicidade que para ser conquistada ou usufruída pelas pessoas necessita de dinheiro. E o mundo moderno burguês oferece inúmeras possibilidades de experiências que tocam as emoções. Ao lado da realidade mais seca do trabalho, criamos

---

<sup>8</sup> THOMPSON, E. P. A Formação da Classe Operária Inglesa. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. 3v.

<sup>9</sup> HILL, Christopher. Origens Intelectuais da Revolução Inglesa. São Paulo: Martins Fontes, c1992. 425p

<sup>10</sup> CAMPBELL, Colin. A Ética Romântica e o Espírito do Consumismo Moderno. Rio de Janeiro: Rocco, 2001 400p.

momentos que definimos como especiais, onde nos permitimos o sonho, o romântico e a experiência de uma emoção que desperta prazer. Sendo o casamento em sentido prático apenas um contrato celebrado entre pessoas do sexo oposto, tem seu caráter transformado quando se torna o momento da fruição de um sonho romântico, de idealizações com uma atmosfera criada para provocar nas pessoas envolvidas uma experiência emocional. Talvez alguém se lembre do aspecto ritual do casamento e de momentos semelhantes, e que isso não seria exclusividade do mundo moderno. Mas, acredito que seja característico da modernidade o aprofundamento desse momento, sendo ainda ritual que demarca um novo status na vida de duas pessoas, mas é vivido não apenas como um ritual, mas como momento de sonho, de se colocar fora de uma realidade mais mesquinha e idealizar.

Em uma sociedade capitalista isso tudo se torna comércio e no processo de especialização do trabalho, surgem aqueles que oferecem, a preços módicos, a possibilidade de realização desse sonho. A felicidade erigida como obrigação e certo ranço amargo teima em subrepticamente travar o paladar daqueles que não optam pelo sonho como se estivessem perdendo uma experiência única e necessária para o acesso a felicidade. Nesse momento, no instante em que desperta esses sentimentos, estamos diante da eficácia do discurso hegemônico.

Enquanto instituição cristã, a IBL condena os excessos praticados em busca dessa felicidade que para eles é miragem no deserto. A verdadeira felicidade está em Cristo e o acesso a ela começa pela conversão e aceitação dessa nova forma de compreender e se colocar no mundo, o que inclui a adoção de uma nova disciplina. Mas tratamos de uma religião que consegue falar a linguagem moderna em sua comunicação com o fiel, nesse sentido, ela manipula emoções, seu culto é momento de encontro com Deus que é sentido e por isso provoca fortes emoções em vários fiéis que deitam, ajoelham, choram e se sentem fisicamente enfraquecidos após essa experiência. É como se a Igreja trocasse o sinal da emoção e colocasse nela o acesso ao transcendente. O choro é o mesmo, a experiência emocional tem a mesma origem, mas essa é fruto da presença de um Deus que o auxiliará na superação das dificuldades e angústias. Em um primeiro momento ela é provocada pelo sentimento de libertação, de fuga do pecado e da aceitação do Salvador.

O paradigma pentecostal é o de não aceitar o sofrimento como parte inseparável da vida. Jesus já venceu a morte, seu sacrifício foi para libertar a humanidade do pecado, fonte do sofrimento, aquele que padece o faz por não conhecer as promessas desse Deus. Em outras tradições cristãs, o sofrimento é percebido como meio de purgar pecados ou parte de um processo de aprimoramento espiritual que pode levar a uma evolução espiritual ou a

conquista da santidade. No caso da IBL, que comunga desse paradigma pentecostal, o sofrimento não é pra ser aceito, mas combatido pela fé em Deus. Nesse sentido, ainda que seja uma consequência não desejada, a IBL é uma Igreja que endossa o direito à felicidade dos indivíduos, mas o submete a uma experiência com um Deus de superação.

É importante colocar que o instrumento teórico que me ajudou a pensar essas questões foi justamente o conceito de Hegemonia de Gramsci. Cabe, portanto, explicar como esse conceito ajuda a compreender a realidade. Como marxista, está implícito no conceito de Hegemonia de Gramsci o fato de que as sociedades, mais especificamente as sociedades modernas, são divididas em classe e que haveria um conflito latente ou real entre essas classes. Contudo, na medida em que essas sociedades funcionam, onde as classes cujos interesses seriam em tese antagônicos, não estão necessariamente em guerra, como compreender qual o elemento que mantém sua coesão?

Pensar a hegemonia é pensar em valores e visões de mundo que se tornam consagrados, e, portanto, “naturalizados” dentro da sociedade. É uma visão de mundo, construída e realizada no seio da sociedade por uma determinada classe. Na base do Estado, naquilo que lhe dá sustentação e legitimação, está a hegemonia, pois se assim não fosse, toda e qualquer forma de coação seria insuportável para os atores sociais. É em nome da defesa de determinados valores que o Estado passa a deter o monopólio exclusivo da força. Dessa forma, comecei partindo da idéia de que já existe uma hegemonia no seio da sociedade brasileira, no que tange a forma como a economia deva ser organizada, dentro dos padrões burgueses capitalistas com uma cada vez maior ênfase no mercado. A IBL, ainda que seja crítica do hedonismo moderno – sustentado pelas necessidades de inovação impostas pelo mercado – naturaliza certas relações sociais, mesmo que não seja esse seu interesse primordial, quando abraça a Teologia da Prosperidade e suas promessas de felicidade calcadas não exclusivamente, mas também, no sucesso financeiro.

Assim, a construção dessa hegemonia não pode ser entendida como um empreendimento maquiavélico, onde uma determinada classe, conscientemente, manipula, torce a realidade e a história com o fim único de obter vantagens materiais. A hegemonia tem seu aspecto consciente de projeto político, mas também tem seu lado de consagração de determinados valores em que os atores sociais aceitam como importantes e merecedores de proteção. Assim é que:

*“Quando a burguesia, no processo de sua revolução, construiu seu Estado, criou ao mesmo tempo, uma nova concepção de Direito, uma nova Ética e tratou de obter ativamente, do*

*conjunto da sociedade, um conformismo de novo tipo. Criou solidariamente uma concepção de Economia Política, de Saúde, de Educação, de Ciência, de suas práticas e aparelhos.”<sup>11</sup>*

Na construção de uma hegemonia há sempre tensões e disputas entre várias ideologias. No fim:

*“entram na luta até que apenas uma delas ou, pelo menos, apenas uma **combinação**<sup>12</sup> tenda a prevalecer, a impor-se, a difundir-se sobre toda a área social determinando para além da unicidade dos fins econômicos e políticos, também a unidade moral e intelectual (...)”<sup>13</sup>.*

A concepção calcada em valores e visões de mundo não é simplesmente imposta, absorvida e automaticamente repetida pelos indivíduos, antes, colore a sociedade, dá o tom dentro do qual cada indivíduo recria com certa liberdade de manipulação dessas concepções, idéias e valores dos quais são igualmente detentores. Tal fato também ocorre internamente nas Igrejas e na relação entre elas. Cada uma é detentora de uma visão de mundo específica que guardam entre si pontos em comum. Mas existem também diferenças, pois se assim não fosse não teria sentido o fato de se organizarem em instituições diferentes.

Internamente, a Igreja visa estabelecer sua hegemonia conquistando fiéis e dando a eles uma visão de mundo que embasará a atuação deles fora da Igreja. Mas o fiel não é mero receptáculo da mensagem e, como dito antes, ele a recebe e a reelabora dentro dos marcos estabelecidos pela hegemonia. Ou seja, a visão de mundo da instituição “colore”<sup>14</sup> aquela que é construída pelo indivíduo, influencia sua nova postura diante da vida que é adquirida quando é convertido.

Assim a pesquisa de campo se apresentou como momento fundamental para que não se cometa o erro de tentar encaixar a realidade social na teoria, mas sim de colocar essa teoria a serviço da compreensão dessa realidade, que sempre é muito mais múltipla e complexa do que podem dar conta as teorias sociais. Era preciso perceber essa contradição mencionada, entre a filosofia ou visão de mundo de uma Igreja e o modo como ela seria apropriada pelos seus seguidores, ressaltando o aspecto onde exista, de que a assimilação desse novo modo de

---

<sup>11</sup> DIAS, Edmundo Fernandes. Hegemonia: racionalidade que se faz história. *In*: O Outro Gramsci. Ed. Xamã. São Paulo. 1996.

<sup>12</sup> Grifo meu

<sup>13</sup> GRAMSCI, Antonio. Maquiavel, a Política e o Estado Moderno. Apud. DIAS, Edmundo Fernandes. Op. Cit.

<sup>14</sup> O uso do verbo “colorir” como metáfora para se pensar a ação hegemônica na sociedade foi sugerida pelo prof. Pierre Sanchis durante o curso de “Pesquisa Antropológica”.

vida não é feita sem “ruídos”, ou seja, penetra aspectos importantes da vida anterior dessas pessoas na modelagem dessa visão de mundo. Quando procurei os coordenadores do curso Crown solicitando a eles permissão para assistir a algumas aulas do curso, eles colocaram que os alunos deveriam dar seu aval para isso, pois havia momentos no curso onde eles deveriam mencionar o valor de seus proventos. Esse momento, segundo avaliaram os coordenadores, poderia ser ligeiramente constrangedor, uma vez que a revelação do valor dos rendimentos pode ser considerada como algo muito particular. Durante o curso “Pesquisa Antropológica”, o prof. Pierre Sanchis levantou a questão de que esse pudor não seria comum entre os protestantes, que revelariam sem muito constrangimento o valor que ganham. Mas aqui fica claro que o indivíduo não se despe totalmente das coisas em que acreditava, mesmo depois de abraçar uma nova fé que tem uma relação menos tensa com as questões materiais. A forma anterior, socialmente aprendida por esses indivíduos, ainda produz ecos poderosos fazendo com que a recriação pessoal seja um processo.

Em resumo, a hegemonia seria a direção política e cultural, não é repetição, mas inculcação de disposições duradouras. Sendo disposição, a nova visão de mundo, na medida em que molda a vida dos indivíduos, apresenta-se como uma tendência a se realizar ou a possibilidade, dada certas circunstâncias, de ocorrer na realidade social. Ela modifica o temperamento dessas pessoas, altera a forma de como compreendem o mundo e funciona como que um filtro através do qual a realidade social é lida e interpretada. Assim, muitos relatos com os quais tive contato, seja pessoalmente ou através de publicações da Igreja, davam conta de mudanças onde o indivíduo definia-se como uma pessoa mais calma após ter entregado sua vida a Jesus. Essa “mansidão” não implicava em ausência de têmpera forte, mas sim a tendência de, em certas situações, os indivíduos conseguirem dominar certos impulsos de agressividade, trabalhando em seu âmago a possibilidade do perdão e abominar o uso da violência.

O conceito de disposição, que tomo emprestado de Geertz define como sendo uma determinada construção intelectual que cria possibilidade de modificar a forma como esse indivíduo se coloca no mundo em determinada direção, sendo que certas possibilidades dentro desse arco podem ou não se concretizar.<sup>15</sup>

Tanto o conceito de Geertz quando o de Hegemonia de Gramsci guardam a possibilidade de diálogo, visto que a idéia é que os indivíduos não sejam simples autômatos

---

<sup>15</sup> GEERTZ, Clifford. A Religião como Sistema Cultural. In: A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. P. 109

das idéias que apreendem e com as quais têm contato ao longo de sua experiência social. São agentes que transformam essas filosofias, embora não no sentido de romperem com a instituição com a qual mantêm vínculos, mas de se apropriarem das idéias e delas reelaborarem alguns conceitos e valores de acordo com suas experiências anteriores, experiências que inclusive podem tê-los levado até a Igreja e a conversão.

Na pesquisa, conheci duas pessoas que me deram explicações diferentes sobre como se deve calcular o dízimo. Olhando de fora, poderíamos supor que este aspecto seria tão bem consolidado dentro das Igrejas de tradição pentecostal que não caberiam diferenças, exceto as de valor, entre o pagamento dos fiéis. Contudo, um dos meus informantes relatou que a conta deveria ser feita após ser retirada a parte relativa às contas pessoais, ou seja, do valor líquido dos proventos de um fiel. Já outro relatou um cálculo diferente. O dízimo é pago sobre o bruto, o valor total dos proventos recebidos pelo fiel.

A questão do dízimo ainda ajuda a pensar um pouco sobre essas diferentes apropriações possíveis das idéias e valores disponíveis dentro da IBL. Nem todos os fiéis são dizimistas, alguns chegam a pagar durante um tempo, depois param por alguma razão ou outra. Outros retomam os pagamentos depois de algum tempo sem fazê-lo. De acordo com esse segundo informante, citado no parágrafo anterior, ele mesmo só pagava o dízimo quando sobrava dinheiro, situação que havia mudado após a conclusão do primeiro módulo de um curso que fazia. Ali, ele percebeu a importância desse pagamento, que não pode ser confundido com uma simples contribuição. Dessa forma, ele saiu com a disposição de iniciar pagamentos regulares do dízimo, estivesse sua situação financeira melhor ou não.

Por fim, gostaria de mencionar um pouco dos meus percalços durante a pesquisa de campo. Uma das minhas dificuldades está relacionada com meus informantes. Quando comecei, desejava que todas as entrevistas fossem gravadas, algo muito difícil, pois exigia certa confiança desses informantes para que o permitissem. Aliás, a construção dessa confiança era algo difícil de ser feita já que demandava um tempo que não tinha. Durante a pesquisa de campo, não contava com o tempo necessário para diariamente estar no templo, conversando com as pessoas, entrevistando e, o que seria o ideal, acompanhando algumas delas durante certo tempo. Infelizmente não consegui acompanhar nenhum dos informantes e as conversas que mantive com eles foram momentos únicos. Durante certo tempo tentei acompanhar algumas pessoas que haviam passado pelo curso Crown, observando o que elas percebiam de mudanças em suas vidas financeiras e pessoais. Mas isso não foi possível, uma vez que eu não conhecia nenhuma pessoa da IBL que havia feito o curso e meu único contato era o coordenador que parecia ter certo receio em me apresentar a alguém que havia concluído

o curso. Lamento aqui o prazo exíguo que tinha, pois o tempo era fundamental para que eu conseguisse a confiança dos coordenadores do Crown e por meio deles ter acesso às pessoas que faziam esse curso.

Para tentar superar essa dificuldade lancei mão dos testemunhos presentes na publicação periódica da IBL, o jornal “Atos Hoje”. Eventualmente esse jornal trazia alguns testemunhos de conversão. Aliado a esses testemunhos impressos, empreendi uma série de entrevistas não gravadas, mas registradas em meu caderno de campo com aproximadamente 15 fiéis que compareciam diariamente no templo maior da IBL e nos cultos de libertação, então ministrados nas quartas-feiras à tarde em salão anexo ao templo. O registro no caderno de campo era feito em seguida a essas conversas de duração variável. De todo modo, a entrevista gravada colocava ainda outra dificuldade. Sendo testemunho gravado, muitas vezes o informante sentia-se pouco a vontade, talvez temeroso do que poderia falar, e de qualquer forma poderia não se sentir completamente confortável para relatar sua experiência. Sendo religião tema sempre controverso e, como muitos evangélicos sentem-se alvo de perseguições, a gravação poderia causar certa inibição por parte do entrevistado. Em uma conversa de tom mais informal, o informante ficava mais “solto” para relatar sua experiência, mencionando muitas vezes detalhes mais pessoais desse processo, como os conflitos pessoais ou enfrentados na família após sua conversão. Um dos informantes me contou que após anos de prática católica, havia se convertido em 2002 e enfrentava dentro da sua casa forte oposição de sua esposa, que ainda mantinha-se fiel à Igreja Católica. Os anos que se seguiram à sua conversão foram de muitas desavenças entre ele e a esposa, o que o obrigou a mudar de Igreja duas vezes. Após a conversão na IBL, esse senhor passou a frequentar uma Igreja batista próxima a sua casa o que, segundo me relatou, causou certo constrangimento para sua esposa que era membro atuante na paróquia perto de onde residiam. A solução foi seu retorno à IBL, já que segundo seu relato, sua esposa ficava constrangida em participar da paróquia enquanto seu marido passou a frequentar uma Igreja evangélica.

Além das entrevistas realizadas, tive a oportunidade de assistir a vários cultos de diferentes temas durante meu trabalho de campo. Eles me permitiram conhecer a posição oficial da Igreja sobre a questão financeira, algo que foi feito, também, através da literatura divulgada pela Igreja como o livro “O Seu Dinheiro” de Howard Dayton e as apostilas do Curso Crown, que, embora não sejam produzidas pela IBL, são por ela divulgadas. Pude também vivenciar o culto na Igreja e a emoção que percorre as diversas pessoas que comparecem diariamente em todos. Algo que trato, sem entrar em maiores detalhes, nas páginas seguintes.

Tentei driblar as dificuldades inerentes a esse projeto e outras demandas pessoais que eventualmente tomavam a característica de obstáculos virtualmente intransponíveis, impedindo que a pesquisa tomasse o rumo desejado inicialmente. São questões das quais nunca temos controle e que modificam os planos inicialmente traçados. Dessa forma, minha pesquisa não ocorreu como previamente intencionada, assim como não consegui estabelecer uma relação mais duradoura com nenhum dos meus informantes, nunca mais os encontrei na Igreja, mesmo que continuasse a frequentar o templo em dias e horários semelhantes.

De todo modo, o texto a seguir é o resultado dessa pesquisa onde procuro contribuir, dentro dos limites dessa dissertação, para a compreensão do fenômeno religioso, sendo a IBL uma Igreja em crescimento, tentei buscar uma interpretação para ele. Parti da premissa de que a questão financeira explicaria parte desse crescimento, embora esse aspecto obviamente não o esgotasse. A literatura que pretende fazer um balanço da modernidade me ajudou muito a repensar o peso que a questão financeira, a despeito do fato de sua centralidade em nossa sociedade, pudesse ter. De fato, a questão financeira é importante, mas não é única, sendo concorrente com outras. Em vários relatos, na dificuldade de expressar um sentimento talvez ambíguo, muitas pessoas relatavam um vazio que só foi preenchido com a conversão ou mais precisamente após aceitar Jesus como Senhor de sua vida. Esse “vazio” advém do sentimento de angústia que, na modernidade, possui diferentes fontes que atuam de forma concomitante. A falta de dinheiro é um deles e, portanto, a despeito de tê-lo como recorte para a pesquisa, em nenhum momento deixei de considerar a complexidade da realidade com suas diversas fontes geradora de angústia nos indivíduos.

---

## Capítulo I – Fé e Modernidade

Já foi dito que o processo da modernidade seria marcado por um desencantamento gradual e irresistível do mundo. Um processo associado a uma maior racionalização da vida com os progressos da ciência que desmistificariam a natureza, combatendo toda e qualquer forma de explicação concorrente e, por isso, desqualificando aquelas explicações caracterizadas como não baseadas em dados empíricos, logo, chamadas de metafísicas ou sobrenaturais. Essas diferentes formas de explicar o mundo foram tratadas como resquícios de um passado que ainda insistia em resistir ao inexorável processo de secularização e racionalização imposto pela modernidade.

Partindo dessa perspectiva, o fim das religiões seria inevitável, pois o processo de desencantamento teria o sentido do progresso, destruindo um mundo anterior, e em sua visão, refinando conceitos explicativos mais condizentes com o uso da razão. Como explicar, então, a persistência das religiões e ainda mais seu crescimento no contexto atual? Dada a visão progressista da história que via como inevitável, e mesmo muitas vezes necessário, o processo de desencantamento do mundo, torna-se confuso compreender como as instituições religiosas ainda possam atrair tantas pessoas para sua esfera de influência.

Partimos aqui de outra possibilidade, talvez menos cartesiana, para tentar explicar a persistência das instituições religiosas nos dias de hoje. Aliás, talvez seja mais correto abandonar a idéia de que elas “persistam” ou ainda insistam em existir, como se sua existência fosse devido ao fato de resistirem a um processo que terminará engolindo-os. Assim, as explicações teleológicas não conseguem dar conta do embate, dos conflitos e também das acomodações que marcam a relação entre o processo de secularização e a visão de mundo religiosa. Pois, além dos conflitos, existem também conciliações, tentativas de se adequar às duas formas diferentes de compreender o mundo, demonstrando assim que essas duas visões não precisam necessariamente se excluir.

Como definiu o professor Pierre Sanchis, a modernidade, na insegurança que provoca entre os indivíduos, promove o reforço das identidades, nesse caso, o reforço de uma identidade religiosa<sup>16</sup>. Algo semelhante foi percebido nas identidades nacionais, o processo de modernização de alguns Estados colocou e ainda coloca em xeque essas identidades, o que faz com que muitas vezes, ao invés de desencadear um processo que as desconstruiria, termina reforçando-as.

---

<sup>16</sup> SANCHIS, Pierre. Desencanto e Formas Contemporâneas do Religioso in: Ciências Sociais e Religião. Porto Alegre. Ano 3, no. 3. 2001

Outro fator que não pode ser negligenciado é que nem todas as sociedades conheceram o mesmo tipo de secularização de suas sociedades. Diferentes processos desembocaram em diferentes formas de apropriação do ideal de progresso onde muitas vezes a própria noção de modernidade deveria ser domesticada para que não colocasse em xeque valores e tradições consideradas muito importantes para serem preservadas. Não se tratava de negar ou tentar impedir o “avanço da modernidade”, mas sim de tê-la sob controle, filtrando e selecionando dela os aspectos desejados e excluindo outros considerados nocivos. Não podemos, portanto, falar de uma modernidade, mas de diferentes modernidades, diferentes apropriações de seu discurso e de suas práticas e valores.

De toda forma, podemos identificar aqui um sentimento fundamental neste processo. Um elemento importante e que caracterizaria, enquanto resultado não desejado ou previsto, as diferentes modernidades. A insegurança provocada pela vida moderna, o sentimento de angústia da perda de referenciais considerados basilares para o funcionamento da sociedade. Mike Featherstone<sup>17</sup> nos lembra que a menor influência da religião tem acarretado uma crise de sentido tipicamente moderna ou crise na eficácia do vínculo social: crise de uma moral. É como se a moral religiosa vigente até o advento da modernidade, não desse mais conta das urgências que ela trouxe, tornando-se uma simplificação ineficiente ante a complexidade com que a modernidade se apresenta.

A razão prometia libertar o homem de certas amarras que, na visão desses modernos, poderiam ser traduzidas como atitudes caracterizadas pelo preconceito. E esse preconceito advinha da falta de materialidade (fatos e dados) reclamada pela razão. Buscava-se explicar o mundo a partir de questões externas a ele, cujo fundamento seria o capricho de Deus e de entidades metafísicas. A razão parecia superar isso, colocava uma nova forma de compreensão da realidade que partia das questões empíricas e concretas que moldam a realidade, coletando dados e colecionando fatos em uma cadeia causal. Ela deu ao ser humano um sentimento de auto-suficiência, de que as soluções para as suas necessidades seriam dadas pelo próprio homem no devido tempo e após um processo de aprendizado a que chamaram de progresso.

Os defensores da fé lembram que a modernidade pode ter destruído a moral religiosa institucional ou ao menos corroído suas bases fundamentais, mas não colocou no lugar um substituto, exceto, talvez, pela busca do prazer mais imediato, uma moral do hedonismo.

---

<sup>17</sup> FEATHERSTONE, Mike. Cultura de consumo e pós-modernismo. São Paulo: Studio Nobel, c1995. 223p.

Mas a fé não sumiu, não desapareceu do horizonte da humanidade, como lembramos acima. Digamos que ela perdeu sua hegemonia sobre a sociedade e passou a ganhar fortes concorrentes na formação do imaginário social. Featherstone busca compreender isso à luz da formação de uma cultura de consumo que desenvolveria sentimentos narcisistas e egoístas nos homens. O consumismo seria uma busca imediata pelo prazer e pela experimentação de emoções diferentes daquelas oferecidas pela religião e muitas vezes suas concorrentes. A cada nova experiência existiriam estímulos para se ir além, em busca de outras. Essa cultura do consumo teria como característica certa impaciência, não admitindo o adiamento de sua consumação. Tal busca de prazer, que costuma ser a associada com ideal de felicidade, teria, segundo Featherstone, desenvolvido sentimentos individualistas extremos, qualificados pelo autor como de narcisistas e egoístas. Engendrou – com o advento da moderna publicidade, a disponibilização de opções de lazer, a indústria do entretenimento e padrões estéticos – novas preferências e disposições.

O consumo, assim, não pode ser resumido a uma escolha utilitária, embora essa característica não esteja de todo ausente dele. Com um produto vem associada uma gama de valores, conceitos e idéias sobre o próprio indivíduo que consome. Existe ali um padrão estético dominante e valores utilitários, como economia de tempo na atividade que será exercida através do objeto. Tudo isso expressando valores hegemônicos da sociedade moderna. Outro exemplo, é que facilmente associamos leveza com um padrão de beleza dominante, na produção dos corpos dentro das sociedades modernas, as pessoas têm como objetivo modelarem seus corpos de acordo com padrões que denotam leveza e suavidade em oposição ao excesso. A leveza é também buscada no desenho dos objetos, onde estes ganham contornos arredondados que terminam suavemente. Abandona-se o traço reto com o qual aprendemos associar a padrões de sisudez e robustez, denotando força. Mas a força normalmente não pode ser traduzida com leveza e agilidade, qualidades hoje consideradas fundamentais em uma sociedade cada vez mais veloz.

O hedonismo moderno é baseado na busca por emoções que geram sensações mais ou menos prolongadas e que desembocam no prazer. Na base do consumismo moderno está esse tipo de hedonismo que, para além das formas, busca nelas a expressão de sentimentos e valores, estes brevemente esboçados acima. Campbell fala que, concomitante ao processo de desencantamento do mundo, houve um processo de encantamento interno dos indivíduos, do seu mundo psíquico. Contudo, mesmo o “desencantamento do mundo” torna-se um conceito questionável, como ressaltado anteriormente. Na verdade o mundo nunca esteve “desencantado”, as religiões nunca perderam sua importância no ocidente, embora

reconheçamos que existiu sim uma maior hegemonia do discurso da razão ao longo do último século, esse abria mão de toda explicação que transcendesse a natureza. Contudo, Campbell levanta uma idéia interessante quando fala do encantamento da psique humana, processo que só pode ser melhor compreendido quando o confrontamos com o nascimento da idéia de indivíduo. A busca religiosa, dessa forma, tornou-se individual, respeitando-se com isso valores importantes que visavam proteger o direito de consciência dos cidadãos nos Estados modernos. Mas, além disso, abriu caminho para a possibilidade dos indivíduos buscarem respostas espirituais além das religiões institucionalizadas. Cada indivíduo passou a comporta-se como detentor de respostas que faziam sentido prioritariamente para ele e apenas como uma consequência nem sempre buscada, para outras pessoas. Em cada religião passou a ser possível encontrar uma verdade para algum aspecto da vida, houve uma descrença na possibilidade de que apenas uma religião pudesse conter todas as respostas satisfatórias. Esse movimento foi muito marcado no ocidente e ainda em alguns setores de sua classe média, insatisfeita com o que poderiam definir como o “conservadorismo” da religião dominante.

Campbell<sup>18</sup> ainda nos lembra que existiriam duas vertentes básicas formadoras das sociedades capitalistas modernas. Uma é aquela que Weber chamou de Ética Protestante, ascética, mais dura e que condenava o luxo e os excessos, o trabalho seria vocação, missão confiada por Deus. A segunda vertente seria a que ele chamou de Ética do Consumo que disponibilizaria às pessoas sonhos e emoções e que estaria calcada nos valores do romantismo.

Assim, os objetos se tornam signos que evocam nas pessoas uma série de sentimentos e emoções que estabelecem disposições e novos valores que são apropriados por eles e manipulados de formas diversas. São direções, sugestões de sentimentos e valores, tomados como referenciais estéticos, mas também de valores para a ação no mundo. Ainda é importante que se diga que o consumo estabelece distinções, ou ao menos as tornam explícitas, ao mesmo tempo em que as naturalizam, distinções que são de classes e poder aquisitivo.

Mas a modernidade apresentou novos dilemas que recolocaram em novos termos a idéia da insuficiência do homem e de sua necessidade do transcendental. A razão, que prometia libertar o homem, tem sido alvo de reflexões que percebem suas limitações, que falam dos limites da liberdade prometida pela razão. Seria como se houvesse um confronto entre a promessa da redenção pela religião e aquela oferecida pela razão. O crescimento

---

<sup>18</sup> CAMPBELL, Colin. A Ética Romântica e o Espírito do Consumismo Moderno.op.Cit.

religioso se alimenta também do enfraquecimento dessa promessa da modernidade. Não é sua única fonte de alimentação, mas os limites da racionalidade moderna fazem com que as pessoas busquem uma nova opção. A ciência, que não erradica todas as doenças como se poderia supor ser uma consequência do seu avanço, ainda se mantém como esteio da esperança de superação desse tipo de mal que ameaça o projeto de felicidade dos indivíduos, mas recebe a concorrência da religião, embora na maior parte das vezes fé e medicina se auxiliem mutuamente. Além disso, existe a insegurança provocada por uma economia baseada na luta individual pela sobrevivência e que premia em tese o mais apto ou aquele que possua uma série de características consideradas desejadas pelos setores que atuam como gerentes nessa economia. Junto a isso, temos a falência das propostas modernas alternativas como o chamado socialismo real, que não mais é colocado como uma opção viável ou desejável. Tudo isso trás às pessoas um sentimento de desamparo que é gerador de medos e angústias.

Enfim, a vida moderna é permeada por diversas incertezas, como lembra Zygmunt Bauman, é a vida antes da morte – e não mais a vida após a morte – que parece cercada por um oceano de incertezas. Na Europa pré-moderna<sup>19</sup> a grande fonte de insegurança seria saber o momento da morte, que não tinha as explicações científicas de suas causas, sendo atribuída quase sempre às questões metafísicas. A diferença na modernidade é que a fonte de insegurança não é mais o que vai acontecer no após morte – ou pelo menos esta preocupação não é mais hegemônica –, mas o que será da vida antes da morte, dos caminhos e rumos, das escolhas possíveis, do medo de acertar ou não nestas escolhas. É o que Bauman chamou das incertezas na construção da identidade individual que passa pela carreira e pela busca de uma felicidade que parece fugidia. Ela se difere da insegurança ocasionada pelo receio do destino no pós-vida, uma insegurança de tipo religiosa: *“Ao contrário da insegurança ontológica, a incerteza concentrada na identidade não precisa nem das benesses do paraíso, nem da vara do inferno para causar insônia.”*<sup>20</sup>

O medo de não fazer boas escolhas leva os indivíduos a experimentarem um sentimento de angústia que passa pela idéia de que algumas dessas escolhas podem ser definitivas e não possuem retorno. Simplificando, em uma sociedade tradicional não existe escolha sobre o trabalho, não há carreira a ser escolhida dentro de um leque de opções, mas nas sociedades modernas o trabalho é carreira, não apenas meio de sobrevivência mas

---

<sup>19</sup> Falo da Europa já que o conceito de modernidade foi cunhado lá, assim como a idéia de uma sociedade pré-moderna.

<sup>20</sup> BAUMAN. Op. Cit. P. 221

também elemento importante de identidade que também assenta-se na busca pelo prazer e felicidade, aqui definidas como o de fazer na vida aquilo que se gosta pra sobreviver.

A felicidade na modernidade não está mais colocada num além dessa vida, mas se torna obrigação a ser realizada no presente. Não como momento, a felicidade é vista como estado e, tudo aquilo que de alguma forma ameaça a imagem que fazemos dessa nossa felicidade, duramente conquistada, nos leva a uma angústia atroz como se tivéssemos nos tornado incapazes de lidar com tropeços e fracassos. Sintetizando:

*”A amarga experiência em questão é a experiência da liberdade: da miséria da vida composta de escolhas arriscadas, que sempre significa aproveitar algumas oportunidades e perder outras, ou da incurável incerteza criada em toda escolha, da insuportável, porque não-partilhada, responsabilidade pelas desconhecidas consequências de toda escolha, do constante medo de impedir as futuras e, no entanto, imprevistas possibilidades, da inadequação pessoal, de experimentar menos e não tão intensamente quanto os outros talvez o consigam, do pesadelo de não estar à altura das novas e aperfeiçoadas fórmulas da vida que o futuro notoriamente caprichoso pode trazer.”<sup>21</sup>*

A angústia experimentada pelos desafios impostos pela modernidade na formação daquilo que Bauman definiu como construção da identidade, tem na religião um apanágio que não pode ser negligenciado. A religião oferece uma resposta, uma compreensão do mundo, e ao mesmo tempo indica um caminho alternativo para aqueles que desejam reorganizar suas vidas dando-lhes um novo sentido e experimentando novas emoções.

Uma das principais causas desse sentimento de angústia provocado pela modernidade está relacionada com a doença, quando os indivíduos se defrontam com sentimento de isolamento e a ciência médica consegue apenas engendrar respostas bioquímicas e fisiológicas para o mal. Em seu estudo sobre as doenças, François Lapalatiné<sup>22</sup> fala que a questão fundamental do “porquê” não é respondida pela ciência, nem mesmo pela sua vertente mais preocupada com o emocional e a psique humanas, que é a psicologia. Essa questão é fundamental para o indivíduo que anseia por uma resposta. Essa dimensão parece transcender as idiosincrasias culturais, e aqui eu me remeto ao clássico estudo do prof. Evas-Pritchard sobre a bruxaria entre os azande. Os azande buscavam explicar o porquê de determinado

---

<sup>21</sup> FEATHERSTONE, Mike. Cultura de consumo e pós-modernismo. Op. cit

<sup>22</sup> LAPLANTINE, François. Antropologia da doença. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. P.219 e 220

acontecimento recorrendo para o conceito de “bruxaria”. Isso os possibilitava a compreensão das razões que levavam, por exemplo, um artesão experiente ter uma de suas obras destruídas ou danificadas. Pela sua experiência, este artesão sabia quais passos devia seguir para a produção de um vaso ou qualquer outro objeto de cerâmica e se ele procedesse de forma prudente, a única explicação que restava, relevante para o grupo, era justamente a de que o dano ou acidente só poderia ser obra de bruxaria.

Pritchard ainda relata outros exemplos, mas sempre a questão que subjaz as explicações dadas pelos nativos é a do por que, justamente naquela ocasião, aquele acidente se processou. Ele poderia ter ocorrido em diferentes momentos, mas qual a razão dele ter ocorrido exatamente naquela hora e com aquelas pessoas:

*“o zande sabe que os esteios foram minados pelos térmitas e que as pessoas estavam sentadas debaixo do celeiro para escapar ao calor e a luz ofuscante do sol. Mas também sabe por que esses dois eventos ocorreram precisamente no mesmo momento e no mesmo lugar: bruxaria.”*<sup>23</sup>

A doença na modernidade é considerada maldição que impede o indivíduo a possibilidade de gozar de uma felicidade proporcionada pelo conforto moderno e pela experiência das emoções disponibilizadas. A religião elenca outras explicações que não excluem àquelas dadas pela medicina, muitas vezes definindo um “inimigo”, uma entidade má que atua para justamente desequilibrar o homem. Ela dá um motivo daquela pessoa, no contexto de sua vida, ter desenvolvido certa enfermidade. Nesse sentido, é importante ressaltar uma importante diferença das Igrejas pentecostais e mais especificamente da IBL, que é meu objeto de pesquisa: são religiões que pregam que Deus deseja que todos os que nele acreditam tenham vida em abundância. Não são defensores da resignação diante da vida ou dos ditames divinos, mas são sim cobradores das promessas de Deus. Claro que Ele exige nova postura desse fiel diante da vida, uma obediência às leis, mas é também um Deus que cumpre as promessas que tem para cada indivíduo. No caso das enfermidades, este deus é um Deus que cura, que repara a saúde do fiel ou, para usar um termo mais comum a eles, é um Deus que restaura e liberta. Como observou François Lapalatin:

---

<sup>23</sup> EVANS-PRITCHARD, E. E; GILLIES, Eva. Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005. 255p.

*“Observemos, entretanto, que, qualquer que seja a representação adotada (infração contra Deus, contra as divindades, contra os mortos, contra ‘seu próximo’ e, portanto, contra a sociedade) o que está sempre envolvido são as noções de responsabilidade, de justiça e de reparação, que são certamente noções sociais”* <sup>24</sup>

Jesus cura e restaura vidas. A doença é um mal, uma injustiça contra os homens e Deus está ali para reverter essa situação. Mas para isso acontecer depende do indivíduo aceitá-lo como salvador e reorganizar sua vida na direção oposta a do pecado. Reorganizar sua vida significa confiar na justiça de Deus, tomar nova orientação para reparar, curar, libertar sua vida do pecado e do mal. É interessante notar que hoje a medicina discute muito a importância dos pacientes estarem em estado de tranquilidade psicológica para o sucesso do tratamento de saúde. Discute-se, inclusive, a importância da fé para esse objetivo. O que a religião oferece é algo que a medicina, talvez, nunca poderá ser capaz. Ela promete uma cura que não se limita ao mal do corpo físico, mas que vai além e por isso coloca a doença como mais uma consequência do maligno na vida das pessoas, mais um efeito do pecado que somado a outros – como a falta de trabalho; de dinheiro; a falta de perspectiva na vida amorosa; da angústia que as mudanças aceleradas, típicas das sociedades modernas, impõem aos indivíduos com suas escolhas; enfim, com a multiplicidade de opções para a construção da identidade individual em detrimento do esfacelamento das identidades coletivas – criam um sentimento de desesperança em muitas pessoas.

Portanto, o sentimento de angústia tem muitas causas concorrentes e uma das suas válvulas de escape ou, colocando de outra forma, uma das possibilidades é enxergar a realidade através daquilo que Campbell chamou de “hedonismo auto-ilusivo”, ou o uso da imaginação como forma de retirar da experiência algum sentido. Uma dessas possibilidades é aquela entregue pela sociedade de consumo, não é a única. A luta política de um “romantismo revolucionário” também poderia ser vista como uma tentativa de compreender, dar sentido ao mundo e também atuar nele para modificá-lo. Mas a busca de sentido dada pelo consumo é diferente, a começar pelo individualismo a ele inevitavelmente associado. Enquanto que no “romantismo revolucionário” existe um sentimento de doação e entrega, no hedonismo contemporâneo a busca é egoísta e a satisfação individual. De certa forma, muitos indivíduos buscam no consumo a satisfação de anseios, a experimentação de sensações que geram prazer

---

<sup>24</sup> LAPLANTINE, François. Antropologia da doença. Op.Cit. P.229

e, a valorização dessas experiências, intenta a obtenção de um sentido calcado na busca incessante de “gozar a vida”.

Talvez seja melhor deixar que os fiéis falem de sua experiência anterior à conversão. Durante meu trabalho de campo tive a oportunidade de conversar com uma senhora a quem chamarei aqui de Silvia. Ela relatou que sua neta um dia apareceu com uma mancha no rosto e que precisou fazer alguns exames. Antes, ela me alertou que na família dela as pessoas morrem ou de câncer ou de doenças do coração. O diagnóstico da neta falava de um tumor, mas Silvia não disse se era maligno ou benigno, e imediatamente uma cirurgia foi marcada. Silvia contou que assim que soube desse diagnóstico, pôs-se imediatamente a orar com um forte fervor. Em seus pedidos a Jesus, “Médico dos médicos”, ela pediu que alguém aparecesse e desse para a sua neta um remédio que a curasse e, assim, tornasse desnecessária a cirurgia. No dia da cirurgia, um imprevisto impediu sua realização. Silvia não entrou em detalhes aqui, pois estava ansiosa para me contar o desfecho, segundo me confidenciou, havia sido Deus quem impediu que sua neta fosse para a mesa de cirurgia. Uma tia da menina, médica-dermatologista, receitou para a sobrinha um remédio que paulatinamente foi fazendo desaparecer a mancha até que a médica que cuidava dela e que havia marcado a cirurgia, não encontrasse necessidade mais dessa intervenção<sup>25</sup>.

Outro caso foi de uma senhora que aqui chamarei de Maria. Ela é pastora na IBL, não de formação e preparação intelectual, mas de inspiração. A diferença é que ela assumiu essa função por inspiração divina, foi Deus quem a levantou para ministrar a palavra, mas ela nunca fez um curso preparatório para se tornar uma pastora. Ela também fez um relato de cura, mas antes me advertiu que nunca concordou com os testemunhos que falam muito da vida anterior do fiel antes da conversão, porque esses testemunhos não honram a Deus, mas sim ao inimigo. É preciso, disse ela, relatar a grandeza de Deus e por isso me falou da obra dele na sua vida como a cura de sua mãe que sofria de um câncer no fígado e esôfago. Sua mãe foi operada e removeu uma das partes afetadas, mas isso não trouxe a cura desejada e assim uma nova cirurgia seria agendada. Maria disse que orou a Deus com uma forte ênfase, quase como cobrança de uma promessa, e confidenciou a Ele que não aceitaria aquela situação, uma nova cirurgia ou que ela viesse a óbito por causa dela. Fez a oração diante de um vidro de Luftal, depois ministrou à sua mãe o medicamento que, além do efeito químico (que com certeza não teria elementos para curar um tumor), carregava bênçãos, misericórdia e amor divinos que foram os responsáveis pela cura. Após sua mãe ter tomado o remédio,

---

<sup>25</sup> Pesquisa de Campo realizada na IBL no dia 23-11-2009

segundo contou Maria, ela teve uma crise de diarreia e vômitos e junto com a impureza das excreções do organismo, saía a impureza da doença causada por um mal que não era apenas físico, mas que transcendia o químico e o biológico e impedia que uma promessa feita por Deus se concretizasse. Os exames seguintes, segundo Maria, comprovaram a cura de sua mãe<sup>26</sup>.

O que tem em comum esses relatos é de que a cura é antes de tudo uma benção divina, ainda que a medicina tenha atuado com suas intervenções terapêuticas. Contudo, transmitem certa descrença na ação da ciência, pois nesses dois relatos especificamente, a cura é indubitavelmente divina. No relato de Maria, o remédio usado é apenas meio para a ação de Deus que poderia ter operado de outra forma se assim fosse conveniente. Não era remédio recomendado para o tratamento quimioterápico de um tumor, o que retira dele qualquer possibilidade de eficácia química. Já no primeiro relato, a medicina é afastada em decorrência de um acontecimento fortuito, o adiamento da cirurgia. Melhor dizendo, fortuito talvez não seja a melhor definição, pois ali é visto por Silvia a manifestação do divino, já que em seguida um remédio, não definido, mas que podemos supor de natureza semelhante ao que Maria menciona em seu relato, promove a cura da sua neta.

Não se trata, no caso das igrejas cristãs de matriz protestante reformada, de negar o mundo ou de propor uma fuga desse mundo, mas ao contrário, é uma proposta de ação nesse mundo, de uma reforma de conduta, de uma contemplação que é feita na mudança de atitude, de postura, no assumir de uma nova posição ética. A religião estabelece poderosas e penetrantes disposições e motivações nos indivíduos a partir, como coloca Geertz<sup>27</sup>, do ajuste das ações humanas a uma ordem cósmica. Assim, a religião dá a esse indivíduo uma resposta à angústia experimentada pela vivência nas sociedades modernas, onde a construção da identidade, o medo de relações fugazes quando se busca estabilidade, a ansiedade provocada pela possibilidade da perda de um emprego, pelo sentimento de inadequação, de tempo que rareia diante de tantas coisas ainda por serem feitas para realização profissional e pessoal. Ela amansa o fiel que experimenta um novo olhar para a realidade, uma nova forma de ver o modo como essa sociedade funciona, ao mesmo tempo em que se imbuí a tarefa de agir para mudar essa mesma realidade naquilo em que ela não se adequa ao modelo cristão.

A crítica aqui não é revolucionária, no sentido que o termo adquiriu ao longo dos últimos séculos. É antes uma reforma, digamos assim, do que uma aceleração de processos de mudança. Não existe uma negação ou crítica ao modelo capitalista em si, mas sim ao excesso

---

<sup>26</sup> Pesquisa de Campo realizada na IBL no dia 16-12-2009

<sup>27</sup> GEERTZ. Op. Cit. P. 109

na experimentação de sensações e emoções que a modernidade oferece. O modelo de trabalho, ainda que percebido como uma tarefa árdua por causa da queda do homem, não é criticado enquanto modelo de divisão social do trabalho, sendo que na verdade existe um esforço em sentido oposto, o de preparar o melhor possível seus fiéis para se colocarem nesse mercado. Em resumo, os problemas financeiros são tidos como individuais, de responsabilidade do indivíduo, e as questões macroeconômicas têm pouca importância. Isso tem estreita relação com o fato da religião batista, ao longo de sua história, ter sido uma fé onde o indivíduo tem grande importância. Isso fica claro na fala de um pastor durante um culto na IBL. Durante sua pregação, ele disse que Deus não se aproxima de pessoas preguiçosas, e que o problema não é a falta de emprego, mas o conformismo e a preguiça. A culpa, segundo ele, é do indivíduo e tudo depende de sua vontade e de seu valor<sup>28</sup>.

Dessa forma, podemos perceber melhor que a religião batista apresenta um Deus imutável em sua ontologia, que é o mesmo ontem, hoje e sempre. Com Ele, uma gama de valores igualmente seguros aponta ao fiel um caminho, uma nova forma de entender o mundo e uma nova forma de se colocar nele. Trata-se de incutir nos indivíduos disposições e motivações que formem uma nova conduta na vida. Aqui cabe definir o que seriam essas disposições e motivações e quais as diferenças principais entre elas. Sigo as definições de Geertz<sup>29</sup> sobre os dois conceitos. Os motivos têm “molde direcional”, dependem, para ter significado, dos objetivos que pretendem alcançar. É o que move, a razão, o motor que visa a consecução de um fim. As disposições seriam inclinações, sendo que elas variam em termos de intensidade, surgem de certas circunstâncias sem um objetivo definido. A disposição é a tendência, o temperamento ou a possibilidade para que tal ato aconteça, o que não significa que de fato ocorrerá.

Em meu entendimento, o conceito de “disposições” engendrado por Geertz pode ter uma aproximação com o conceito de hegemonia pensado por Gramsci. Hegemonia é direção política e cultural, não a imposição e a simples repetição de valores, ações e conceitos. Não torna os indivíduos autômatos, mas condicionados a uma dada direção onde teriam certa liberdade de escolhas e manipulação dos valores dominantes. Como sugeriu certa vez o prof. Pierre Sanchis<sup>30</sup>, a Hegemonia colore a sociedade com seu tom, sendo que essa tonalidade tem maior ou menor profundidade entre os diferentes indivíduos. Assim, a hegemonia moldaria um conjunto de disposições, uma vez que a definimos – partindo de Geertz – como

---

<sup>28</sup> Culto dos Empresários ocorrido dia 16/03/2009

<sup>29</sup> GEERTZ. Op. Cit. P. 111 e 112

<sup>30</sup> Essa sugestão me foi feita pelo prof. Pierre durante o curso de Pesquisa Antropológica I.

inclinações, tendências para que tal ação se concretize ou não. Alguns valores, idéias, conceitos e formas de compreender o mundo são escolhidos, em detrimento de outros possíveis, por uma dada sociedade e se tornam dominantes, ou seja, hegemônicos. As disposições estariam mais associadas com as ações desses indivíduos, quando eles instrumentalizam, filtram e manipulam esse conjunto de conceitos, idéias e valores que constroem a visão de mundo dominante, sendo que a disposição exprime uma tendência disso ocorrer e não a fatalidade dela. A disposição é do indivíduo enquanto a hegemonia é social, cria disposições sociais, digamos assim.

As religiões estão em luta entre si, digladiam-se pelo monopólio da salvação, como caracterizou Bourdieu: A oposição entre religião e magia, manipulação legítima e profanadora, dissimula oposições de competência religiosa e que está ligado à estrutura de distribuição de capital cultural<sup>31</sup>. Ou seja, elas definem um conjunto de valores que pretendem ser hegemônicos, mas que para isso se digladiam contra alguns valores mundanos e de outras formas de se relacionar com o sagrado, enquanto alguns desses valores não religiosos são reinterpretados segundo a palavra sagrada. É o caso do “trabalho” enquanto valor fundamental. Weber em sua obra “a Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”, fugiu da armadilha que colocava infraestrutura como elemento determinante para a formação dos aspectos culturais, como se estes fossem apenas reflexos do primeiro. Uso aqui o termo infraestrutura baseado no conceito marxista, me referindo basicamente à capacidade produtiva, a força de trabalho e a divisão social do mesmo nas sociedades capitalistas modernas. Contudo, a religião, enquanto sistema cultural, não pode ser lida como totalmente independente dessa estrutura da sociedade, pois com ela sempre dialoga e muitas vezes de maneira conflituosa. O trabalho dentro das sociedades capitalistas tem um valor simbólico importante, pois com ele muitos indivíduos se sentem socialmente valorizados, sua dignidade reconhecida e membros ativos no processo produtivo ao qual contribuem com sua parcela. Reinterpretado em termos religiosos, o “trabalho” ganha aspecto de missão e não apenas de elemento fundamental do processo produtivo. Trabalha-se para honrar a Deus, como vocação, definido por Weber como: “*A valorização do cumprimento do dever nos afazeres seculares como a mais alta forma que a atividade ética do indivíduo pudesse assumir*”<sup>32</sup>. Em resumo, é dada uma nova significação, essa de caráter religioso, a uma atividade que ocorreria no meio secular.

---

<sup>31</sup> BOURDIEU, Pierre. Gênese e Estrutura do Campo Religioso in: A Economia das Trocas Simbólicas. Op. cit

<sup>32</sup> WEBER, Max. A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo. Op. Cit. P.65

Assim, muitos aspectos da vida dessas pessoas se modificam após a conversão. As modificações não ocorrem de uma vez, mas constituem antes um processo. Antes dessa conversão, muitos indivíduos experimentam certa angústia, lidando com problemas como doenças, dificuldades financeiras, desemprego e outros que alimentam sentimentos de desesperança nessas pessoas. Chegam à IBL em busca de segurança emocional, pretendendo reorganizar suas vidas em um novo sentido, trabalhando para a aquisição de uma nova disciplina. A necessidade que é colocada pelo próprio indivíduo de se recolocar no mundo, de possuir novos instrumentos intelectuais para a compreensão dessa realidade que o cerca.

Em minha pesquisa, a maioria dos informantes sempre quando relata seu processo particular de conversão fala de um vazio sentido e que só foi preenchido com Deus. Um deles foi católico praticante, comparecia a missa todos os domingos, ajudava na Igreja, participava na organização de eventos. Sete anos antes, contudo, buscou Deus em outra Igreja, na IBL, e ali se converteu. Ele fala que sentia um vazio enorme antes da conversão, mesmo indo à missa todos os domingos e frequentando a igreja. Segundo seu relato, questionava muito a Igreja católica e algumas de suas permissões, como a de consentir, em suas barraquinhas em dias de festas tradicionais, a venda de bebida alcoólica. Também questionava o fato da diocese ceder seus espaços para a organização de festas como a do Halloween que, em sua nova forma de compreender a realidade, é uma festa de origem satânica. Sua nova postura passou pela leitura da Bíblia na qual encontrou discrepâncias entre a prática do catolicismo e a filosofia ali descrita. De sua leitura da palavra, passou a enxergar aquilo que caracterizou como “alguns erros” dentro da Igreja. Além disso, a missa não era inflamada como a pregação do pastor no culto, algo que o emocionava. É importante que se diga, contudo, que sua leitura não era isenta de controle ideológico da Igreja. Isso seria negar a intencionalidade da IBL em criar uma visão de mundo hegemônica.

Outro informante disse que havia sido curado dentro da Igreja da IBL de uma enfermidade não definida por ele, mas genericamente chamada de paralisia, os médicos o haviam desenganado, jamais voltaria a andar. Acrescentou ainda que também estava quase cego, mas não mencionou se a cegueira e a paralisia teriam a mesma origem. Seus problemas de saúde ele atribuiu a um estilo de vida voltado para a bebida, o sexo e as drogas. O desregramento na sua conduta social gerava uma alteração não regulada em seu organismo. Mais do que uma relação de causa e consequência entre comportamento e geração de doença, existe outra correlação em que o excesso é visto como a quebra de padrões de comportamento que alteram o padrão de funcionamento do organismo, tendo como fundamento a mesma origem, o mesmo mal, ou seja, o inimigo. Não é o desconhecimento das causas orgânicas da

doença, mas outra forma de entender seu aparecimento, o que fica mais claro quando o indivíduo não tem uma causa biológica aparente para estar doente. O inimigo é o que quebra a regulamentação, a regra ou a lei, seja insinuando ou agindo diretamente. Pode ocorrer na forma de um comportamento calcado no vício, no excesso ou no aparecimento de uma doença, de toda forma ele é a causa última de todo mal. O mundo apresenta uma série de seduções para que o indivíduo “saia da linha”, para que rompa com o padrão, e todas, em última instância, têm a influência do mal.

Uma senhora, embora não tenha feito um relato de sua conversão, disse que seu filho só experimentou paz após se converter. Ele sempre teve empresas muito lucrativas, onde havia muito lucro, mas também muitos gastos, sem que ele tivesse controle de para onde ia esse dinheiro. O inimigo é insidioso, sua ação ocorria quando a secretária esquecia-se de lembrá-lo das datas de renovação de contratos, por exemplo. Além da questão financeira, a vida pessoal também não caminhava bem, o rapaz e a esposa estavam pensando em separação na época em que os problemas financeiros começaram a se avolumar<sup>33</sup>.

Outros relatos somam-se a estes, tornam-se testemunhos nos púlpitos e reforçam a eficácia de Deus no amparo para lidar com diferentes tipos de problemas. O Jornal “Atos Hoje” eventualmente abre espaço para que algumas pessoas dêem seus testemunhos. Grande parte deles segue um “roteiro” básico que poderia ser resumido como sendo da fuga do pecado para a salvação em Jesus. A vida sem Jesus, a do antes, mas que pode também ser a do após a conversão devido a alguma recaída, é angustiante e aflitiva, as pessoas relatam uma experiência onde não conhecem paz. Após a conversão a vida muda, pois agora se está amparado em um Deus que, como pai, a todo o momento age em prol de seus filhos. É o caso de um casal membro da IBL que colocou seu testemunho em uma das edições do periódico da Igreja<sup>34</sup>. O casamento de ambos passou por uma série de dificuldades que são atribuídas a falta da presença de Deus em suas vidas. Ela se converteu após uma decepção amorosa: *“Até que após o fim de um relacionamento, muito chateada, pra baixo, foi convidada pelo amigo em comum para ir à igreja. Foi quando ela se converteu”*<sup>35</sup>. Em seu relato ela afirma que enquanto Deus se fazia presente em suas vidas – ou colocando de outra forma, enquanto eles permitiam que Deus se fizesse presente – a vida sentimental do casal seguiu sem maiores atribuições: *“Nos primeiros cinco anos de casamento, eu estava muito firme no Senhor e nos casamos com o firme propósito de sermos fiéis e obedientes a Ele, servindo-O, com nossa*

---

<sup>33</sup> Trabalho de Campo realizado em 26/11/2009

<sup>34</sup> “Atos Hoje”Ed. 50 P. 15

<sup>35</sup> Idem

*família, em integridade. Isso é o que nós queríamos*". Mas o mal se insinuou na vida do casal e ameaçou destruir a estrutura familiar. Deixarei que o testemunho fale por si mesmo:

*“Mas o diabo tinha planos contra nós a partir de uma situação mal resolvida minha com um antigo namorado, pois me encontrava insatisfeita [...] E minha insatisfação vinha muito de eu ficar comparando os dois, o R. e esse rapaz, a ponto de eu ficar com saudades ‘do Egito’<sup>36</sup>, do homem que era ‘interessante’ e tudo mais. Eu sentia às vezes saudades e me lembrava. Por causa disso, não havia aquele brilho em nosso casamento. Aí que eu vejo a atuação do inimigo. Por conta disso, passamos, eu e o R., por muitas crises no casamento [...]”<sup>37</sup>*

“Saudades do Egito”, a expressão faz referência à fuga dos Judeus da escravidão do Egito. Sua referência atualiza a Bíblia por falar de uma situação pessoal e contemporânea tendo como referência e metáfora a palavra sagrada. No relato do Êxodo, o povo de Israel lamenta sua sorte no deserto, clamando contra Moisés, falavam que preferiam viver sob o jugo de um tirano, porém bem alimentados, do que livres e padecendo fome no deserto:

*“E toda a congregação dos filhos de Israel murmurou contra Moisés e contra Arão no deserto. E os filhos de Israel disseram-lhes: Quem dera tivéssemos morrido por mão do SENHOR na terra do Egito, quando estávamos sentados junto às panelas de carne, quando comíamos pão até fartar! Porque nos tendes trazido a este deserto, para matardes de fome a toda esta multidão.”<sup>38</sup>*

Quando L. faz menção em seu relato de uma saudade do Egito, ela o faz com certa ironia. A escravidão no Egito da Bíblia é relacionada com sua “situação mal resolvida” advinda de um antigo relacionamento, uma situação que a prendia, que lhe tolhia a liberdade e, assim como o povo de Israel, não lhe permitia ver com clareza as bênçãos que possuía. Era como se tivesse saudade do cativo. Segundo sua visão, ela se comportou de forma semelhante aos hebreus que em meio à fuga no deserto, lamentavam-se pelas privações momentâneas pelas quais passavam rumo a sua terra natal. Da mesma maneira, seu comportamento colocava em dúvida a capacidade de provisão de seu Deus que prometia

---

<sup>36</sup> Grifo Meu

<sup>37</sup> “Atos Hoje”Ed. 50 P. 15 Op. Cit. Os nomes do casal foram omitidos.

<sup>38</sup> Bíblia Sagrada Exôdo 16: 2-3 in:

[http://www.lagoinha.com/biblia/index.php?tema=1&formbusca=Buscar&lvBiblia=AT\\_Ex&maxpag=20&id=21](http://www.lagoinha.com/biblia/index.php?tema=1&formbusca=Buscar&lvBiblia=AT_Ex&maxpag=20&id=21)

ampará-los na viagem de volta. Em resumo, sua saudade do Egito era antes uma falta de confiança em Deus que “levantou” para ela um marido.

Entre os relatos mais contundentes que pude auferir durante meu trabalho de campo está o de um senhor, que aqui chamarei de Valter. Ele trabalhava na divulgação de um encontro de casais promovido pela IBL em um sítio durante um dos “cultos dos empresários” que assisti. Enquanto as canções aconteciam dentro do espaço da Igreja, comecei uma conversa com o senhor Valter que me contou um pouco da sua vida e pude perceber um pouco a maneira como ele enxergava a ação de Deus, que tem um propósito para cada pessoa no mundo. Dessa forma a religião dá para cada indivíduo a certeza de que sua vida tem um sentido mais profundo e que este está associado com as determinações estipuladas pelo Criador. Para o senhor Valter tudo ficou mais claro após a conversão, mas ao olhar para o passado, um acidente de moto é a prova certa de que Deus tem um propósito para ele, que começou a se tornar mais claro, a ganhar contornos mais óbvios, após sua conversão. Ele relatou que um dia, ao trafegar por uma via de alta velocidade com sua moto, sentiu na pele o corte de uma linha de “papagaio” com cerol que quase o degolou. Exatamente para evitar o pior desfecho, o senhor Valter soltou seu corpo, usou os braços cruzados para proteger sua face e tudo isso acabou fazendo-o cair ali mesmo sem que nenhum outro veículo que viesse atrás passasse por cima dele. Ele foi salvo pela intervenção de Deus, segundo relatou, e isso porque esse Deus tem um propósito para sua vida<sup>39</sup>.

Mas sua conversão não se deu nesse momento, mas em outro, que sucedeu a este em alguns anos, e de forma mais dramática, segundo relatou. Dizia que a sua vida antes da conversão era marcada pelo excesso das coisas do mundo que o levavam a desvios na retidão desejada por Deus. Era o excesso de bebida e mulheres, segundo ele. Todos os dias ele cumpria uma rotina que o levava do trabalho, que ainda é o mesmo, por conta própria, para o bar onde conhecia pessoas. Casado, confessou que ficava com outras mulheres na rua, fato que era conhecido por sua esposa que também o traía com outros homens. Embora a traição dele não fosse pública, não era também segredo, e a traição da esposa era motivada em parte pela ciência dela da falta de fidelidade de seu marido. Em parte porque outros elementos contribuía para que a esposa e ele mesmo agissem dessa forma. Junto aos problemas conjugais, outros de características financeiras e profissionais. Quando sua relação com a esposa ia mal, ia também com sua sócia, pois a esposa era sócia de Valter na empresa que tinham. A traição dela só foi descoberta posteriormente por ele e terminou por se tornar o

---

<sup>39</sup> Trabalho de Campo realizado no dia 16/03/2009

estopim da mudança que o acometeria. Essa transformação veio após um momento dramático na vida dele. Um dia, estando disposto a dar fim não apenas a situação, mas também à vida da esposa, armou-se de uma faca e dirigiu-se para o escritório onde trabalhavam. Aconteceu de, no caminho, encontrar o pastor de uma igreja que percebeu seu semblante transtornado e seu estado alterado. Esse pastor encontrou mais a frente a esposa de Valter, que naquele momento encaminhava-se para o escritório e a advertiu sobre o estado do marido. Contudo, o pastor completou dizendo a ela que iria fazer uma oração para que Deus interferisse naquela situação. Tudo isso me foi relatado por Valter que falou que soube desses detalhes por meio da esposa que lhe contou tudo o que havia sucedido antes do encontro. Assim que entrou no escritório, ele relata que uma força inexplicável se apoderou de seu corpo. Ele simplesmente não conseguia levantar a mão e empunhar a faca em direção à esposa. Em seguida foi tomado por um choro convulso e se jogou no chão. Naquele momento ele havia sido tocado por Deus, e foi o primeiro passo de sua jornada para recondicionar sua vida conforme a verdade cristã interpretada na IBL.

Valter se converteu pouco depois e começou a modificar sua vida, inclusive rompendo uma sociedade com uma terceira pessoa porque descobriu que ele desviava recursos da empresa. Tentou salvar seu casamento, segundo me contou, levando a esposa para a Igreja, mas ela se recusou. Valter disse que ela manteve seu estilo de vida e não o acompanhou em sua libertação, a despeito dos esforços que fez para também convertê-la. Por conta disso teve que obter uma autorização especial da Igreja para se separar dela.

Os relatos poderiam ser infinitos, mas todos guardam entre si uma mesma estrutura que vai da crise à libertação. Essa crise é gerada pela experiência da modernidade, não que a modernidade seja o único modelo social a gerar angústia entre as pessoas, pois sempre esse sentimento tem acompanhado a experiência humana. A novidade reside, talvez, no número cada vez maior de razões para se experimentar esse sentimento. Também no fato de que a modernidade prometia ser a criação de um “paraíso na Terra” – talvez, uma imagem por demais forte para o que desejo enfatizar – mas intencionava a superação dos antigos dilemas geradores da experiência de angústia. A ironia é que a própria modernidade terminou por engendrar novas formas de experimentar a angústia, novas razões para o sentimento do medo, e essas novas formas têm uma raiz bem fincada dentro dos modelos e concepções que prometiam ser o apanágio.

## Capítulo II – Razão e Fé

A modernidade pode ainda ser caracterizada quanto a seu modo de encarar a produção de conhecimento. Essa questão não é menos importante visto que está alicerçada na crença de que a razão conseguiria libertar o homem de, entre outras coisas, a sua necessidade de acreditar em divindades. Necessidade, segundo essa mesma concepção moderna evolucionista, cujo apreço pela razão intentou transformar tudo que se relacionava ao divino e religioso em resistência de um passado mais “primitivo”. Era como se a modernidade “descortinasse” diante de olhos maravilhados de uma humanidade perplexa, os segredos que a natureza encobria e os quais a religião não conseguia compreender. Sua nova forma de conhecer abriu perspectivas novas, ao mesmo tempo em que abalou crenças, certezas e gerou insegurança. Como ressalta Marshall Berman, a modernidade é como um turbilhão de permanente mudança e desintegração, lembrando ainda a famosa frase de Karl Marx que disse que “tudo que é sólido, desmancha no ar”<sup>40</sup>.

A modernidade destruíra valores e tinha dificuldades em cunhar novos, pelo menos que perdurassem, exatamente devido a essa sua característica revolucionária. Mas, por outro lado, abriu a possibilidade das pessoas vivenciarem novas experiências, novas sensações e emoções. Sua nova forma de conhecer o mundo ameaçava profanar crenças religiosas arraigadas, colocando em xeque todo um arcabouço intelectual que levou séculos para ser erguido. Isso explica por que muitas vezes as relações entre religião e ciência nem sempre foram as mais amistosas. Talvez o momento mais perturbador possa ser localizado quando a teoria de Charles Darwin sobre a evolução se tornou conhecida. A resistência da religião em relativizar a crença na existência de um paraíso terrestre e de um homem criado a imagem e semelhança de Deus, gerou conflitos que estão longe de cessarem. Seria necessária uma nova pesquisa para se chegar a conclusões mais corretas, mas ao que tudo indica as religiões pentecostais não aceitam bem a teoria darwinista que coloca o homem como mais uma espécie do planeta, igualmente fruto de um processo de seleção natural. Mais do que uma resistência a um novo modelo de explicação, trata-se de algo que penetra em águas mais profundas, atingindo igualmente padrões éticos e de conduta. É o choque com uma referência central dentro do cristianismo, que coloca Deus como o criador de tudo, que preparou um mundo para sua principal criação. Como explicar que um Deus de bondade permita o mal e o sofrimento no mundo sem a razão fundamental que foi a queda? Se a queda não se deu

---

<sup>40</sup> MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Manifesto do partido comunista: São Paulo: Paz e Terra, 1997. 70p

daquela forma, como entender conceitos como o pecado, fruto da desobediência a Deus? Além disso, a temporalidade bíblica tem uma linearidade que poderia ser comprometida pela relativização do livro de Gênesis. Se o começo não se deu conforme está descrito no livro sagrado, como se poderia esperar que as profecias que fecham a Bíblia, o Apocalipse, possam ser cumpridas? O que está em jogo é a verdade divina, deixada para os homens por meio da Bíblia, que nessa interpretação literal, não comporta a possibilidade de alegoria, metáforas ou alusões.

Contudo, isso não significa que o conhecimento técnico-científico fosse desvalorizado pelas religiões, sobretudo nesse caso, as de matriz protestante. Em seu estudo clássico sobre a ciência na Inglaterra do século XVII, o historiador Christopher Hill traça um paralelo entre a produção científica – na época distante do mundo acadêmico ainda dominado pela escolástica – e o puritanismo inglês, afirmando que havia uma separação entre conhecimento natural e sobrenatural<sup>41</sup>. O mesmo se dá atualmente quando se folheia com maior atenção o jornal publicado pela IBL “Atos Hoje”. A palavra “conhecimento” aparece em muitos momentos diferentes ao longo da publicação, aparece, inclusive, na parte de classificados como parte das exigências para o preenchimento de determinada vaga de emprego. O conhecimento tem fundamentação bíblica para os crentes, mas é distinto daquilo que chamam de sabedoria, sendo o conhecimento definido como aquilo a que se aprende na escola, o saber formal.

Existe uma valorização do conhecimento enquanto fomento para a vida profissional. Em relação à ciência, obviamente existem pontos de discordância claros, talvez o mais famoso seja em relação à teoria de Darwin sobre a evolução que, na visão de algumas lideranças religiosas, negaria a maneira como a Bíblia relata a origem do homem e sua filiação com o divino, conforme já mencionado. Diferente dos protestantes do século XVII – que Hill afirma, negavam a experiência do milagre, mesmo na época da Igreja primitiva – os evangélicos contemporâneos subordinam todo conhecimento à palavra, sendo ela a fonte primordial e principal. O pentecostalismo é a crença na atuação do Espírito Santo no cotidiano das pessoas, daí a possibilidade de milagres acontecerem. A fonte básica para o conhecimento pentecostal é a Bíblia. Da mesma forma que o católico recorre aos santos, o crente recorre a Bíblia para buscar nela respostas para os dilemas que o católico entrega nas mãos dos santos<sup>42</sup>.

---

<sup>41</sup> HILL, Christopher. Op. Cit

<sup>42</sup> “ (...) uma vez crente, em lugar da imagem do santo, é a Bíblia que é venerada e lida em sua casa, posta em cima de uma de uma mesa ou de uma estante, bem ao alcance de sua mão, a fim de que possa lê-la quando e como quiser.” – *Origens Religiosa dos Pentecostais in: ROLIM, Francisco Cartaxo. Pentecostais no Brasil. Uma Interpretação Sócio-Religiosa. Ed. Vozes. Petrópolis. 1985*

Dessa forma, o conhecimento que não se subordina ao divino é visto como desafio, algo que teria deflagrado a queda do homem. Em desafio as ordens divinas, Eva comeu o fruto da árvore proibida, a árvore do conhecimento que permitiria aos homens se aproximar de Deus, conseguindo distinguir – assim como o divino – o bem do mal. Esse conhecimento era vedado ao homem que em troca poderia viver no Éden, em harmonia com seu criador. Assim, o conhecimento que dispensa a autoridade da Palavra, que busca caminhos próprios e com isso ocasionalmente desafiando a Deus, é visto com certa desconfiança pelas igrejas pentecostais e, nesse caso, pela Batista renovada. Impossível dissociar o conhecimento religioso de certa moral, e quando esse conhecimento é colocado à prova pela ciência que, supostamente separa a questão moral das questões científicas, a ética religiosa é igualmente contestada. No caso específico da história narrada em Gênesis, a queda do homem é ocasionada pela desobediência cuja razão vem do conhecimento vedado ao homem.

Talvez, possamos pensar que a “moral”, que poderia ser retirada da narrativa da queda, seja que o conhecimento aproxima os homens do divino e quase como que de forma impertinente. Quando pensamos no avanço da genética, nas possibilidades que ela abre e no impacto que pode provocar na sociedade, podemos perceber como a narrativa bíblica é atualizada. Mas deixemos que a narrativa sobre a queda nos revele os detalhes:

*“ORA, a serpente era mais astuta que todas as alimárias do campo que o SENHOR Deus tinha feito. E esta disse à mulher: É assim que Deus disse: Não comereis de toda a árvore do jardim?; E disse a mulher à serpente: Do fruto das árvores do jardim comeremos, Mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: Não comereis dele, nem nele tocareis para que não morrais. Então a serpente disse à mulher: Certamente não morrereis. Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se abrirão os vossos olhos, e sereis como Deus, sabendo o bem e o mal. E viu a mulher que aquela árvore era boa para se comer, e agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento; tomou do seu fruto, e comeu, e deu também a seu marido, e ele comeu com ela. Então foram abertos os olhos de ambos, e conheceram que estavam nus; e coseram folhas de figueira, e fizeram para si aventais. E ouviram a voz do SENHOR Deus, que passeava no jardim pela viração do dia; e esconderam-se Adão e sua mulher da presença do SENHOR Deus, entre as árvores do jardim. E chamou o SENHOR Deus a Adão, e disse-lhe: Onde estás? E ele disse: Ouvi a tua voz soar no jardim, e temi, porque estava nu, e escondi-me. E Deus disse: Quem te mostrou que estavas nu? Comeste tu da árvore de que te ordenei que não comesses? Então disse Adão: A mulher que me deste por companheira, ela me deu da árvore, e comi. E disse o*

*SENHOR Deus à mulher: Por que fizeste isto? E disse a mulher: A serpente me enganou, e eu comi. Então o SENHOR Deus disse à serpente: Porquanto fizeste isto, maldita serás mais que toda a fera, e mais que todos os animais do campo; sobre o teu ventre andarás, e pó comerás todos os dias da tua vida. E porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua semente e a sua semente; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar. E à mulher disse: Multiplicarei grandemente a tua dor, e a tua conceição; com dor darás à luz filhos; e o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará. E a Adão disse: Porquanto deste ouvidos à voz de tua mulher, e comeste da árvore de que te ordenei, dizendo: Não comerás dela, maldita é a terra por causa de ti; com dor comerás dela todos os dias da tua vida. Espinhos, e cardos também, te produzirá; e comerás a erva do campo. Do suor do teu rosto comerás o teu pão, até que te tornes à terra; porque dela foste tomado; porquanto és pó e em pó te tornarás. E chamou Adão o nome de sua mulher Eva; porquanto era a mãe de todos os viventes. E fez o SENHOR Deus a Adão e à sua mulher túnicas de peles, e os vestiu. Então disse o SENHOR Deus: Eis que o homem é como um de nós, sabendo o bem e o mal; ora, para que não estenda a sua mão, e tome também da árvore da vida, e coma e viva eternamente, O SENHOR Deus, pois, o lançou fora do jardim do Éden, para lavrar a terra de que fora tomado. E havendo lançado fora o homem, pôs querubins ao oriente do jardim do Éden, e uma espada inflamada que andava ao redor, para guardar o caminho da árvore da vida”<sup>43</sup>.*

O conhecimento produzido dentro da modernidade modifica a forma como o homem se percebe no universo e seu lugar dentro dele. Há um forte choque com as formas anteriores de conhecimento que, baseadas na concepção de um imutável, tendiam a ossificar-se e, com isso, não comportar questionamentos. Quando o universo é questionado e com ele o nosso entendimento da natureza, questionamos também certa construção mental da compreensão do mundo e, com ela, todo um arcabouço moral que poderia ser compreendido como a consequência prática desse modelo de mundo. A modernidade modifica o conhecimento, questiona e desautoriza as formas anteriores de entendimento, se colocando como a única forma plausível de análise para o mundo. Prometia ao homem a liberdade do que qualificava de obscurantismo intelectual e de crenças arraigadas, cuja consequência seria a intolerância e a ignorância da realidade. O paraíso que, pela religião, o homem havia perdido no alvorecer de sua experiência, parecia uma promessa viável e plausível, desta vez feita pela ciência, de um admirável mundo novo.

---

<sup>43</sup> Gênesis 3:1-24 in: <http://www.lagoinha.com/biblia/index.php>

Mas, como coloca Marshall Berman, a modernidade é uma mudança em nossa ciência, em nosso modo de produzir, na nossa imagem do universo, do incremento exponencial das comunicações, mas ela não conseguiu realizar sua promessa mais audaciosa: a de ser o eixo pelo qual a humanidade se uniria<sup>44</sup>. A modernidade é revolução e mudança em ritmos inconcebíveis pelos padrões das sociedades anteriores, mas, exatamente por isso, criou fissuras em sua forte armadura. Por baixo de sua força, havia fraquezas, pois a modernidade tornou os indivíduos ansiosos, temerosos, sem uma estrutura, digamos assim, de valores e crenças, que pudessem controlar esse sentimento de angústia gerado pela sucessão de mudanças que provocava.

Não que a modernidade tenha sido de tal forma avassaladora, que tenha deitado abaixo todos os padrões de valores éticos e morais até então existentes. Mas ela os abalou e modificou quando não os destruiu por completo, e o que colocou no lugar nem sempre pôde fossilizar-se e uma nova onda mudava a paisagem, sendo necessário novo processo de reconstrução. Esses padrões, contudo, não desapareceram por completo do horizonte, como desejavam e previam os primeiros entusiastas dessa modernidade. De certa forma, eles se reelaboraram, muitas vezes em conflito com a racionalidade científica, mas em outros momentos capitulando diante dessa razão, mas conservando seus espólios e se reorientando.

As religiões contemporâneas, como as que chamamos de evangélicas, abraçaram muitas das consequências da modernidade, mas atualmente levantam a bandeira que alerta: o paraíso prometido por essa não será possível, voltemos nossos olhos para o único capaz de nos fornecer a chave do Éden. O século anterior, talvez o grande século do avanço da razão ocidental, deixou um rastro de mortos e certa desesperança, o que talvez ajude a alimentar o “arsenal” de seus inimigos. Talvez seja tolice esperar que a razão seja o esteio de um futuro que tem uma aparência cada vez mais utópica. Se a razão, com sua ciência, com seu desdém pela moral travadora do progresso, não dá mais aos homens motivos para vislumbrar uma realidade futura melhor que a atual, então os homens voltam-se para a religião que nunca saiu dali e, em certo sentido, promete uma esperança diferente da expectativa da modernidade.

Na narrativa de Adão e Eva, existe o alerta de que o conhecimento, que visa transformar o homem em algo mais próximo de seu criador, é algo que perturba a ordem natural engendrada por Deus. O homem é criatura, mas o conhecimento o torna criador ou potencializa isso de forma a permitir, inclusive, que hoje ele possa manipular a própria criação da vida. Em certo sentido, essa parece ser a barreira final, é como se o segredo da

---

<sup>44</sup> BERMAN, Marshall; MOISES, Carlos Felipe; IORIATTI, Ana Maria L. Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade. Op. Cit.

vida no seu mais ínfimo detalhe caísse nas mãos humanas para ser desvendado. Talvez o último segredo de Deus, cuja revelação quebra-lhe o monopólio da criação. Essa questão apenas reforça o que até aqui foi dito, a forma como o homem refina seu modo de conhecer a realidade, causa perturbações nas concepções anteriores do mundo que se firmavam em outro tipo de conhecimento e se seguravam na certeza de que, por mais grandiosos que fossem os esforços humanos, estes possuíam limites. Um deles era a capacidade de criação. Limitado, deve o homem recorrer ao divino, pois seu conhecimento sempre incompleto não o permitiria superar os dilemas de seu tempo.

Em termos existenciais, se a vida pode ser manipulada, como fica Deus na história? Onde Ele poderia se encaixar nesse projeto cuja promessa passa pela imortalidade? Não proponho tentar sequer esboçar uma resposta para questões como essas e que, de todo modo, dificilmente terá alguma conveniente. Contudo, em períodos de mudanças profundas como esse, onde a ciência parece avançar sobre terreno sagrado – tal como um exército inimigo sobre o campo de batalha repleto de despojos – o sentimento de angústia, aflição e medo é alimentado. São esses sentimentos que criam uma sensação de limite para a capacidade humana e fazem os homens buscarem respostas que ultrapassam o plano material.

---

### Capítulo III - A Construção da Fé

**U**ma religião não se resume a um conjunto de histórias e ritos com fins esotéricos ou metafísicos. Enquanto instituição, as religiões se constituem como focos de produção de filosofias cujo intuito primordial se insere na ação disciplinadora dos indivíduos que assumem a fé. O fiel, após sua conversão, se insere em um processo de aprendizado que visa organizar, planejar, repensar, avaliar a sua ação no mundo. Eis porque pensar a conversão, o assumir uma nova atitude diante da vida e da realidade que cerca as pessoas, é importante para a compreensão da ação da fé.

Mas a conversão não pode ser entendida apenas como um momento, um ritual apenas. Esse momento é importante como linha demarcatória entre o estado anterior e posterior, a nova vida que se assume a partir de então. Contudo, penso em outra idéia de conversão, mais de longo prazo, onde o ritual que a inicia é importante, pois delimita essa conversão a um momento, mas que não se resume a ele. É ponto fulcral, sem dúvida, mas não único e não isolado. Na verdade, entre a conversão e o batismo existe uma diferença importante. Se converter não significa ser imediatamente batizado, mas é como um momento liminar entre a vida antiga e a nova, antes do toque do Espírito Santo que antecede o batismo nas águas.

#### **I - Um Pouco da História**

A Igreja Batista da Lagoinha, ou sexta Igreja Batista de Belo Horizonte<sup>45</sup>, surgiu oficialmente em 20 de dezembro de 1957 quando 30 membros de outras três diferentes denominações batistas romperam com suas respectivas Igrejas e iniciaram os trabalhos que deram origem a Igreja Batista da Lagoinha<sup>46</sup>. Não é objetivo, devido aos limites deste trabalho, detalhar o conflito que originou o rompimento desses membros com suas igrejas. Basta citar aqui que havia conflitos dentro da própria IBL logo após sua fundação. Existia uma razão teológica para isso, pois tomava corpo dentro de algumas denominações batistas, a crença de que o Espírito Santo se manifestava na vida cotidiana das pessoas ainda nos dias de hoje e não apenas no passado bíblico como acreditavam e ainda acreditam, segundo os próprios pastores da IBL que conversei, as Igrejas Batistas de cunho tradicional. Dentre as Igrejas das quais saíram os dissidentes, Igreja Batista do Barro Preto, Igreja Batista da

---

<sup>45</sup> Revista Profetizando Vidas: Ed. Comemorativa 50 anos da Igreja Batista da Lagoinha. [s.n.]

<sup>46</sup> Idem. P.20

Floresta e Primeira Igreja Batista de Belo Horizonte, a segunda é hoje inserida dentro do rol das manifestações renovadas da religião batista, mas as outras são consideradas tradicionais.

Não é questão de pequena monta, pois o primeiro pastor da Igreja Batista da Lagoinha – José Rêgo do Nascimento que vinha de Vitória da Conquista na Bahia, fora batizado pelo Espírito Santo e “ser ‘cheio do Espírito’ era tudo o que ele desejava em seu ministério”<sup>47</sup> – enfrentou dificuldades logo que chegou em BH. Deixemos que a própria Igreja, por intermédio de uma pastora, relate o conflito:

*“O pastor Rêgo recebia convites para pregar em todo o Brasil. E, em uma série de palestras que deu no Seminário Batista do Sul (RJ), os jovens seminaristas lhe pediram para falar sobre o tema: ‘Pentecostes se repete?’. A Unção que veio do alto foi tão grande que os jovens, ajoelhados e prostrados diante de Deus, oraram e choraram. E todos ficaram cheios do Espírito Santo! (...)*

*Após o memorável acontecimento no Seminário, a notícia de que o pastor Rêgo era pentecostal se espalhou; então, houve uma reunião na Igreja para resolver a questão. Foi proposta uma votação entre os membros da Lagoinha para decidir se o pastor Rêgo era pentecostal-herético ou batista. Se fosse considerado pentecostal, ele não poderia mais ocupar o púlpito da Lagoinha. O resultado final foi: 29 votos para batista e 11 para herético.*

*Dois dias após essa decisão, quando o pastor Rêgo e os irmãos foram para a costumeira reunião de oração, não conseguiram entrar no salão de cultos porque a porta estava trancada com novos cadeados. Isto fora feito por dois irmãos que eram líderes da Lagoinha e fiadores responsáveis pelo imóvel do templo. Eles não aceitaram a decisão da maioria e tentaram, em vão, manter o salão com uma minoria fiel aos princípios tradicionais.”<sup>48</sup>*

Com o salão da Rua Formiga – local das primeiras reuniões – trancado, a IBL passou por um período sem lugar fixo para os cultos. Os fiéis ora se reuniam na Igreja Batista da Floresta ora na Terceira Igreja Batista, em espaços cedidos por essas instituições. Essa situação perdurou até a conquista provisória da sede na Rua Manoel Macedo, no número 163 e logo depois pela compra do terreno situado na mesma rua, mas no número 360. Nesse período, a IBL estava sob a direção do pastor José Rêgo do Nascimento.

---

<sup>47</sup> Idem. P. 20

<sup>48</sup> Idem. P.20

Em abril de 1962, outro pastor, Airton dos Santos Sales, discípulo do pastor José Rêgo, veio do Rio de Janeiro para atuar na IBL. A parceria durou até o ano de 1965, quando o pastor José Rêgo adoeceu. Eram chamados de “renovados” por causa de um programa de rádio conhecido como “Renovação Espiritual”: *“Lagoinha abriu uma nova geração na história do protestantismo brasileiro: no meio dos evangélicos históricos (tradicionais) havia, agora, os renovados (batizados com o Espírito Santo)”*<sup>49</sup>. Até 1968, o pastor Airton comandou a IBL. Em março desse ano, o pastor José Rêgo retornou. Mas a saúde ainda atrapalhava o pastor José Rêgo na condução do rebanho e, por isso, em 1969 o secretário executivo da Convenção Batista Nacional, pastor Ilton Quadros assumiu provisoriamente a IBL até que fosse efetivado um novo pastor. Em dezembro daquele mesmo ano, o pastor Reuel Pereira Feitosa assume a IBL, dirigindo a Igreja até 1972. Sua saída está ligada ao pedido de demissão do pastor José Rêgo, liderança tida como muito querida entre os fiéis. Sem saber qual decisão seria a melhor *“(...) o pastor Reuel sentiu a direção de entregar o cajado da Lagoinha”*<sup>50</sup>.

Novamente, a direção da IBL foi assumida pelo pastor Ilton Quadros. Mas em maio de 1972, ele viaja até Brasília para convidar um pastor para assumir a direção da IBL em Belo Horizonte. Uma fatalidade, entretanto, impede que o pastor Ilton atinja seu objetivo, um acidente de carro o deixa hospitalizado e, durante sua estada no hospital, recebeu a visita do pastor Márcio Valadão, membro da IBL e que retornava de Ponta Grossa onde trabalhava em missão evangelizadora. O pastor Márcio foi convidado pelo pastor Ilton para assumir a direção da IBL enquanto ele se recuperava. O que era inicialmente uma situação provisória tornou-se permanente quando a comissão consultiva da igreja resolveu o empossar na direção da IBL.

Com a o pastor Márcio à sua frente, a IBL conheceu um período de reorganização institucional. Cada departamento da igreja passou a ter um pastor na direção, sua infraestrutura também ganhou novidades, com a construção de um prédio para a educação religiosa ao lado do templo central. Novos departamentos foram criados e também um veículo de comunicação, o jornal “Atos Hoje”, periódico até hoje publicado pela IBL e que conta, inclusive, com uma versão digital que pode ser baixada no site da igreja. A igreja ganhou uma escola de ensino fundamental que, além do ensino regular, ainda tinha como objetivo a formação cristã. Mas talvez o grande símbolo desse processo de expansão tenha sido a construção do novo templo da IBL, projeto que começou a ser gestado em 1982, com o

---

<sup>49</sup> Idem P. 20

<sup>50</sup> Idem P. 22

projeto de aquisição dos terrenos que cercavam a sede da igreja no bairro da Lagoinha em Belo Horizonte. A igreja se expandia baseada na criação de frentes missionárias e o estabelecimento de congregações. Em 1987, o pastor Márcio Valadão emancipou essas congregações, que se tornaram igrejas independentes, como a Igreja Batista Getsemani<sup>51</sup> que também é apresentada no rol das igrejas de cunho batista renovadas.

A década de 1990 foi marcada pelo crescimento das igrejas pentecostais no Brasil e a IBL fez parte desse processo. Segundo o pastor Richard, com quem gravei uma entrevista, o número de fiéis da IBL aumentou muito nessa década, sendo que hoje eles contabilizam cerca de 40.000 fiéis<sup>52</sup>. A Escola Cristã tornou-se Colégio Cristão e o Centro de Formação de Obreiros “(...) veio substituir a Escola da Bíblia, embrião que se transformou em Faculdade de Ensino Teológico, FATE-BH, hoje, sem vínculos com a igreja.”<sup>53</sup>. Ministérios para a evangelização de surdos e cegos foram criados e isso parece ser uma característica importante da IBL. Ela parece se preocupar em falar a linguagem das diferentes “tribos urbanas”, possuindo ministérios para cada um desses diferentes grupos, como o ministério que congrega “rappers” e tenta falar a língua do que se convencionou chamar de “guetos”. Há também um ministério para motoqueiros, “Águias de Cristo”, que usam jaquetas de couro e admiram as motocicletas Harley-Davidson.

A igreja também é preocupada com o controle da comunicação e do conhecimento, ciente da importância que a informação adquiriu nas sociedades modernas contemporâneas. Além dos cursos que oferece e da criação de suas escolas de ensino regular, a igreja possui também um ministério que tem a responsabilidade de produzir CDs e DVDs com músicas e shows evangelizadores, é o ministério Diante do Trono, talvez o mais conhecido da IBL. Um senhor pernambucano me disse, dentro do salão Esperança no templo maior da igreja, que na casa dele entrava apenas produtos culturais religiosos, sobretudo do selo Diante do Trono, retornarei a essa conversa mais à frente. Além do selo e da produção de CDs, hoje a IBL conta com um canal de TV que utiliza de uma linguagem moderna com programas direcionados para diferentes públicos. Os anos que se seguiram foram marcados pela idéia de expansão. No relato da pastora Ângela Valadão, ela informa que o jornal “Atos Hoje” chegou a ter sua publicação interrompida durante um tempo, tendo sido retomada em 2003<sup>54</sup>. Nesse mesmo ano, a igreja inaugurou seu portal na internet, novamente demonstrando sua preocupação em ocupar as novas mídias. Esse crescimento, pelo menos o que deixa

---

<sup>51</sup> Entrevista concedida pelo pastor Richard em 17 de Junho em 2009

<sup>52</sup> Idem

<sup>53</sup> <sup>53</sup> Revista Profetizando Vidas. Op.Cit. P. 23

<sup>54</sup> Idem

transparecer no relato da pastora, ocorreu, sobretudo durante a direção do pastor Márcio Valadão, atualmente a principal liderança da IBL. É bem provável, contudo, que tal deva ter sucedido, pois o pastor tem quase 40 anos na direção da IBL e instaurou durante esse tempo uma administração empresarial. Isso remete à idéia da existência de um mercado da salvação, onde as religiões lutariam pelo seu monopólio. Se existe um mercado, é absolutamente racional que a igreja se organize em termos empresariais.

## **II – A Construção da Fé**

A crença na manifestação do Espírito Santo é fator que não pode ser desconsiderado quando se analisa a atuação da IBL junto a seus fiéis. Pois é essa manifestação que os permite assumir para si e para a comunidade da Igreja, uma nova postura diante da vida, baseada na forte crença de que são capazes de superar qualquer obstáculo encontrado em seu cotidiano, não importa quão grande possa ser, pois o convertido está debaixo da unção do Espírito Santo manifestando sempre no auxílio ao “verdadeiro” fiel.

A IBL, portanto, surge como uma Igreja de renovação espiritual, compartilhando com as chamadas Igrejas Pentecostais, a fé na manifestação do Espírito Santo no dia-a-dia das pessoas. É sob o signo dessa renovação que a IBL se constituiu ao final da década de 1950, em Belo Horizonte, produzindo um discurso para seus fiéis e também para a comunidade batista e cristã de um modo geral, que paulatinamente foi angariando simpatias e conversões. Ela chega ao começo do século XXI, em seu jubileu de ouro, contando com mais de quarenta mil fiéis, no rastro do crescimento de diferentes denominações cristãs evangélicas na década de 1990.

A conversão que, como dito antes, não pode se entendida apenas como um momento ritual único, uma transição que leva o indivíduo de uma vida anterior para uma nova ulterior. É um processo em que o indivíduo vai aos poucos compartilhando de uma intimidade maior com Jesus Cristo, algo, portanto, lento e gradual. Entre a conversão e o batismo, o indivíduo fica como que em uma fase liminar, no sentido que Turner atribui ao conceito, onde é construída lentamente uma nova forma de compreender o mundo. Contudo, essa liminaridade não é perigosa, como diz Turner<sup>55</sup>. Nesse período, após a conversão, o indivíduo não é mais “do mundo”, embora ainda não seja batizado pelo Espírito Santo, coloca-se em uma situação intermediária que não tem prazo estipulado para terminar e varia de indivíduo para indivíduo. Porém, o aprimoramento da fé, de fato, não termina nunca, sendo constantemente depurada,

---

<sup>55</sup> TURNER, Victor Witter. O Processo Ritual: estrutura e antiestrutura. Petropolis: Vozes, 1974

tanto pelo indivíduo quanto pela própria teologia da Igreja. Trata-se da construção de uma relação com Deus que não ocorre da noite para o dia, por isso é processual e toma um ritmo variável conforme a atuação do fiel. Alguns são batizados em seguida à conversão, mas outros podem levar anos. É o caso do Luís que contou que frequenta a IBL desde 2002, mas seu batismo nas águas ocorreu apenas há seis meses<sup>56</sup>. Outros relatos dão conta de batismos que se seguiram à conversão com diferença apenas de semanas ou meses.

Essa intimidade se firma, mas não se limita, no conhecimento da Palavra por parte do fiel. Respeitando a tradição protestante, a IBL incentiva seus fiéis à leitura e estudo da Bíblia, não apenas nos espaços e situações preparadas ou propícias para isso, mas também no cotidiano, para enfrentar dilemas e atuar na vida pessoal e profissional. Os livros da Bíblia são sempre atualizados nessa leitura do fiel, que tem alguma liberdade na interpretação das escrituras. Mas a intimidade com Deus é também construída nessa nova postura diante da vida e no ganho que isso traz para a pessoa, em termos avaliativos, que colocam certas formas de superação de dilemas como “vitória” ou “sucesso”. Nesse sentido, podemos perceber uma diferença entre os chamados protestantes históricos e os evangélicos. A fé em Lutero está centrada na idéia de salvação, enquanto que entre os grupos evangélicos, que embora não abram mão dessa concepção, ela se desdobra também numa fé que gera uma nova confiança no indivíduo, mexendo com sua auto-estima. Trata-se de uma fé mais prática, para a solução de questões mais imediatas.

A construção dessa intimidade se processa também pelo incentivo da Igreja no oferecimento de cursos, nos cultos e nos aconselhamentos pastorais nas células. Aqui é importante que sejam tomados alguns cuidados. A leitura da Bíblia por parte do fiel não é absolutamente livre, pois do contrário não haveria a necessidade deste procurar uma Igreja, a interpretação é delimitada pela Igreja, não sendo isto uma exclusividade da IBL, mas de qualquer instituição religiosa que deseja controlar os recursos da salvação. Ela estabelece fronteiras que não podem ser ultrapassadas pelo fiel em sua leitura e interpretação da Palavra. Contudo, dentro do espaço delimitado por essa fronteira, o fiel tem livre trânsito o que lhe permite atualizar, sempre que necessário, as histórias narradas pela Bíblia. A Igreja não tem controle sobre as diferentes apropriações feitas pelos fiéis das narrativas bíblicas, mas isso não implica dizer que não exista um fio condutor que ligue essas diferentes interpretações, em cada uma delas é possível enxergar uma coloração dada pela Igreja. A IBL dá um sentido, um rumo ou direção para elas que guardam entre si algo em comum, é assim que ela constrói sua

---

<sup>56</sup> Entrevista concedida no dia 26 de Novembro de 2009 no templo da Igreja Batista da Lagoinha

hegemonia. Essa não é a simples imposição de uma ideologia, mas sim as diferentes possibilidades de apropriação dos recursos disponíveis dentro de um modelo interpretativo da realidade.

A intimidade assim começa a ser construída no momento da conversão, na aceitação de Jesus Cristo como salvador e advogado dos homens diante de Deus, mas ela não tem prazo de conclusão. A intimidade, enquanto um aprendizado da e na Palavra, não é um processo que possua um tempo de duração e por essa razão a IBL sempre oferece diferentes formas de compreensão e aprendizado da palavra de Deus. Uma dessas formas são os cursos, alguns pagos e outros não. Para ser membro da Igreja basta a conversão sincera, a aceitação de Jesus Cristo, mas a intimidade, fim último de todo fiel, não pode ser estabelecida pela conversão enquanto momento único e singular na vida do crente, daí a idéia dela ser uma transformação permanente, já que dependente do aprendizado na Palavra, no domínio das leis e da lógica de sua construção. A aceitação de Jesus Cristo como salvador é apenas o primeiro passo de uma longa jornada que não parece ter uma destinação final, embora tenha o destino certo da busca pelo esclarecimento da Palavra, pela luz da fé e de intimidade com Deus.

No centro da busca por essa intimidade está o desenvolvimento da fé pela parte do indivíduo crente. Não são poucas às vezes que pastores sobre o altar insistem nesse ponto, afirmando que muito do fracasso sentido pelo fiel em sua vida advém da falta de fé, ainda que ele acredite não ser tão descrente assim. Na afirmação da fé, a Bíblia é sempre atualizada, seus livros são constantemente remetidos para temas que falam de perto da vida dos fiéis. Em um dos muitos cultos que tive a chance de participar, o pastor contou para a platéia de fiéis presentes no templo principal da IBL, um evento sucedido em sua vida pessoal. Abriu seu discurso dizendo que ele desejava casar e, “como quem casa quer casa”, o pastor narrou então o ocorrido. Ciente dessa necessidade de encontrar uma casa, disse que esteve avaliando a possibilidade de comprar uma pré-fabricada, acreditando que seriam mais baratas do que um imóvel pronto. Para sua decepção, a casa era mais cara do que esperava e isso gerou nele um sentimento profundo de frustração. Chateado, conseguiu, contudo, retirar disso a lição que naquele momento ele transformava na razão de sua pregação, disse que agiu, naquela circunstância, se deixando abater pelo sentimento de decepção, como o homem insensato que edifica sua casa sobre a areia. Se realmente tivesse confiança em Deus, se sua fé fosse forte o suficiente, ele seria como o prudente que edifica sua casa sobre a rocha. Eis o pastor que revela sua fraqueza na fé diante de uma platéia curiosa por entender, entre outras dúvidas, o porquê, mesmo após a conversão, ainda passarem por situações que lhes causam frustração.

O texto que o pastor naquele momento atualizava diante de um templo repleto de empresários e trabalhadores, está no evangelho de Mateus. É importante então que saibamos o que diz ele no capítulo 7, evocado no sermão acima.

*“Todo aquele, pois, que escuta estas minhas palavras e as pratica, assemelhá-lo-ei ao homem prudente, que edificou sua casa sobre a rocha; E desceu a chuva, e correram rios, e assopraram ventos, e combateram aquela casa, e não caiu, porque estava edificada sobre a rocha. E aquele que ouve estas minhas palavras, e as não cumpre, compará-lo-ei ao homem insensato, que edificou a sua casa sobre a areia. E desceu a chuva, e correram rios, e assopraram ventos, e combateram aquela casa, e caiu, e foi grande a sua queda.”*<sup>57</sup>

Uma oposição binária, que coloca em campos opostos rocha e areia, serve de metáfora para falar do sentimento de precisar de Deus de um lado e de auto-suficiência, ou mesmo arrogância, de outro. Continua então o pastor dizendo que confiou muito nele mesmo, achou que poderia resolver sozinho o problema de conseguir uma casa. Com certeza não havia se esquecido de Deus, mas o deixou fora da decisão, o plano estava traçado e não havia como dar errado. Contudo, seus planos não eram os mesmos de Deus para sua vida. Se ele se deixou abater pela frustração é porque havia obscurecido esse fato, o de que Deus tem um propósito para a vida de cada um dos seus fiéis. Essa idéia dá sempre um sentido para a vida das pessoas que buscam na fé um auxílio e uma razão existencial. Antes de o pastor subir ao altar, um fiel, que se apresentou como de classe média alta e próspero, contou um pouco de sua história pessoal. Dono de uma grande empresa de transportes, tinha contratos importantes em termos de valores financeiros. Considerava-se muito bem situado em termos financeiros, muito conforto e luxo, boa casa, mas uma família que não funcionava como ele desejava. Não tinha tempo para esposa e filhos e muito menos para Deus, segundo relatou. Mas um dia, seu principal contrato, o que representava a maior parte de seus proventos, foi cancelado e isso o colocou em uma situação muito complicada financeiramente. Dessa aflição, só teve a paz restaurada quando descobriu Jesus.

Terminada a narrativa, a mensagem ficou clara para aqueles que ali se aglomeravam, a maioria dona do próprio negócio e profissionais que buscavam uma recolocação no mercado de trabalho ou uma melhor oportunidade, era preciso ter confiança em Deus nas atribuições, ainda que esta se revista de falta de dinheiro, dificuldades nos negócios ou falta de trabalho<sup>58</sup>.

---

<sup>57</sup> Mt. 7, 24-27 in: <http://www.lagoinha.com/biblia/index.php>

<sup>58</sup> Culto dos Empresários em 16/03/2009

Ter fé é construir sua casa na rocha e assim ter uma estrutura, uma base para enfrentar a tempestade. O objetivo da pregação naquela noite não foi apenas fazer promessas aos fiéis e pessoas que ali se encontravam em busca de uma solução para seus dilemas, mas sim fortalecer a fé e com isso fortalecer também sua crença na força de superação pessoal, quase que uma forma de auto-ajuda, amparada na idéia de que Deus esta presente e quer resgatar seu fiel.

Edificar essa casa é, portanto, a tarefa que a Igreja se propõe junto dos fiéis de forma a construir indivíduos que repensem sua realidade e vida pessoal a partir de um filtro, da construção de uma filosofia para a leitura do mundo. Gramsci disse que todos os homens são filósofos, ou seja, são detentores de uma visão de mundo, uma cosmogonia, valores, idéias e concepções morais acerca da realidade e da sociedade<sup>59</sup>. Enquanto artefato de construção individual essa filosofia é como um diamante bruto, em seu interior há contradições, excessos, valores arraigados de diferentes matizes e outros que se dissolvem ao contato com a crítica. A Igreja, não sendo essa tarefa exclusivamente sua, lapida esse diamante bruto, visa aparar dele as contradições, delimita fronteiras que não devem ser cruzadas, dá uma direção política, social e cultural para aqueles que abraçam suas crenças, mesmo não podendo controlar as diferentes apropriações que podem ser feitas pelos indivíduos. Para que essa tarefa seja bem sucedida, é preciso que os indivíduos creiam que suas leis (ou leis de Deus das quais são portadores legítimos) têm validade. O fiel julga essa validade, pesa aquilo que lhe é dito do púlpito. Se não fosse possível reconhecer a realidade que o cerca na lei e na verdade bíblica, esta não teria validade, perderia sentido.

Deixemos que a própria Igreja Batista da Lagoinha defina o que é fé segundo seus critérios e interpretação. No jornal “Atos Hoje”, edição 29, o pastor Aluizio Antônio fala sobre a importância da fé definindo-a: fé, portanto, é “(...) *simplesmente uma convicção, uma certeza*.”. É algo de grande importância, adjetivado como batalha para a qual todas as pessoas da Igreja são chamadas. Batalha, pois o diabo tem como missão atuar na tentativa de minar a fé dos fiéis.

*“Toda a estratégia do diabo contra sua vida consiste em minar a sua fé, o que ele faz lançando dúvidas na sua mente. Mas o diabo não lhe lança dúvidas à mente aparecendo para você com um tridente na mão. Antes, ele fala ao seu ouvido, como se fosse você falando*

---

<sup>59</sup> GRAMSCI, Antonio. Introdução ao Estudo da Filosofia e do Materialismo Histórico in: Obras escolhidas. São Paulo: Martins Fontes, 1978. P.21

*consigo mesmo. Ele faz isso para que você pense que aquele pensamento, que ele está soprando, procede de você mesmo.”*<sup>60</sup>

O resultado é que desta forma o fiel não conseguirá mais orar e não conseguirá crer em milagres, pois terá dúvidas sobre o amor de Deus. Em outros momentos, a ação do inimigo leva o crente a ter um olhar muito duro sobre si mesmo e a conclusão é que “(...) *precisa ser perfeito para receber algo de Deus e, naturalmente, você se sente desqualificado e o resultado será a falta de fé.*”<sup>61</sup>. O pastor chama então a Bíblia para reforçar suas colocações, citando o apóstolo Paulo em Gálatas e em Hebreus: “*O viver que agora temos no corpo, devemos vivê-lo pela fé no filho de Deus.*” (GL 2.20). “*O justo vive pela fé, porque sem fé é impossível agradar a Deus*” (Hb 11.6)<sup>62</sup>.

A conclusão é fundamental “*Uma coisa, porém, é fato, é a incredulidade que nos impede de recebermos mais de Deus*”<sup>63</sup>. Deus tem um “oceano” de “provisões celestiais” ao alcance da fé dos fiéis, mas a falta de crença ou sua fraqueza impede o desfrute desse oceano de bênçãos. Assim “*aprender a exercitar fé é, portanto, vital para nosso crescimento espiritual e para entrarmos na posse de todas as bênçãos que já nos foram dadas por Deus.*”<sup>64</sup>. A afinidade com Deus é comparada com a relação estabelecida entre pai e filho, não apenas na analogia de um Deus de misericórdia e amor, mas na construção da confiança. O pastor Aluizio compara essa confiança como a de uma criança que do alto de um muro ouve o comando de seu pai para que ela pule de lá. Se o pai é digno da confiança da criança, ela certamente pulará. A mesma ligação é fundamental na relação de Deus com seus filhos ou fiéis: “*Enquanto você não pular nos braços d’Ele, você não conseguirá seguir suas instruções. O Senhor jamais decepcionou aqueles que esperam nele.*”<sup>65</sup>.

### **III – Dando Sentido ao Mundo**

A religião é também uma forma de entender o mundo, colocá-lo debaixo de uma interpretação que lhe confere sentido. Permite que os indivíduos adquiram e apreendam um sistema classificatório para compreender e agir sobre a realidade. Nas religiões cristãs, esta

---

<sup>60</sup> Jornal “Atos Hoje” – semanário da Igreja Batista da Lagoinha. Ed. 29 de 19 de Julho de 2009. P. 5

<sup>61</sup> Idem.

<sup>62</sup> Gl 2.20 e Hb 11.6 in: Bíblia Sagrada apud: Jornal “Atos Hoje”. Op. Cit. p.5.

<sup>63</sup> Jornal “Atos Hoje” Ed. 29. Op. Cit. P.5

<sup>64</sup> Idem. P. 5

<sup>65</sup> Idem P. 5

classificação parte de uma oposição binária que separa o “bem” do “mal”, dessa oposição inicial básica, outras se desenvolvem, são construídas em consonância com o modelo classificatório original. A importância em perceber as religiões cristãs, e mais particularmente a IBL, como geradoras de sistemas classificatórios, está no fato de que é por meio desses que os indivíduos se tornam agentes interventores, agindo a partir de uma visão de mundo cuidadosamente construída pelo sistema classificatório da Igreja. Esse sistema, enquanto discurso, tem seu poder assentado em uma verdade ontológica revelada pela palavra sagrada, como acreditam seus fiéis. Seu poder é também institucional, como revela Bourdieu<sup>66</sup>, vindo dos depositários da autoridade (pastores, por exemplo) e do lugar de onde o discurso é proferido (a Igreja).

Assim, da oposição original, outras são construídas, sempre dependentes da primeira ou partindo dela. Noções como justo e injusto, bom e ruim, belo e feio, certo e errado, são modelados tendo como princípio formador a oposição binária classificadora entre o que é “bem” e o que é “mal” sendo que, no cristianismo, são personificados nos conceitos de Deus e Demônio. Partindo desses conceitos que bebem na fonte da oposição primária original, se estabelece o critério do que é de Deus ou do diabo, se constrói o modo como os fiéis enxergam e conhecem o mundo, criando disposições e modelando valores. Da noção de “bem” – associado a Deus – constrói-se a idéia do que seja justo, do que é visto como correto, certo e também a noção estética do que é belo - tudo visto como vindo d’Ele, fazendo parte das coisas que o divino deseja e espera dos fiéis. As noções opostas, em contrapartida, que completam os pares associados, são atribuídas ao diabo.

A fonte, de onde se retira as noções do que é “bom” e que, portanto, permite toda a construção do arcabouço intelectual de classificação, é a Bíblia. Essa serve a eles como suporte para uma série de interpretações cuja base é a oposição binária primária do “bem” (ou o que é de Deus), receitado pelo livro; e de tudo o mais, o “que é do mundo” e, para eles, muitas vezes, mas não sempre, o que não é de Deus, representado no seu oposto, “o mal”, aquilo que tem influência do demônio. Ao agirem, com comportamentos guiados pelo sistema classificatório e suas hierarquias subsequentes, os indivíduos são disciplinados, inculcados e formados dentro de normas, conceitos e visões de mundo, que naturalizam a realidade com suas contradições, de forma a resolvê-las dentro de uma visão que integra as oposições e as resolve em uma disputa entre o “certo” e o “errado”. Sucesso ou fracasso, outra dicotomia construída a partir da oposição original, depende, nessa visão, de mais ou menos Deus.

---

<sup>66</sup> BOURDIEU, Pierre; MICELI, Sérgio. A economia das trocas simbólicas. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005

Sucesso ou fracasso em nossa sociedade é algo ligado a aquisição de bens, acúmulo de riquezas e a critérios materiais. Para a IBL, Deus deixou o mundo para que os homens dele o usufruam em abundância, sendo que a não participação no quinhão da fartura está ligada ao modo pelo qual a vida do indivíduo está pautada, no caso provavelmente uma vida ligada ao pecado. A noção de pecado é um elemento que ajuda no processo de criação de corpos dóceis, na assimilação da classificação binária e dá um sentido à experiência do mal, como lembra Geertz<sup>67</sup>, ou seja, uma forma de explicar – e ao fazê-lo, de compreender e assimilar – questões que fogem a lógica inicial de que o mundo dado por Deus está para ser usufruído pelos indivíduos. É uma visão que integra as contradições dentro de um arcabouço intelectual lógico.

A construção de uma intimidade com Deus começa assim a ser delineada no aprendizado de um sistema classificatório que parte da oposição binária entre certo e errado, bem e mal. Tudo isso passa ainda pela produção de uma teodicéia que permite que se combatam algumas angústias geradas nos fiéis quando se deparam com um revés ou dificuldades na vida. Em uma de minhas idas aos cultos da IBL, numa quarta feira à tarde, durante o Culto da Libertação, que ocorre no salão Esperança dentro do templo principal, conheci um senhor que havia chegado à cerca de quatro dias de Recife, Pernambuco. Ele enfrentava sérias dificuldades para se manter em Belo Horizonte. Buscava aqui o que não encontrava lá: trabalho. Mas aqui também não o achou e naquele momento não tinha dinheiro nem mesmo para se alimentar. Ali, ele falou de muitas coisas, disse que era um sonho conhecer a IBL, uma Igreja que ele só via pela TV. Disse que sua família não suspeitava que pudesse estar naquele momento dentro do templo da IBL, clamando a Deus por uma ajuda para conseguir voltar para Recife. Revelou ainda que sua refeição até aquele momento nos últimos quatro dias tinha sido um saquinho de biscoitos maizena que ele trazia na mala. Ali sentado, aguardava a vinda de um obreiro, a pastora que ministrava o culto havia lhe oferecido ajuda para saciar a fome. Mas antes me revelou uma angústia durante nossa conversa, não conseguia compreender porque passava por tantas dificuldades naquele momento. Em sua casa não entrava música do mundo, apenas hinos de louvor, disse que se eu passasse lá em frente algum dia, só ouviria músicas que louvam à Deus, como as do Diante do Trono<sup>68</sup>. Não conseguia entender porque não conseguia trabalho, nem lá e nem aqui, visto que

---

<sup>67</sup> “O esforço não é para negar o inegável – que existem acontecimentos inexplicados, que a vida machuca ou que a chuva cai sobre o justo – mas para negar que existam acontecimentos inexplicáveis, que a vida é insuportável e que a justiça é uma miragem.” A Religião como Sistema Cultural in: GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. P.124

<sup>68</sup> Diante do Trono é um ministério que possui um selo de músicas evangélicas.

seu filho era auxiliar do pastor em Recife. Disse que não entendia, mas que achava que também não era para questionar, pois apenas Deus tinha a resposta para as razões de sua aflição.

A conversa terminou quando o obreiro o chamou discretamente para comer algo na lanchonete existente dentro do espaço da IBL. Não soube depois o destino daquele moço pernambucano, mas fiquei com a impressão de que ele queria entender as razões de seus problemas e a única explicação satisfatória para ele seria aquela que fosse capaz de explicar como o mal pode existir no mesmo universo que comporta igualmente um Deus de bondade. Talvez se ele tivesse assistido ao culto dos empresários, ocorrido em uma segunda feira, duas semanas depois e que foi acima referido, talvez ele conseguisse um bálsamo para sua angústia que não é diferente da de muitos que procuram a Igreja ou mesmo dos que já são membros fiéis dela.

#### **IV – Metáfora**

A Palavra sagrada é constantemente atualizada pela Igreja, mas também pelos fiéis que se apropriam de suas histórias enquanto metáforas. Victor Turner chama isso de paradigma-radical e este termina como orientação para a ação dos fiéis, mas também atualização da palavra sagrada e de auto-reconhecimento como fiel. Victor Turner define o termo paradigma a partir de Thomas Khun. Para ele, o paradigma dentro da ciência consiste na supremacia ou hegemonia de uma perspectiva particular de compreender os fenômenos da natureza. Essa perspectiva torna-se dominante até que outra a supere, no caso da ciência, por meio de uma revolução que modifique radicalmente a compreensão vigente. Para Turner, o paradigma é essa forma de compreender a realidade, um modelo, mas que vai além do domínio cognitivo, não sendo precisamente elaborada, organizada, pelo pensamento, mas que antes é revestida de alusividade, implicitude e metáfora<sup>69</sup>. O indivíduo busca nas suas experiências anteriores, em suas referências intelectuais decisivas (no caso a religião), aquilo que lhe inspire à ação ou ao conhecimento da sua situação e da realidade que o cerca. A ação é carregada de simbolismos, e como define Turner, o símbolo pode instigar a ação, mas sem esquecer que estes são multifocais e podem condensar várias referências. A metáfora evoca aquilo que de outra forma seria difícil ser definido, encontra, contudo, do outro lado da comunicação, uma comunidade treinada para decodificá-la. É estratégia de economia onde o

---

<sup>69</sup> TURNER, Victor Witter. **Dramas, campos e metáforas**: ação simbólica na sociedade humana. Niterói, RJ: EDUFF, 2008. 278p.

significado não se apresenta de forma direta. Prefiro aqui enfatizar o aspecto de metáfora, deixando de lado o conceito de paradigma de Turner.

Talvez tudo isso fique mais claro quando olhamos para a forma como o pastor, no dia do culto dos empresários<sup>70</sup>, ao falar de uma frustração, fez uma leitura pessoal, porém intermediada pelo seu processo de aprendizado dentro da IBL, de uma passagem da Bíblia, no livro de Mateus. Gostaria de chamar aqui outro testemunho, este presente no Jornal “Atos Hoje”, publicação semanal da Igreja Batista da Lagoinha. Em seu depoimento, um juiz de direito chamado Robert, relata diversos momentos cruciais em sua vida. Nesses momentos, fala que sentiu a presença de Deus falando com ele, guiando seus passos e protegendo-o de algum mal. Assim, em um dado momento do texto relata que, em seu trabalho como juiz, em uma comarca cujo nome não cita, teve que exonerar um serventuário porque ele não “agira corretamente”<sup>71</sup>. Esse funcionário passou então a ser dominado por um ódio profundo pelo juiz e decidido tomou de uma arma para acabar com a vida de Robert. Em seu relato, o juiz conta que o crime não se consumou devido a intervenção de uma outra funcionária, escrevente, que lembrou ao ex-serventuário seu ato ilegal e falou do caráter e da conduta impoluta do juiz. Em seguida *“Ele começou a chorar copiosamente. Quando se acalmou disse a ela (a escrevente) que poderia ficar tranquila. Ele desistira de seu plano”*<sup>72</sup>.

O relato, contudo, não cessa nesse momento. Ele toma um novo rumo dramático quando o homem que ameaçou a vida do juiz Robert entra em seu gabinete e trava com ele um diálogo.

*“O senhor foi caminhar anteontem?” Prontamente respondi que sim. Caminhara no mesmo lugar de costume. Para minha total surpresa ele disse que estivera lá. Vira o meu carro, passara diversas vezes pelo meu trajeto, mas não me encontrara. Perguntou novamente: ‘E ontem, o senhor foi caminhar?’ Respondi afirmativamente... Mais uma vez ele me disse que havia ido até o local. Ele vira o meu carro no mesmo ponto. Percorrera várias vezes meu trajeto de caminhada e não me encontrara. A idéia de me matar, para ele, era uma fixação. E se houvesse me encontrado, teria descarregado todas as balas de um revólver em mim e em quem mais estivesse comigo. Ouvi estarecido! Na sequência, o homem começou a chorar e me pediu perdão.”*<sup>73</sup>

---

<sup>70</sup> Culto dos Empresários ocorrido na Igreja Batista da Lagoinha no dia 16 de Março de 2009

<sup>71</sup> Jornal Atos Hoje. Semanário da Igreja Batista da Lagoinha. Edição no. 32 de 9 de Agosto de 2009 P. 6 Disponível também no endereço eletrônico [HTTP://www.lagoinha.com](http://www.lagoinha.com)

<sup>72</sup> Idem

<sup>73</sup> Idem

É preciso ter em mente que a Igreja Batista da Lagoinha não dá uma ênfase – como em outras tradições cristãs – ao sacrifício e a imolação do filho de Deus. Como eles mesmos dizem, acreditam em um Deus vivo e de vida que não deseja a morte aos seus filhos, mas que veio para que tivessem vida em abundância. Segundo afirmam, Ele superou a morte e esta não vem de Deus, mas da condição humana do pecado. Jesus venceu a morte e não sucumbiu a ela. Ele ressuscitou e por essa razão, dentro dessas Igrejas, se celebra um Deus que preserva a vida e que atua no sentido para que seus fiéis superem as dificuldades da realidade, não há uma importância em se celebrar a memória do sacrifício.

Assim, idéia de pertencer ao rebanho dos eleitos, ao povo de Deus, marca o relato do juiz Robert e constitui-se em metáfora viva, cuja construção se firma na concepção de um Deus que aparece em várias narrativas bíblicas realizando aquilo que do ponto de vista físico seria impossível. Não seria algo conhecido pelo juiz de maneira estruturada e refletida, ele é alusivo a uma visão do divino e ao seu povo eleito. Seu relato transparece ainda uma promessa de Deus contida em Salmos 91:7: *“Mil cairão ao teu lado, e dez mil à tua direita, mas não chegará a ti.”*<sup>74</sup> Sua referência para a interpretação de um fato ocorrido em sua vida é buscada na palavra sagrada, em diversos relatos cujo traço em comum é a presença de Deus como protetor daqueles que nele professam a fé. Deus não abandona os fiéis que reconhecem n’Ele o Senhor. O juiz fala em seu relato de um Deus real, que cura, intervém, impede o mal e protege todos aqueles que a Ele se entregam. Em troca, esse Deus exige santidade e obediência de seus fiéis aos seus valores e regras.

A Bíblia é a referência principal dos fiéis da IBL para entender o mundo que os cerca, além de ser elemento fundamental na condução de seus atos, não apenas pelo aprendizado das regras, mas também pela atualização da palavra, sua aplicação no cotidiano e na avaliação desse cotidiano. É o que fez o pastor em sua pregação durante o culto dos empresários, equiparando sua frustração àquele que constrói em terreno inadequado. A fé precisa ser alicerçada em terreno firme para que não caia ao primeiro tremor. Ao fazer essa comparação, o pastor utiliza de uma metáfora que alude a fé à casa. É assim que é construída uma forma de compreender uma realidade, que se torna de tal forma natural, que comporta pouco questionamento, que se explica por si só sem necessidade de muita reflexão, uma verdade evidente, por assim dizer. O pastor apenas alude, a passagem da Bíblia torna-se metáfora – explica coisas que de outra forma poderiam não ter o mesmo sentido – enquanto se transforma

---

<sup>74</sup> Salmos 91:7 in: Bíblia online. In: <http://www.lagoinha.com/biblia/>

em referência para a ação dos indivíduos. É ação simbólica, portanto, já que contém dentro dessa passagem uma série de referências compartilhadas com outros membros do grupo.

### **V – Deus tem um propósito para o Fiel**

Muitas vezes, esses indivíduos se sentem desamparados, o que causa sofrimento e aflição. Uma das formas de resolver e controlar esses sentimentos é através da inserção em um grupo que lhe garanta a possibilidade de compreender o sentido de sua existência. Em diversos momentos, a Igreja repete a seus fiéis que “Deus tem um propósito para sua vida”. Muitos indivíduos se sentem angustiados quando acreditam depender apenas de si mesmos para lidar com o mundo, as atribulações e dificuldades, comuns a toda sociedade, parecem tomar um sentido de força que se apresenta de tal forma avassaladora que parece superar a capacidade de uma pessoa comum. Na modernidade, os laços sociais tradicionais são substituídos pelo individualismo e pela busca particular da felicidade. Em diversos momentos, a Igreja resolve esse dilema, ajuda o indivíduo a se sentir amparado frente às dificuldades que a solidão individualista muitas vezes impõe. Isso possui dois sentidos, o primeiro e mais óbvio é aquele onde o fiel adquire a certeza de que Deus o ampara nas dificuldades. O outro, um pouco menos óbvio, insere esse fiel dentro de rede de solidariedade da Igreja. Para começar, a própria estrutura da Igreja, com seus ministérios e células, é acolhedora. O indivíduo se reconhece como parte de algo que é maior do que ele, que lhe dá sentido à vida e uma direção. A Igreja oferece opções para que ele se torne membro “produtivo” da comunidade, pode trabalhar dentro da Igreja, conseguir emprego junto a empresários cristãos através de indicação ou ser avaliado preferencialmente enquanto membro da mesma comunidade.

Isso fica mais claro no relato de um ex-presidiário convertido na Igreja Batista da Lagoinha. Ao relatar o tempo em que esteve preso ele diz:

*“Lá também encontrei um rapaz que me mostrou um livro do Pr. Marcio Valadão, da Igreja Batista da Lagoinha. Um livro pequeno chamado: ‘Deus se Importa com Você’. Na última página do livro tinha o endereço da Lagoinha, e foi então que resolvi escrever uma carta. O irmão João Paulo, do Ministério Profetizando Vida Cartas, da Igreja da Lagoinha, começou a escrever para mim, e logo tive a oportunidade de fazer o Curso Bíblico pelo correio.*

*Ficava muito feliz quando recebia uma carta. Sentia-me cuidado. Chorava, era bom demais!”*<sup>75</sup>

Um sentimento de desamparo e solidão fora ali substituído pela emoção de se sentir parte de algo, de estar sendo cuidado por alguém ou de saber que alguém ao menos se importava. Peter Fry, em artigo que fala do pentecostalismo como resposta à aflição, diz que uma das fontes possíveis de aflições seria decorrente de “dificuldades em associação interpessoal”, onde inclui aquelas decorrentes de “*problemas de amor, quebra de harmonia familiar e problemas de relacionamento de parentes e vizinhança*”<sup>76</sup>. Incluiria ainda o rompimento do sentimento de pertencer a uma dada comunidade, enquanto que os laços criados podem ser sustentados e possuem por isso, sentido. Essa comunidade não se restringe a um grupo familiar ou vizinhança mais imediata, mas pode ser ampliado para todo grupo cujo sentido está baseado em relações de solidariedade como a comunidade de um bairro ou a Igreja.

Tudo isso é conseguido por meio da fé em um Deus visto como coerente, que não se coloca distante de seus seguidores, mas que faz o contrário, está presente em seu cotidiano e age através do Espírito Santo. Por se fazer vivo, por ser sentido como presente e manifestando em todos os momentos, é que Suas regras para a conduta da vida não parecem imposições desmedidas, mas sim um bem revelado, pois Deus tem um propósito para cada um de seus fiéis. Este propósito é realizado quando suas regras são colocadas em prática e elas retornam na forma de bênçãos.

A aceitação da fé é uma construção feita cotidianamente pelo fiel, nos cultos, nos cursos e no seu dia-a-dia, quando coloca em ação aquilo que acredita seja o desejo de Deus. E partindo da fé e da aceitação das regras que isso acarreta, o fiel percebe sua realidade a partir do filtro da fé que se configura na crença da ação divina. A fé faz com que esses fiéis construam um modelo para ação e entendimento da realidade que parte de referências bíblicas fundamentais e são imediatamente traduzidas por outros fiéis que compreendem seu significado. Em um dos muitos testemunhos que presenciei, um fiel falava que durante um bom tempo agiu como Jonas, tentando fugir da presença do Senhor. Em seu relato, diz que durante um período de sua vida, trabalhou com transporte universitário. Certa vez, se viu envolvido em um acidente automobilístico. O que quero chamar a atenção aqui é que em seu relato, ele se compara a um personagem bíblico, usa-o como metáfora para sua atitude. O fiel

---

<sup>75</sup> Jornal Atos Hoje. Semanário da Igreja Batista da Lagoinha. Edição no. 32 de 9 de Agosto de 2009 P. 7  
Disponível também no endereço eletrônico <http://www.lagoinha.com> – Grifo Meu

<sup>76</sup> FRY, Peter Henry e HOWE, Gary Nigel. "Duas respostas para a aflição: umbanda e pentecostalismo". In *Debate e Crítica* nº4, s/d, p. 43 e ss

não entrou nos detalhes do relato de Jonas, apenas o citou e foi compreendido, se não por toda a assembléia, por muitos dos que ali estavam. O livro de Jonas assim relata sua fuga:

*E VEIO a palavra do SENHOR a Jonas, filho de Amitai, dizendo: Levanta-te, vai à grande cidade de Nínive, e clama contra ela, porque a sua malícia subiu até à minha presença. Porém, Jonas se levantou para fugir da presença do SENHOR para Társis. E descendo a Jope, achou um navio que ia para Társis; pagou, pois, a sua passagem, e desceu para dentro dele, para ir com eles para Társis, para longe da presença do SENHOR.<sup>77</sup>*

O relato de Jonas torna-se assim metáfora para o testemunho do fiel, expressando sua condição anterior a conversão, quando Deus o chamava, mas ele não atendia. Como no relato da fuga de Jonas, que após tomar um barco se vê em meio a uma enorme tempestade que colocava em risco a sua vida e a da tripulação, passa por outras atribulações ao longo do relato até compreender o propósito de Deus para ele. Sua narrativa é vista como metáfora porque ajuda a entender, sem muitas explicações, a ação do fiel. Consciente, portanto, de seu propósito, parte para sua missão, que seria a de anunciar à cidade de Nínive a mensagem incumbida a ele por Deus, Jonas assim o fez, mas mais uma vez se rebela contra Deus. Nínive se arrependeu de suas iniquidades e “os homens (...) creram em Deus; e proclamaram um jejum (...)”<sup>78</sup> e Jonas ora a Deus dizendo que por essa razão havia ele fugido antes. Sabia que Deus era misericordioso e benevolente e que sua pregação seria vã. Jonas saiu da cidade e sentou-se fora dela para ver o que lhe aconteceria, e Deus fez nascer sobre sua cabeça uma aboboreira que fazia sombra sobre sua cabeça e que o protegia do sol. Mas Deus permitiu a morte dessa árvore e Jonas lamentou, a que Deus retrucou dizendo: se ele teve compaixão da aboboreira – árvore que ele não plantou e nem cuidou – não teria ele pelas pessoas que viviam em Nínive?

É o caso do paradigma radical pensado por Victor Turner, referência que embasa a ação de indivíduos no campo simbólico. Para pensar seu conceito, Turner analisa o conflito entre Thomas Becket e Henrique II no século XII. Becket aparentemente não resistiu, não tentou lutar contra seus assassinos e se entregou à morte, aparentemente porque Becket lutou, em termos simbólicos, usando o paradigma do sacrifício e martírio de Cristo, associando sua imagem a de Jesus e acionando uma gama de referências que desequilibravam a luta em favor

---

<sup>77</sup> Jn. 1, 1-3 in: Bíblia online. In:

[http://www.lagoinha.com/biblia/index.php?tema=1&formbusca=Buscar&lvBiblia=AT\\_Jn&maxpag=20&id=2](http://www.lagoinha.com/biblia/index.php?tema=1&formbusca=Buscar&lvBiblia=AT_Jn&maxpag=20&id=2)

<sup>78</sup> Idem

da Igreja contra o Estado. Como definiu Turner: “*Foi o paradigma-radical do martírio – com seu rico simbolismo de sangue e paraíso – que lhe deu estrutura e o fortificou para o embate final de vontade com Henrique...*”.<sup>79</sup> Mas a metáfora, contudo, não existe apenas quando utilizado na ação simbólica. Na verdade, ela é anterior a ação e da mesma forma que a embasa, pode estar – e de fato está – presente na memória dos atores quando interpretam seu passado. Exemplo disso é o testemunho citado acima, onde o paradigma firma-se na desobediência e resistência de Jonas, modelo que dá sentido à memória de um acontecimento.

O indivíduo adquire assim uma espécie de filtro para compreensão da realidade, mas que não é construído sobre uma razão fria que a esmiúça, classifica e compreende e só então molda a ação. Na verdade, ela atualiza a palavra sagrada que termina por se constituir como um filtro que permite uma percepção da realidade que é mais sentida do que racionalmente compreendida, como o paradigma de Turner. Ele está calcado na emoção, por isso apenas alude e se transforma em metáfora: “*(...) pois na tensão da ação vital, as linhas firmes das definições tornam-se imprecisas em virtude do conflito de vontades emocionalmente carregados.*”.<sup>80</sup> A emoção de pertencer ao grupo dos eleitos, de se sentir alvo das preocupações divinas, a sensação de transbordamento e arrebatamento que isso traz, do sentimento de ser capaz de superar a angústia, tudo trabalha na construção dessa visão de mundo, que embasa a ação e a memória desses indivíduos, enfim o modo como eles percebem a realidade social.

Converter é experimentar uma fé que emociona já que é sentida como uma manifestação real de Deus. Os cultos estão repletos de momentos onde a sensação da presença do Espírito Santo provoca euforia. Invariavelmente os cultos são abertos com músicas. No palco, um cantor que poderia ser de qualquer banda pop não-gospel, entoava músicas de louvor com acordes similares ao das bandas de música popular. Os cortes de cabelo e as roupas do grupo são descontraídas, aliadas à música, quase nos fazem esquecer que estamos diante de um culto religioso, de um momento sagrado.

São canções que mexem com a emoção do público, causam entusiasmo e tornam concreta a experiência de comunhão com Deus. Ali Ele fala, e as pessoas escutam não com os ouvidos, mas com o sentimento, o arrepio de uma presença sentida e que desmente a experiência física mais imediata. Deus está ali e todos sabem, pois todos sentem, embora não se faça presente fisicamente. O público está então aberto, ele acredita porque sente, é o fogo do Espírito Santo que queima a audiência, provoca choro de contentamento, de júbilo sincero

---

<sup>79</sup> Turner, Victor. Op. Cit. P. 79

<sup>80</sup> Idem. P. 59

e confere certeza de que se experimenta um evento que impacta. A Igreja fala a linguagem contemporânea.

O corpo fala: algumas pessoas choram, repetem o que o pastor diz no palco, balbuciam orações, pedidos e desejos, cantam a música, fecham os olhos em êxtase e se abrem para a transformação espiritual prometida. Transformação do espírito e também da realidade concreta e física. Adoção a uma nova postura diante da vida, uma nova filosofia que modifica a forma de como esse indivíduo se coloca frente ao mundo dos negócios, das questões morais e éticas, da sexualidade, do que é considerado correto e honesto. A mudança na realidade dessas pessoas começa na “cura espiritual”, no sentimento de que Deus está de fato ali presente. Não apenas se fala n’Ele, não é só uma idéia, mas está lá, não encarnado, mas é sentido, sua presença é real. A emoção faz verdade à fé, faz perceber que ela está firmada na crença em um Deus vivo e real que se manifesta no cotidiano dessas pessoas. O espiritual vem antes do material, lembra o pastor em um dos cultos a que assisti.<sup>81</sup>

A distinção entre sagrado e profano é quase ausente na Lagoinha. Digo quase porque não é de todo ausente e, de toda forma, uma religião é antes de tudo um aprendizado para se relacionar com o sagrado. Contudo, à exceção da Bíblia, não existem objetos que possam ser colocados como sagrados, não há uma separação nítida entre sagrado e profano. De fato, tudo é sagrado, pois toda a vida, tudo que há no mundo, pertence a Deus, Ele é o senhor de todas as coisas. O culto é um momento de relacionamento com o sagrado, mas também o é o cotidiano do fiel. É uma fé que abre mão de objetos cultuados, seguindo de perto uma das bandeiras da reforma que foi a de abolir a crença no poder sobrenatural de certos objetos, relíquias e santos. Sagrado é Jesus Cristo que salva, cura e restaura; sagrada é a Bíblia e as leis de Deus nela contida.

O cotidiano, quando agradável aos olhos de Deus, também é sagrado. É preciso morrer para o mundo e nascer para Jesus, para uma vida sagrada, devota e entregue a Deus. Morrer para o mundo não significa fugir dele, não falamos de um ascetismo que se isola do mundo e o nega em prol de uma busca espiritual. Antes, de uma intenção de reformá-lo, modificá-lo, de restaurá-lo em nome de Jesus Cristo. Por essa razão é que a Igreja tenta falar a linguagem do mundo contemporâneo. Às vezes parecemos estar diante de uma realidade paralela, onde a estética da música e da produção visual é muito parecida com a do mundo secular, exceto pela mensagem.

---

<sup>81</sup> Culto dos Empresários ocorrido na Igreja Batista da Lagoinha no dia 16 de Março de 2009

A IBL cresce porque não pede aos seus fiéis que neguem os valores estéticos do mundo que os cerca, mas sim que aceitem revesti-lo com os valores de uma fé calcada na presença de um Deus que é sentido e se faz presente na vida das pessoas. A IBL substitui a emoção oferecida pelo mundo, e entendida como fugaz, pela emoção de uma experiência com Deus. Dentro da Igreja existe uma liberdade no vestir e dessa forma ela mostra uma cara mais liberal, mais risonha e aberta, obviamente que o excesso de sensualidade no vestir seria coibido, mas não há prescrição sobre o tamanho e o tipo dos cabelos, por exemplo. A Igreja está aberta a diferentes públicos e se prepara para recebê-los. Em entrevista, o Pastor Richard, responsável pelo ministério dos namorados, disse que a IBL “*tem ministério pra praticamente tudo que você pensa*”.<sup>82</sup> Exageros à parte, fica claro a intenção da Igreja em se preparar para uma realidade múltipla e de certa forma colorir essa multiplicidade com seu tom.

Existe ministério para motoqueiros, por exemplo. Seu símbolo é quase como um brasão de gangue de motos e seu vestuário pode ser imediatamente associado a um imaginário baseado em um comportamento de rebeldia e contrário, portanto, ao decoro dominante. De certa forma, os membros e lideranças da IBL se sentem um pouco como rebeldes no mundo, defendendo valores e concepções que a sociedade moderna parece negar, seja pelo racionalismo frio ou pelo niilismo emotivo. Eles falam de Deus a uma sociedade que, segundo eles, não quer ouvir sobre Ele. Por essa razão os perseguem, muitas vezes tachando-os de loucos, radicais e fundamentalistas.

Existe ministério para pessoas que apreciam música eletrônica e rap, criado para ser uma voz dentro do gueto, segundo revela o pastor e DJ Adelson<sup>83</sup>. Tudo isso se configura como estratégia da Igreja pra atrair fiéis, mas também para dizer que a fé não é algo monótono, baseado na entonação de ladainhas, mas sim algo que pode ser emocionalmente estimulante, ela se expressa usando os recursos modernos. Assim, a Igreja se divide em ministérios que assumem um setor, atuando dentro de uma sociedade múltipla, em uma época onde existe uma valorização da diferença e das opções oferecidas pela modernidade. Ao mesmo tempo, o ministério tem uma preocupação em manter a fidelidade do fiel, se dividindo em partes ainda menores, as células. Esta atua junto aos indivíduos, às famílias, à vizinhança, visando buscar aquelas ovelhas que ameaçam desgarrar-se. Mas também é espaço e momento para uma reflexão da mensagem divina. No ministério dos namorados, por exemplo, o encontro promovido pelas células e que são dirigidos para os fiéis envolvidos em relacionamentos amorosos, visa ensinar como o namoro deve ser conduzido para agradar a

---

<sup>82</sup> Entrevista do Pastor Richard concedida em 17 de Junho de 2009

<sup>83</sup> Jornal Atos Hoje. Ano 43 Ed. 52 de 27 de Dezembro de 2009

Deus. Aqui a Igreja tem uma atuação mais fiscalizadora, protetora do seu modelo moral. Dividindo-se, a Igreja se aproxima do fiel, sendo isso parte daquilo que Bourdieu chamou de “inculcação” de certas disposições, pois sua visão de mundo ganha assim certa prática, enquanto a Igreja passa a dispor de um eficiente modelo de controle contra a sedução que o mundo pode oferecer a seus fiéis. Nem todas as Igrejas pentecostais usam o modelo de células, mas esse tem sido apropriado por algumas denominações. Como diz o slogan, a Igreja torna-se pequena para poder se importar melhor com seu fiel.

Assim, a Igreja não é apenas forma, existe uma mensagem por trás que visa inculcar nos indivíduos uma série de disposições para a ação, um modo de perceber o mundo que passa pela visão da Igreja. Tudo o que acontecer na vida dessas pessoas será lido por seus valores hegemônicos.

Fé e disciplina andam assim de mãos dadas, uma fundamenta a outra. Na direção desse novo entendimento do mundo vem a aceitação de uma nova disciplina nas relações sociais desses indivíduos. A mudança sentida pelos fiéis tem, portanto, dois registros, a fé que emociona e mexe com ele e também uma nova relação com as pessoas, com o dinheiro, com as emoções oferecidas pela moderna indústria de consumo e com os bens culturais em geral. O crente, em princípio, não bebe, não permite que sua consciência seja alterada por qualquer tipo de substância. Disciplina seu corpo para ser um membro ativo da comunidade, mas também produtivo. Se ele se deixar seduzir pelo pecado ou pelo mundo, a Igreja tem ainda as comunidades celulares que tentam buscar a ovelha que parece se desencaminhar. O fiel se sente assim amparado, cuidado e disposto a assumir essa nova disciplina.

É possível, contudo, que esse fiel experimente outro tipo de alteração da consciência, desejada e até mesmo buscada por ele. Essa alteração está ligada ao êxtase sentido quando experimenta a ação do Espírito Santo em um culto ou mesmo em seu cotidiano. Um relato coletado durante a pesquisa de campo fala dessa alteração. Chamarei essa pessoa de Vladimir. Encontrei Vladimir trabalhando dentro do templo da IBL, ajudando as pessoas que chegavam ao culto, orientando e organizando o evento, não sei se era um funcionário pago ou voluntário, mas relatou uma experiência que viveu. Ele me disse que já esteve embriagado pela fé durante o culto da pastora Alaelcia, que hoje ministra o culto de libertação, que já mencionei. Após um desses cultos, ele não conseguia andar, suas pernas tremiam e seu semblante ficou absorto em êxtase. Essa sensação durou apenas alguns minutos, nos quais ele não sentia força suficiente nas pernas pra se retirar do recinto ao fim do culto.

Outra senhora que observava nossa conversa, também relatou um pouco de sua experiência. Disse que certa vez na Av. Afonso Pena, em Belo Horizonte, começou a louvar a

Deus baixinho para não provocar escândalo com o nome de Jesus para as outras pessoas. De repente, disse que se sentiu flutuando. Passou aperto, relatou, pois estava em uma das avenidas mais movimentadas da cidade e não via os carros se aproximando devido a essa experiência que alterou seus sentidos e que diz ter sido com o Espírito Santo de Jesus.

Essa mesma senhora, que chamarei aqui de Iolanda, disse ainda que após sua conversão foi batizada com o Espírito Santo, uma experiência igualmente extasiante. Sentiu-se levitar em sua cama e um fogo que lhe queimava por dentro. Depois, relatou que experimentou, assim como na Afonso Pena, uma sensação de relaxamento, de calma e prazer que eram difíceis de serem expressas em palavras.

## **VI – A Teodicéia**

Para finalizar, retomemos a questão do mal, é assim que chegamos à formulação de uma teodicéia. Como dito anteriormente, a teodicéia seria uma busca para compreender como a existência de um Deus de amor e bondade pode ser conciliada com um mundo imperfeito de sofrimento e angústia ou como um Deus que é a bondade absoluta pode permitir a presença do mal.

Não é regra, mas de fato muitas pessoas que entram no templo da IBL pela primeira vez, atrás de consolo e ajuda, o fazem como se carregassem um enorme fardo e buscam ali uma “libertação”. Em alguns testemunhos, o momento da conversão – do aceitar Jesus como salvador – é antecedido por um período de crise e de dificuldades na vida. Os relatos trazem em comum o fato de a desobediência gerar o sofrimento, mas que esse pode ser encaminhado para um fim benéfico: *“É importante que os filhos de Deus compreendam que seu pai celeste usa até mesmo as piores circunstâncias para um fim benéfico na vida dos santos”*.<sup>84</sup>

A teodicéia tenta explicar ou conciliar idéias a princípio contraditórias, como é possível a existência de um Deus de amor e bondades infinitas na mesma realidade que comporta uma existência repleta de dificuldades como desemprego e doenças. No curso Crown, o fiel aprende que o mal é permitido para que se cumpram algumas funções: a primeira é a de que as intenções de Deus possam ser realizadas como na história de José em Gênesis<sup>85</sup>. A história de José, relatada no livro de Gênesis, lembra ainda que o fiel não estará

---

<sup>84</sup> Bíblia Viva. Gn 45. 5-8; 50. 20. In: Estudo Financeiro Bíblico. Ministério Crown. Associação Nova Shalom. SP. 2005 P. 34

<sup>85</sup> Agora, pois, não vos entristeçais, nem vos pese aos vossos olhos por me haverdes vendido para cá; porque para conservação da vida, Deus me enviou adiante de vós. Assim não fostes vós que me enviastes para cá, senão Deus, que me tem posto por pai de Faraó, e por senhor de toda a sua casa, e como regente em toda a terra do Egito. Gênesis 45:5-8 in: Bíblia Sagrada in: <http://www.lagoinha.com/biblia/index.php>

livre dos percalços após sua conversão, mas sim que deve perseverar na fé. A segunda justificativa para a existência do mal é porque ele ajuda no desenvolvimento do caráter das pessoas. Assim está colocado pela apostila do curso Crown: “*O caráter santo, algo que é precioso aos olhos do Senhor, é frequentemente desenvolvido durante os períodos de provação.*”<sup>86</sup>, como fundamento a essa idéia, é citado Romanos 5, versículos 3 e 4<sup>87</sup>. A última razão reside no fato de que, como pai, Deus tenta disciplinar seus filhos para que se encaminhem para a santidade. O fiel pode ter a certeza de que Deus sempre se mantém no controle das situações que ele deverá enfrentar, por mais difíceis que se apresentem. Em Hebreus 12, é dito que “*Deus, porém, nos disciplina para aproveitamento, a fim de sermos participantes de sua santidade*”.<sup>88</sup> O caráter santo é desenvolvido durante os períodos de provação e dificuldades. Aqui aparece a imagem de um Deus forte e vigilante que permite o mal para que o crente abandone o pecado e busque a santidade.

A teodicéia é, portanto, uma explicação intelectual para a compreensão, por parte do corpo da Igreja, pastores e fiéis, da experiência da angústia. Como coloca Geertz<sup>89</sup> em seu texto sobre a religião como sistema cultural, as religiões não podem negar o que é inegável, o mundo é um lugar injusto. A religião nega que tais fatos não possam ser explicados dentro de sua estrutura cosmológica, o que significa uma construção intelectual que dê conta do mal e a que possa suportá-lo e, no caso das religiões pentecostais a superá-lo. O mal não é para ser aceito, mas compreendido e vencido, pois Deus mandou seu filho para o sacrifício por amor aos homens, para que pudessem ter vida e vida em abundância. Independente da forma que esse mal se revista – problemas financeiros, de saúde ou existenciais –, Deus existe não para que o sofrimento seja visto como caminho para uma santidade que se realizará em outra vida. Aqui, é nessa vida que a santidade deve ser realizada, o sofrimento deve mudar o indivíduo, após a mudança, advêm às bênçãos. O paradigma aqui, para usarmos o conceito de Turner, não é da expiação dos pecados pelo calvário individual, mas sim de que esse sofrimento deve lembrar o fiel de que existe um Deus e que Ele deseja vida e prosperidade para seu fiel.

---

<sup>86</sup> Estudo Financeiro Bíblico. Ministério Crown. Associação Nova Shalom. SP. 2005 P. 34

<sup>87</sup> E não somente isto, mas também nos gloriamos nas tribulações; sabendo que a tribulação produz a paciência, e a paciência, a experiência, e a experiência a esperança. Romanos 5: 3-4 in: Bíblia Sagrada in: <http://www.lagoinha.com/biblia/index.php>

<sup>88</sup> HEBREUS 12:10. In: Bíblia Sagrada apud: Estudo Financeiro Bíblico. Ministério Crown. Associação Nova Shalom. SP. 2005 P. 34

<sup>89</sup> A Religião como Sistema Cultural. In: GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Op.Cit

## Capítulo IV – O Dinheiro

A relação com o dinheiro dentro da IBL possui duas faces, ambas partem da mesma fonte que credita a Deus a propriedade de todas as coisas que existem no mundo, inclusive o dinheiro. Os homens seriam mordomos, que dentro da linguagem religiosa seria definido como administradores dos bens de Deus. Essa visão parte da noção que Deus é o criador de tudo, Senhor do universo, que recompensa os homens por respeitarem sua lei. Assim, as decisões sobre dinheiro, como gastá-lo, como o ganhar, entre outros, são decisões de caráter espiritual, pois passam pelo entendimento que a pessoa administrará os bens de Deus. A outra relação está ligada ao dízimo, entendido como uma obrigação de todo cristão. Uma vez que Deus é senhor e dono de todas as coisas<sup>90</sup>, o fiel deve sempre entregar parte daquilo que lhe foi confiado para a Igreja – representante de Deus na terra –, sobretudo para permitir a sua obra de evangelização. Na verdade, no caso do dízimo, os homens apenas devolveriam aquilo que já seria de Deus.

É importante ressaltar também que a relação com o dinheiro é apenas parte de um processo de inculcação de uma disciplina, cuja linha mestra poderia ser definida como a busca por um sentimento de mansidão, uma tranquilidade, que se opõe à experiência moderna geradora de ansiedade pelo desejo de felicidade que coloca aos indivíduos. A mansidão se torna paradigma para o fiel que se coloca no mundo, pois remete à figura do cordeiro, animal considerado manso e que é usado como metáfora de Cristo. Outro paradigma importante é o da doação, e aqui entra a importância do dízimo como a consecução mais clara desse ideal. A doação se associa ao outro paradigma, o do sacrifício, pois mais importante que doar, é fazê-lo com dificuldade. Esse é um dos poucos momentos dentro da IBL onde a idéia de sacrifício aparece, mais comum é justamente enfatizar o fato que Jesus já fez todo o sacrifício e que aos homens não é mais necessário se sacrificar tanto. Cristo, aquele que fez o maior dos sacrifícios, relata em um de seus evangelhos<sup>91</sup>, o sacrifício de uma viúva que doou o único recurso que possuía ao templo, mais à frente menciono essa passagem. Esses três paradigmas estão presentes dentro da IBL, não apenas quando mencionada a questão do dinheiro, mas

---

<sup>90</sup> “Tudo o que existe nos céus e na terra é seu, ó Senhor, e seu é este reino. Nós adoramos a Deus porque Ele dirige todas as coisas. Riquezas e honra vêm somente do Senhor, e Ele é o Governador de toda a humanidade; sua mão controla força e poder, e é por sua vontade que os homens se tornam importantes e recebem força.” – 1 Crônicas 29.11,12 BV (Bíblia Viva) apud. Estudo Financeiro Bíblico. Associação Nova Shalom. SP. 2005. P.17

<sup>91</sup> Estou ciente de Jesus não escreveu nenhum dos evangelhos presentes na Bíblia. Contudo, todos eles são considerados a palavra de Cristo e seus autores seriam apenas intermediários. Assim, não seria errado falar em Evangelho de Jesus.

compõe um modo de vida, uma visão de mundo original, cunhada por uma interpretação particular da Bíblia.

Antes de abordarmos a questão financeira dentro da IBL, tratemos do dinheiro como elemento importante dentro da modernidade. É uma das principais fontes de angústia nas sociedades modernas, gerada pela forma como se lida com ele. O dinheiro não se resume a meio facilitador de trocas, é também símbolo de status e sucesso. Significa certeza de acesso a bens e serviços que não são desejados apenas pelo conforto que proporcionam ou pela satisfação de necessidades imediatas, mas também por outros valores a eles agregados e que nem sempre podem ser descritos de forma direta e clara. São antes percebidos, sentidos e socialmente valorizados pelo que carregam de fantasia e ilusão, são fontes de felicidade e prazer. E acessar esses serviços e bens depende da posse do dinheiro que, portanto, cumpre duas funções na sociedade: facilitador das trocas, a mais óbvia; e símbolo de status e sucesso, uma forma de medir, quase que matematicamente, esse sucesso e fracasso.

Aqui me baseio no estudo de Colin Campbell sobre a influência que o romantismo tem na formação de certos traços culturais fundamentais da modernidade. Ele tem um importante papel no desenvolvimento do consumismo moderno. A tese de Campbell é de que existiriam duas éticas atuantes na formação da modernidade: a protestante que legitimava a produção e a romântica que legitimava a busca por emoções, onde o consumo cumpriria um papel importante. A própria religião não estaria imune da influência romântica e receberia dele esse gosto pela emoção, muitas vezes experimentada em alguns tipos de culto. A modernidade é o resultado da relação dessas duas éticas elementares, mas não excludentes, uma mistura que, entretanto, não deixou de produzir conflitos e tensões.

A produção sem consumo não teria razão, assim as éticas puritanas e românticas, embora tenham produzido choques e tensões, não se apresentaram como alternativas da cultura moderna, mas sim como fontes que se complementam. Talvez possamos pensar que o consumismo seja um dos “vilões” da capacidade de previsão, da poupança e do planejamento financeiro. Portanto, aspecto do ascetismo puritano, pois uma das características do consumismo moderno é sua insaciabilidade, uma satisfação é seguida de nova necessidade, como lembra Campbell<sup>92</sup>. Com certeza, seus efeitos não se resumem ao campo das finanças e a relação com o dinheiro exclusivamente. O consumo não se limita à seleção, compra e uso dos produtos, mas é também a procura de prazer imaginativo que aparece associado ao produto. A pessoa idealiza esse prazer que acredita poder experimentar com determinado

---

<sup>92</sup> CAMPBELL, Colin. A Ética Romântica. Op. Cit.

produto. Assim, o consumo moderno se alimenta de uma busca incessante por novas experiências e sensações com as quais ainda não se deparou. Existe um sentimento de inadequação da realidade, como se esta não pudesse suprir para o indivíduo essa cota de prazer dada pela experiência da emoção, e como se apenas na imaginação, na idealização produzida mentalmente, ele encontraria satisfação para isso. Assim, não seria um erro dizer que o marketing moderno, mais que o produto, vende um conceito, uma idéia que o indivíduo faz de si e de sua relação com a realidade. Produz, em série, sonhos, mais que produtos que tenham alguma utilidade prática. Se assim não fosse, não existiria, por exemplo, uma preocupação com o desenho desses produtos, esse reflete tendências, valores, ideais estéticos e não apenas uma preocupação com a eficiência do projeto. Nesse contexto, atualmente existe uma tendência em valorizar um desenho suave, com bordas arredondadas e que transmitam o sentido de leveza. Da mesma forma, isso pode ser sentido na produção dos corpos dentro das sociedades modernas, onde as pessoas têm como objetivo modelarem seus corpos de acordo com padrões que denotam leveza e suavidade em oposição ao excesso tido como desajuste do ideal, com o qual se associa ainda problemas de saúde, além do estético. Em resumo, denotam um desequilíbrio. Ainda que incentivem a busca pelo prazer, as sociedades modernas de consumo prezam igualmente certo senso de equilíbrio, pois necessitam de disciplina para o trabalho e capacidade de previsão.

Dessa forma, o consumo incentiva os indivíduos a buscarem a satisfação de necessidades que, segundo Campbell, eles já experimentavam antes, embora não pudessem determinar de forma objetiva qual seria essa necessidade. Não podia ser objetivada, mas existiam como qualidade já presente em outros aspectos da experiência e que, por isso, eram transferidas para esse objeto. Qualidades como leveza, por exemplo, ou um desenho considerado arrojado, já que coragem e ousadia são duas características consideradas importantes dentro da modernidade. É como se focassem em certas qualidades, presentes de forma difusa na imaginação e experiências concretas. Assim, a recusa de uma realidade cotidiana, é o início de uma busca por prazer e uma “fuga imaginativa” para experiências não corriqueiras. É como se o aspecto disciplinar da modernidade abrisse espaço para essa “fuga”. Se alimentando de necessidades não satisfeitas, de uma eterna falta ou de um sentimento de vazio que não se completa – para mencionar uma das formas de explicação para a conversão mais usadas pelos fiéis –, o consumo se torna uma tentação constante que seduz pessoas a disporem de seus recursos com a promessa de novas experiências. Como ressalta Campbell, o consumo poderia ser definido como uma relação entre a ilusão e a realidade.

## **I – A Vida Financeira**

De forma análoga, a Igreja promete ao fiel um novo tipo de emoção que o leve a sair de seu cotidiano. Mas não apenas isso, além da emoção, promete a força que ele precisa para superar a dificuldade que o teria levado a essa fuga. No culto, a experiência é sensorial, ali o indivíduo entra em uma realidade diferente da do mundo concreto e experimenta uma emoção diferente, qualificada como uma experiência com Deus. Mas uma religião é mais do que essa experiência sensorial, é também a parte de trabalho, da edificação de uma disciplina nova que leve esse indivíduo a perceber o mundo de forma inovadora e a conseguir dar um sentido às suas experiências consideradas como fracassos. Muitos que chegam à IBL têm entre as razões e os sentimentos mais manifestos de angústia, uma dificuldade financeira que é lida dentro da perspectiva religiosa como um mal não desejado por Deus para aqueles que o têm como salvador. Um mal que é gestado pelo pecado, aqui muitas vezes associado com um se deixar seduzir pelo excesso que a sociedade moderna dispõe para os indivíduos. O consumismo calcado no hedonismo contemporâneo e, portanto, na busca pelo prazer e felicidade, é trocado por uma nova experiência com Deus, um apaziguamento fundamental para que esses indivíduos consigam superar a sensação da falta e a angústia gerada. A Igreja não propõe que seu fiel saia do mundo para uma realidade de contemplação, mas ao contrário, quer que Deus esteja presente no cotidiano das pessoas, que Ele não seja lembrado apenas em momentos específicos e dias escolhidos e reservados para isso, mas que seja diário. O que é preciso ter em mente é que a questão financeira não se limita ao aspecto material, é antes de tudo um problema espiritual e moral. E é assim que é encarado, um problema que tem dois aspectos: um material e outro espiritual/moral.

Moral no sentido de que muitos problemas que desestabilizam as famílias são dados como de origem da fragmentação proporcionada pela modernidade, sua função desreguladora ou geradora de “maus exemplos”, que influenciam negativamente os indivíduos. Mais à frente abordarei essa questão com maior cuidado, mas aqui basta ressaltar que um dos cuidados estaria firmado no como se gastar os recursos financeiros de forma a impedir que se tornem um dilema, já que sua falta abala a estrutura familiar.

A Igreja cria ainda um sentimento de pertencimento, de comunidade e apoio mútuo, em oposição com o forte impulso individualista das sociedades modernas, reforçado pelo consumismo que moldaria sentimentos narcisistas nos indivíduos, como nos lembra

Featherstone<sup>93</sup>. Contudo, é importante não esquecer que, embora a religião possa ser um elemento importante na criação de laços comunitários baseados na solidariedade entre irmãos, isso não significa a abolição do indivíduo, mas sim a submissão dessa individualidade a um grupo que se percebe como formado por eleitos. Além disso, a religião batista teve forte influência na formação desse individualismo moderno quando visou transformar a fé em uma questão de consciência individual<sup>94</sup>.

A Igreja, como já foi dito, visa criar nos indivíduos novas disposições, novas inclinações para que possam se recolocar no mundo de uma nova forma. Ela inculca nesses fiéis uma nova disciplina que passa por uma diferente maneira deles lidarem com seus corpos, com seu tempo e também com seus recursos financeiros. Deus tem um plano para cada área da vida dessas pessoas, mas requer delas uma obediência aos ditames que procuram retirar o fiel do pecado. Uma inquietação com a forma de como o indivíduo lida com seu dinheiro é muito marcante na IBL, a ponto de haver uma preocupação de sua parte em oferecer um curso que o ensine mais do que lidar, de maneira equilibrada, com seus recursos, mas a fazer isso à maneira desejada por Deus. A obediência a Deus nas mais diferentes esferas da vida, incluindo aí a relação com o dinheiro, pode gerar bênçãos que, no caso da vida financeira, pode significar prosperidade.

Existe uma preocupação grande, dentro daquilo que englobamos e nos acostumamos a chamar de “Igrejas Evangélicas”, em relação à prosperidade e a relação de seus fiéis com o dinheiro. Em muitos casos essa relação se transforma em uma promessa de ganhos materiais futuros pela adesão aos princípios religiosos de uma determinada Igreja. No caso da Igreja Batista da Lagoinha, a relação entre fé e dinheiro existe, mas parece ter uma ênfase um pouco diferente daquela que é comum observar em algumas religiões neopentecostais. Existe uma intenção de disciplinar a relação dos fiéis com o dinheiro, de criar neles um conjunto de disposições duradouras, no sentido definido por Geertz<sup>95</sup>, mas não existe uma perspectiva de cobrança das promessas de Deus. Assim, a IBL não baseia sua teologia com promessas de prosperidade financeira, embora possa ocorrer, mas sim na noção de que existe um Deus que está disposto a ajudar o fiel na superação de todo e qualquer obstáculo colocado diante dele.

Entretanto, trata-se aqui de um discurso religioso com forte presença da Teologia da Prosperidade. Tomamos aqui a definição das professoras Etiane Caloy e Marionilde Dias

---

<sup>93</sup> FEATHERSTONE, Mike. Cultura de consumo e pós-modernismo. Op. Cit

<sup>94</sup> HILL, Christopher. As Origens Intelectuais da Revolução Inglesa. Op. Cit.

<sup>95</sup> A Religião como Sistema Cultural. In: GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Op. Cit

sobre a Teologia da Prosperidade<sup>96</sup>: “(...) o cristão compreende que tem direito a tudo de bom e de melhor que a vida pode oferecer: saúde perfeita, riqueza material, poder para subjugar Satanás, uma vida plena de felicidade e sem problemas”.<sup>97</sup> Portanto, não é uma teologia que fala apenas de ganhos materiais, mas sim de tudo que há de bom nesse mundo e que faz parte das promessas divinas para os homens. Mas é inegável que uma das promessas de maior apelo seria a de ganhos financeiros. Isso pode ser percebido na forma como a mensagem religiosa de outras denominações reforça esse aspecto. Porém, quando comecei a frequentar a IBL em meu trabalho de campo, não consegui ver ali a mesma preocupação com o sucesso financeiro tradicionalmente observado nas chamadas Igrejas Evangélicas. Ele existe, mas está presente junto a outras que compõem a Teologia da Prosperidade. Não tem a mesma centralidade que em outras denominações.

A promessa de prosperidade financeira pode ser percebida nos dias do culto dedicado aos empresários e a vida financeira. A Igreja oferece ainda o curso Crown – como outras denominações o fazem –, que é um curso de finanças à luz da Bíblia. Mas não existe uma ênfase na idéia de “exigência”, como ressalta Etiane em seu texto sobre a Igreja Universal: lá, os fiéis são exortados a exigirem de Deus o cumprimento das promessas feitas na Bíblia. Aqui, existe sim uma expectativa do cumprimento dessas promessas e os indivíduos modificam o modo de se colocarem no mundo, com a crença que elas irão se cumprir dentro do tempo de Deus, sem impertinência. É preciso abraçar a certeza de que isso se concretizará, o que torna desejável e possível a mudança e o abandono do mundo e do pecado.

Em uma pregação, a pastora Ana Paula Valadão da IBL diz que os fiéis não devem correr atrás de Jesus em busca de bens materiais e dessa terra<sup>98</sup>. Entre alguns fiéis com quem conversei, nenhum deles revelou estar ali em busca de uma vitória financeira prometida por Cristo. Embora problemas com a falta ou com o gerenciamento do dinheiro aparecessem nessas falas, às vezes de maneira indireta, eles sempre diziam que buscavam ali o preenchimento de uma sensação de vazio, que pode ser lida como a tentativa de se dar algum sentido a experiência da vida.

Com isso não se objetiva retirar a importância da questão financeira como causadora do sentimento de angústia e do medo experimentados diante da realidade. Isso fica claro no relato a seguir feito pelo Pastor Marco Aurélio:

---

<sup>96</sup> SOUZA, Etiane Caloy Bovkalovski de; MAGALHAES, Marionilde Dias Brepohl de. Os pentecostais: entre a fé e a política. Rev. bras. Hist., São Paulo, v. 22, n.43, 2002.

<sup>97</sup> Idem. P. 9

<sup>98</sup> O vídeo dessa pregação de Ana Paula Valadão pode ser visto no endereço: <http://www.youtube.com/watch?v=H678ZHTaLuE>

*“Eu estava desesperado. Cada vez que pensava na situação que me encontrava, ficava mais angustiado. Parecia que eu estava falido Em outros tempos havia sido um empresário muito bem sucedido. E agora, encontrava dificuldade para colocar o básico dentro de minha casa. Eu tinha cinco seguros de vida, em cinco bancos diferentes. Imaginei que se morresse, minha esposa receberia o dinheiro e estaria amparada”.*<sup>99</sup>

Ele continua dizendo:

*“(…) Como havíamos conseguido tudo o que tínhamos com o suor de nosso rosto, nos tornamos **vaidosos, soberbos, arrogantes**. Fizemos do dinheiro e do poder os nossos deuses. E, quanto mais tínhamos, mais queríamos. Continuamos trabalhando duro e o crescimento continuou acontecendo. Nossa família tornou-se proprietária de quatro indústrias, duas distribuidoras e 13 lojas de cosméticos. Porém, começamos a nos desentender. Cada irmão queria ter mais do que o outro. Disputávamos entre nós. Parecia que nada saciava a nossa alma.”*<sup>100</sup>

A riqueza e as posses materiais os haviam tornado, segundo suas palavras, vaidosos e arrogantes, algo que as religiões, que tanto enfatizam o fato do homem não ser nada sem Deus, alertam constantemente, como se tais sentimentos constituíssem em armadilhas. Mais adiante ele continua:

*“(…) O clima em casa era tão tenso e pesado que um irmão já não conversava com o outro. Minha mãe começou a ficar muito triste, deprimida, com aquilo tudo. Ela passou a ir em reuniões cristãs, procurando solução para o nosso problema. E começou a aprender sobre Deus. Muitas vezes, veio partilhar conosco o que havia aprendido na esperança de que o amor e a paz pudessem voltar para nossas vidas. Mas nem ouvíamos direito e zombávamos do que ela nos dizia. Dizíamos que ela estava cega, que a fé que ela tinha apenas ajudaria a enriquecer os líderes religiosos. Não tínhamos o mínimo respeito por nada nem por ninguém. Ela tinha um desejo muito simples; **não queria dinheiro, queria apenas que nossa família se amasse novamente**. Sempre que conversava com Deus, externava essa vontade.”*<sup>101</sup>

A parte grifada na citação acima remete a uma questão central dentro da Teologia da IBL e já esboçada. Não se busca Deus para exigir d’Ele o cumprimento de promessas e, portanto, de ganhos materiais, mas se procura colocar-se debaixo de sua proteção, respeitando

---

<sup>99</sup> Jornal “Atos Hoje” Ed. 36 – 6 de Setembro de 2009. P. 6

<sup>100</sup> Idem. Grifo Meu

<sup>101</sup> Idem. P.7. Grifo Meu

suas regras com o objetivo de conquistar a abolição do pecado na vida do fiel. A soberba dos irmãos, vaidosos com suas conquistas, era na época um impedimento para que Deus atuasse em suas vidas, pois a exigência da reorientação de vida pelo fiel só pode ser conquistada por meio da submissão a Deus. No depoimento do pastor, o dinheiro se torna o centro da vida de sua família e isso acarreta uma atitude agressiva, carregada de vaidade e orgulho, oposto a aquilo que a Igreja deseja para seus fiéis, que é se tornarem mansos de espírito, o que só a experiência do amor de Deus poderia lhes dar. Além disso, a experiência relatada revela para os fiéis uma desestruturação familiar que tem como cerne o abalo financeiro. A competição, nascida da necessidade em superar a dificuldade econômica, criou um clima tenso entre irmãos que se viam mais como competidores.

*“O tempo foi passando. Sem muita explicação, as empresas que tínhamos começamos a falir. Primeiro uma, depois a outra e, de repente, estávamos quebrados. Vivendo uma situação horrível de caos financeiro. Experimentamos o que nunca havíamos imaginado. A minha ‘empresa paralela’, que concorria com a dos meus irmãos, também quebrou, e fiquei com uma dívida de 200 mil reais. Eu não tinha como pagar. Fui caminhando para a bancarrota. Primeiro perdi os cartões de crédito, depois tive as contas bancárias encerradas. A situação foi ficando cada vez mais apertada. Meu nome ficou sujo na praça e todos os dias havia oficiais de justiça na minha porta, me cobrando. Eu não tinha condições de colocar o pão dentro de casa. Entrei em depressão. Dizer que fui parar no fundo do poço é pouco para o estado em que estava. Passei a achar que não tinha mais solução para a minha vida. Pensava coisas do tipo: ‘Sou o fracasso em pessoa’ ou ‘minha vida é sinônimo de derrota’. Tudo parecia escuridão à minha volta, não havia luz, nem esperança, nem o menor sinal de solução. Então comecei a planejar meu suicídio. Comecei a acreditar de verdade que se morresse resolveria os meus problemas. Não sentia que tinha forças para superar minha falência e me reerguer novamente.”<sup>102</sup>*

Com o tempo, a soberba e vaidade dos indivíduos mostram-se armadilhas. Baumann fala do sentimento de insuficiência que é gerado pelas condições existenciais humanas<sup>103</sup>. No testemunho do pastor da IBL acima transcrito, esse sentimento fica evidente. Naquele momento, em que ele atravessava problemas financeiros, sentia-se sem esperanças e sem

---

<sup>102</sup> *Idem*

<sup>103</sup> BAUMAN, Zygmunt. O Mal-Estar da Pós-Modernidade. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998. 272 p.

condições de reverter a situação em que se encontrava. Obviamente, em todos os tempos, indivíduos enfrentaram situações em suas vidas particulares que escapavam a sua capacidade pessoal para superá-las. Essa situação o levou a pensar em por fim a sua vida, situação limite. Essas questões passam pelas definições que Baumann toma de Anthony Giddens:

*“(...) vivemos no estado do que Anthony Giddens chamou de segurança ontológica – ‘um sentido de fidedignidade das pessoas e das coisas’, auxiliado e favorecido pela ‘previsibilidade das (aparentemente) menores rotinas da vida diária’. O oposto da segurança ontológica é a ansiedade existencial, que principia a ser confiante ou meramente despreocupada nos raros momentos em que se torna evidente que a aptidão da rotina diária para autoperpetuar-se tem limites intransgredíveis no tempo.”*<sup>104</sup>

A mudança começa com a conversão de Marco Aurélio, quando ele aceita suas limitações e busca em Deus um apoio, um descanso, uma força que fosse além de suas limitações. Guinada que começa com sua ida a um almoço da ADHONEP (Associação de Homens de Negócio do Evangelho Pleno) a convite de um irmão:

*“Naquela reunião ouvi falar de Jesus. Ouvi que Ele curava, libertava e transformava a vida. E o mais incrível, que minha vida poderia ser transformada também, se eu simplesmente abrisse o meu coração e deixasse que Ele fosse Senhor e Salvador da minha vida. Se fizesse assim, minha vida nunca mais seria a mesma. Eu queria mudanças. Ansiava intensamente por elas. Do jeito que estava vivendo, não dava mais. Carregava em mim muitas tristezas, amargas, decepções. Então falei algumas palavras numa pequena oração e entreguei a minha vida pra Jesus. Naquele momento, uma paz muito grande entrou no meu coração. Nos últimos tempos, vinha tomando remédios para dormir. Mas naquela noite, acreditei que não precisaria mais tomar e fiz um teste. E não tomei, nem mesmo nas noites que se seguiram. Eu sabia que Deus daria um jeito na minha vida. A esperança havia voltado e pude ficar muito tranquilo. Os oficiais de justiça, que iam cobrar as minhas dívidas, sumiram da minha porta. Aos poucos, com muito trabalho, dedicação, fé e a certeza de que Deus estava comigo, fui resolvendo os meus problemas. Percebi como eu era egoísta, arrogante, vaidoso, e que precisava ser diferente em todas as minhas posturas e atitudes. Pedi que Deus fizesse as mudanças que ele julgasse necessárias em mim. Os dias foram passando e meus irmãos*

---

<sup>104</sup> BAUMANN Op. Cit. P. 209

*começaram a ver a modificação que aconteceu na minha vida. Eles perceberam o quão significativa essa transformação havia sido. Minha família toda começou a buscar uma mudança de atitude. A paz voltou a reinar, o carinho, a amizade e o respeito também. E eu fui repensando minha relação com o dinheiro. Deixei de ter a minha vida presa a ele. Ter dinheiro deixou de ser para mim sinônimo de sucesso ou de felicidade. Descobri que a alegria de viver se encontra nas pequenas coisas. E como foi bom perceber isso. Hoje, nossa família tem uma empresa que ocupa uma área de 35 mil metros quadrados. Exportamos para vários países e os nossos produtos podem ser encontrados em todo o Brasil. Naquela época, nossa empresa tinha mais de 120 protestos. Mas hoje, nosso trabalho é classificado entre os cinco maiores do país. Tenho plena convicção e certeza de que tudo o que temos, a paz que adquirimos e mesmo o sucesso em nossos negócios se deve à presença de Deus em nossa vida. Trabalhamos novamente, todos os irmãos juntos. Não há divisão nem brigas, muito menos contendas. Há sim, muito amor e harmonia em nossa família e dentro das nossas casas. Olhando para a minha vida, posso dizer que em meu coração estava escrito ‘tristeza’, mas Deus escreveu ‘alegria’. O sentimento que havia de derrota, Deus substituiu por uma grande vitória. E se eu pensava em morte, hoje sei que tenho vida e vida em abundância. E digo a você que a saída que encontrei para os meus problemas, você pode encontrar também.”<sup>105</sup>*

O sentimento de angústia provocado pelas dificuldades enfrentadas – seja qual for sua natureza – poderia não ter sido superada sem a certeza dada pela fé. Pois a certeza da presença de Deus apazigua o coração e dá força para que o indivíduo acredite poder superar as limitações humanas individuais. A fé lhe deu ainda uma explicação para seus problemas ao mesmo tempo em que o instrumentalizou para a ação no sentido da mudança. Com ela, ele aceitou a mudança no sentido de uma mansidão, a certeza de origem, a tranquilidade e a aceitação de que a mudança em sua vida financeira ocorreria.

Contudo, é importante dizer que nem sempre os problemas de ordem financeira possuem uma importância decisiva, capaz de provocar o sentimento de desamparo e de compreensão de limitação da capacidade humana. Ao menos, nem sempre é a causa mais importante ou exclusiva. Na verdade, provavelmente a angústia experimentada pelos indivíduos nas sociedades modernas, não possui apenas uma única fonte, sendo antes uma situação engendrada por diferentes experiências consideradas negativas e sentimentos de fracasso. Assim, é interessante o relato de um fiel que conheci durante um culto da libertação

---

<sup>105</sup> Jornal “Atos Hoje” Ed. 36. Op. Cit. P. 7

que ocorre nas quartas feiras, em um salão reservado dentro do edifício principal da IBL. Chamarei esse senhor de Luís.

Luís não percebeu nenhuma mudança em sua vida financeira desde que aceitou Jesus. Sua conversão ocorreu em 2002, e durante seu primeiro ano percorreu diferentes denominações evangélicas, se sentindo inseguro após uma vida inteira dedicada ao catolicismo. Não apenas frequentava à missa toda semana, mas participava da vida da igreja, ajudando em suas atividades eclesiais. Sua experiência religiosa suscitava-lhe uma série de indagações, uma insatisfação com aquela oferta de salvação específica e um desejo por algo diferente. Ele é membro frequente da IBL desde 2003, mas quando conversamos havia apenas dez dias que havia sido batizado. Essa demora explica certa insegurança da parte dele, havia um desejo de experimentar certa maturidade para assumir por inteiro a nova fé, um processo que, em seu caso, demorou seis anos para ser sentido. Luís é vendedor autônomo e trabalha com vários produtos diferentes, de “copos lagoinha” – ironicamente é um tipo de copo muito comum em bares para consumo de bebidas alcoólicas, que traz no nome uma referência ao bairro de Belo Horizonte que já foi considerado zona boêmia da cidade e local onde está situado o templo da IBL – até doces e balas. Entre os produtos com que negociava havia também bebidas alcoólicas e, embora isso o incomodasse um pouco, continuou trabalhando com elas, mesmo após sua conversão.

Entretanto, naquele semestre esse senhor estava concluindo um curso de formação cristã dentro da Igreja que modificou sua visão em certos campos. E foi justamente após esse curso que resolveu não mais trabalhar com a venda de bebidas alcoólicas. Como dito no capítulo 3, a fé é uma construção constante, ela não se apresenta plena logo após a conversão ou a aceitação de Jesus como salvador, mas é um aprendizado, uma constante lapidação. Com isso, a IBL oferece a seus fiéis uma série de cursos para uma formação constante de seus membros.

Entre esses cursos existe o Crown que visa ensiná-los a lidar com o dinheiro da maneira desejada por Deus. Este curso não é oferecido apenas pela IBL, mas por várias outras denominações religiosas rotuladas como evangélicas. O curso tem vários módulos, cada um dirigido a um público específico. Existe curso para crianças e adolescentes, para empresários e para ajudar a “chegar ao fim do mês”. Não tive acesso às aulas ministradas nesse curso, mas pude conversar com seus coordenadores que falaram da sua importância, embora nem todos os membros da IBL saibam de sua existência. Sílvia, uma de minhas informantes, disse não saber da existência desse curso, embora membro participativo da comunidade da IBL. Sua existência ganha importância por fazer parte da visão de mundo projetada pela IBL. Segundo

disseram os coordenadores, os problemas financeiros podem ocasionar uma desagregação familiar, problemas dentro dos lares cristãos, essa informação foi corroborada por um dos pastores da Igreja com quem conversei<sup>106</sup>. Problemas financeiros geram problemas que ultrapassam o aspecto financeiro, criando conflitos e desagregação na base na qual firma-se o edifício moral da fé: a família. É ela que sustenta a Igreja, sendo muitas vezes em casa que o aprendizado dos fiéis começa. Se esta se desestrutura, todo o edifício moral, da qual ela é depositária, fica ameaçado. A pessoa que não constrói uma família é percebida como mais suscetível aos apelos do mundo, a se deixar seduzir pelas emoções que o consumo pode propiciar. Este indivíduo ainda fica mais livre, com a possibilidade de manter contato com diferentes parceiros em uma busca por novas experiências, em oposição à mansidão e recato de uma relação monogâmica.

Mas o curso faz parte de um *ethos* maior, junto com os outros cursos que também são oferecidos dentro da Igreja. Seu enfoque pode ser a parte financeira, mas o que se busca é o contentamento das pessoas, a satisfação advinda da tranquilidade de ter sua vida entregue a Deus e a certeza da salvação e do amparo nas dificuldades. Na introdução do curso Crown, um dos tópicos diz respeito ao tema do contentamento. Após definir as partes de Deus e dos homens na relação com as posses e o dinheiro, o texto da apostila fala que a palavra “contentamento” é mencionada sete vezes na Bíblia e em “(...) seis vezes tem a ver com o dinheiro.”<sup>107</sup>. Essa idéia tem sua justificação em Filipenses 4. 11,12:

*“Digo isto, não por causa da pobreza, porque aprendi a viver contente em toda e qualquer situação. Tanto sei estar humilhado como também ser honrado; de tudo e em todas as circunstâncias, já tenho experiência, tanto de fartura como de fome; assim de abundância como de escassez.”*<sup>108</sup>

Os cursos se inserem em uma tentativa de transformação da vida dessas pessoas para que tenham uma relação mais íntima com Deus. Enganam-se quem os resume a um curso financeiro apenas, é um curso que deseja, antes de qualquer outra coisa, uma relação mais íntima entre o fiel e Deus e, como consequência dessa nova relação, existe uma melhora qualitativa – e não necessariamente quantitativa – na forma de lidar com o dinheiro por parte do fiel. Este experimentaria uma mansidão advinda dessa relação nova com Deus, que significaria uma maior capacidade de controlar sua ansiedade, sua angústia – sentimentos

---

<sup>106</sup> Entrevista com o Pastor Richard em 10/06/2009

<sup>107</sup> Estudo Financeiro Bíblico. Ministério Crown. Op. Cit. P. 15

<sup>108</sup> Idem.

calcados em sua realidade. Todos os cursos têm o objetivo de formar nos fiéis uma nova disposição em relação à realidade. É uma interpretação do mundo, mas também um instrumento intelectual que permite a ação nele. Ela está calcada na fé, uma crença em Deus que mexe com o indivíduo, que o emociona. Como dito antes<sup>109</sup>, a relação do fiel com Deus, sua fé, é uma construção constante tanto da parte do fiel quanto da parte da Igreja.

O curso é aberto com uma verdade fundamental para o crente, determinando que tudo que existe no mundo, inclusive o dinheiro do fiel, pertence a Deus: *“Se vamos ser seguidores genuínos de Cristo, devemos transferir ao Senhor o título de proprietário de tudo que temos.”*<sup>110</sup> Em uma passagem da Bíblia, mais especificamente do Novo Testamento, Jesus fala a um homem muito rico que a única coisa que faltava a ele era abandonar tudo, todos os seus bens, para assegurar a sua salvação. A idéia de admitir que Deus seja dono de todas as coisas é a mesma, pois se pede ao fiel que abandone o apego as coisas do mundo sem, contudo, esquecer que vive nesse mundo e nele precisa sobreviver. É a idéia de “morrer para o mundo e viver para Jesus”, pois o abandono das coisas do mundo traz contentamento, certo conforto pelo controle da ansiedade que pode ser exemplificada na história abaixo, presente na apostila do curso:

*“Logo depois que Tiago entendeu o direito de propriedade de Deus, ele comprou um carro novo. Tinha dirigido por apenas dois dias quando alguém bateu no lado do seu automóvel. A primeira reação de Tiago foi: ‘Senhor, não sei por que o Senhor quer uma batida no seu carro, mas agora o Senhor tem uma bem grande!’ Tiago estava aprendendo o contentamento.”*<sup>111</sup>

O contentamento experimentado por Tiago na história está associado ao desapego às bens desse mundo em prol daqueles de Deus. Mas, no caso da interpretação da IBL, não se trata de uma fuga do mundo, é uma nova postura diante da vida, onde a posse é percebida como uma obrigação do fiel, mas a propriedade pertence a Deus. É um desapego que não ocasiona na perda do controle sobre os bens, é um entendimento de que as coisas desse mundo não são posse das pessoas, mas de um Deus que, no entanto confia essa posse aos homens e permite que usufruam dela conforme suas regras. Não é fuga do mundo, nem a sua negação, mas sim uma tentativa de remodelá-lo, onde os homens se tornam submissos a Deus. É reconhecer a necessidade que a posse pode suprir o fiel, mas fazendo-o perceber que as

---

<sup>109</sup> Vide capítulo 3

<sup>110</sup> Estudo Financeiro Bíblico. Ministério Crown.P.32

<sup>111</sup> Idem. P.33. Grifo Meu

posses, por si só, não vão suprir sua falta maior, seu sentimento de falta. O sentimento de contentamento, oposto ao de angústia e ansiedade, é consequência da experiência com Deus.

O contentamento é uma mansidão, a aceitação de que no mundo onde Deus existe há também o mal e que este será melhor enfrentado se o fiel aceitar a ação de Deus em sua vida ou, na linguagem da própria Igreja, quando o fiel “descansa em Jesus” e espera que Ele encaminhe a solução dos problemas. Isso não implica que o fiel não deva fazer sua parte, quando age amparado por Deus, ele pode contar com a certeza do seu sucesso. O contentamento vem dessa certeza, da compreensão de que Deus quer o melhor para seus filhos e de que todo o mal não parte d’Ele, embora possa ser permitido por Ele, mas do inimigo que gera o pecado. Já o pecado, é quase sempre associado ao excesso, mesmo aquele estimulado pela indústria de consumo. Se o fiel compartilha dessa certeza e a tem arraigada dentro de si, poderá combater a frustração com maior habilidade. Conseguirá desenvolver uma capacidade de acreditar em si mesmo, aumentar sua confiança. Terá um reforço considerável na sua luta contra o medo e a angústia. O curso Crown desperta o indivíduo para esse aspecto que é sempre remetido em outros momentos dentro dessa experiência religiosa, como nos cultos ou em outros cursos oferecidos dentro da IBL. Não é apenas o aprendizado de uma nova disciplina financeira, mas é também a construção da fé, da certeza de um Deus de bondade e vigilante que atua sempre no sentido do que é melhor para o fiel, desde que este se abra pra ele e o aceite. É a construção de uma mansidão de espírito.

A mensagem cristã de humildade ganha assim um novo contorno dentro da IBL. A humildade é uma idéia importante dentro da tradição cristã, seja ela de qual matiz for. O fiel passa a aceitar, antes de tudo, que é pouco, ou que ao menos é pouco, quando está no mundo sem Deus. Descobre a necessidade de Deus, a falência de sua capacidade em lidar com todos os dilemas colocados diante dele pela vida moderna e deve com isso aceitar humildemente que esse Deus pode e quer ajudá-lo. A modernidade parecia ser a era da auto-suficiência da humanidade para lidar com seus problemas que pareciam caminhar para a inexorável solução, mesmo os de cunho social, tudo em uma questão de tempo. Construiríamos o paraíso aqui e não mais o colocaríamos em um porvir religioso. Assim vários aspectos da vida moderna recolocam o sentimento de insuficiência, que se nutre da descoberta de que a modernidade não apresentaria as soluções para todos os dilemas. Entre estes está o da relação com o dinheiro ou uma busca excessiva por ele. Muitos chegam à IBL após experimentar certa decepção por não conseguirem sucesso financeiro ou por terem experimentado em algum momento esse sucesso e depois tê-lo perdido. Mas, uma das críticas mais comumente repetidas dentro da IBL – e de certa forma dentro de outras Igrejas cristãs –, é justamente

contra o fervor devotado aos bens materiais em lugar de Deus. Esse fervor torna a pessoa mais agressiva, pois ela sempre busca se enquadrar na competição de mercado, contando apenas consigo mesmo, o que se revela uma armadilha, já que a frustração e o medo do fracasso são também companheiros nessa empreitada. O jornal “Atos Hoje” eventualmente trata das questões financeiras à luz da Bíblia. Em um dos artigos, um dos pastores da IBL comenta em tom de crítica o materialismo moderno. Em dado momento, ele diz:

*“Basta olhar para a propaganda da televisão, rádio, jornal e veremos uma vívida ilustração moderna do que Jesus ensinou há 2 mil anos. Do começo ao fim, os apelos são: preocupar-se com o bem-estar do corpo: como alimentá-lo, vesti-lo, aquecê-lo, refrescá-lo, relaxá-lo, entretê-lo, enfeitá-lo e estimulá-lo = consumismo e materialismo. Jesus de forma alguma negou ou desprezou as necessidades do corpo. Ele ensinou-nos a orar ‘o pão nosso de cada dia dá-nos hoje’. Mas hoje o mundo está adotando um conceito reducionista, degradando o homem ao nível dos animais. Parece que o bem estar físico é o único e último objetivo da vida.”*<sup>112</sup>

As bases bíblicas para essa interpretação são muitas, citarei aqui o livro de Mateus onde no capítulo 6, versículos 19-20, o evangelista diz que: *“Não ajunteis tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem tudo consomem, e onde os ladrões minam e roubam; Mas ajuntai tesouros no céu, onde nem a traça nem a ferrugem consomem, e onde os ladrões não minam nem roubam.”*<sup>113</sup>

O próprio pastor Marcio Valadão, principal liderança dentro da IBL, em sua coluna no jornal Atos Hoje, também tratou da questão financeira sob a perspectiva acima esboçada, ou seja, a de que primeiro deve-se procurar as coisas de Deus: *“É interessante o quanto a Bíblia fala acerca do dinheiro. Ela nos diz que o amor ao dinheiro é a raiz, a fonte, de todos os males. Não o dinheiro em si, mas o amor, o apego a ele. Quantos casamentos desfeitos! Quantas vidas presas! Quanta vergonha na política! Tudo por causa do amor ao dinheiro.”*<sup>114</sup> Aqui encaramos outro aspecto dos problemas que o dinheiro pode acarretar. Até então, pensa-se na sua falta como gerador de um processo que abalaria a estabilidade familiar, mas o pastor Márcio revela que o apego a ele, por vezes oriundo do excesso, também retira do indivíduo a percepção daquilo que, do ponto de vista da religião, realmente importa. Talvez

---

<sup>112</sup> “Atos Hoje”Ed. 40 – 4 de Outubro de 2009. P. 7

<sup>113</sup> Bíblia Online. Mateus 6 – 19:20. In: <http://www.lagoinha.com/biblia/index.php>

<sup>114</sup> Jornal “Atos Hoje”Ed. 30 – 26 de Julho de 2009. P.2

esse seja um dos diferenciais da IBL, pois enquanto outras denominações enfatizam a falta, a Igreja Batista da Lagoinha fala dos problemas acarretados pelo excesso.

Num dos cultos dos empresários ministrados às segundas-feiras na IBL, um pastor chamava a atenção da platéia para a importância de ser humilde. Ele conclamava os fiéis a ser cabeça e não cauda, mas que era preciso ter cuidado com a soberba. Deus o abençoará conquanto o fiel esteja disposto a obedecer a seus mandamentos. É o que está escrito em Deuteronômio:

*“E SERÁ que, se ouvires a voz do SENHOR teu Deus, tendo cuidado de guardar todos os seus mandamentos que eu hoje te ordeno, o SENHOR teu Deus te exaltará sobre todas as nações da terra. E todas estas bênçãos virão sobre ti e te alcançarão, quando ouvires a voz do SENHOR teu Deus; Bendito serás na cidade, e bendito serás no campo. Bendito o fruto do teu ventre, e o fruto da tua terra, e o fruto dos teus animais; e as crias das tuas vacas e das tuas ovelhas. Bendito o teu cesto e a tua amassadeira. Bendito serás ao entrares, e bendito serás ao saíres. O SENHOR entregará, feridos diante de ti, os teus inimigos, que se levantarem contra ti; por um caminho sairão contra ti, mas por sete caminhos fugirão da tua presença. O SENHOR mandará que a bênção esteja contigo nos teus celeiros, e em tudo o que puseres a tua mão; e te abençoará na terra que te der o SENHOR teu Deus. O SENHOR te confirmará para si como povo santo, como te tem jurado, quando guardares os mandamentos do SENHOR teu Deus, e andares nos seus caminhos. E todos os povos da terra verão que é invocado sobre ti o nome do SENHOR, e terão temor de ti. E o SENHOR te dará abundância de bens no fruto do teu ventre, e no fruto dos teus animais, e no fruto do teu solo, sobre a terra que o SENHOR jurou a teus pais te dar. O SENHOR te abrirá o seu bom tesouro, o céu, para dar chuva à tua terra no seu tempo, e para abençoar toda a obra das tuas mãos; e emprestarás a muitas nações, porém tu não tomarás emprestado. E o SENHOR te porá por cabeça, e não por cauda; e só estarás em cima, e não debaixo, se obedeceres aos mandamentos do SENHOR teu Deus, que hoje te ordeno, para os guardar e cumprir.”*<sup>115</sup>

Mas para aquele que o desafiar restará apenas a maldição:

*“Será, porém, que, se não deres ouvidos à voz do SENHOR teu Deus, para não cuidares em cumprir todos os seus mandamentos e os seus estatutos, que hoje te ordeno, então virão sobre ti todas estas maldições, e te alcançarão: Maldito serás tu na cidade, e maldito serás no*

---

<sup>115</sup> Deuteronômio 28: 1 – 13. Bíblia Sagrada in: <http://www.lagoinha.com/biblia/index.php>

*campo. Maldito o teu cesto e a tua amassadeira. Maldito o fruto do teu ventre, e o fruto da tua terra, e as crias das tuas vacas, e das tuas ovelhas. Maldito serás ao entrares, e maldito serás ao saíres.”*<sup>116</sup>

A mensagem de Deus, portanto, é do desejo de que seus fiéis respeitem seus mandamentos e em troca tudo o mais será acrescentado. Não se deve colocar os bens em um altar, não se deve transformá-lo no centro da vida; esse é o lugar de Deus. Cientes disso, os fiéis então podem descansar em Deus que nunca desampara seus fiéis. É o que lembra o mesmo pastor durante o mesmo culto, aquelas pessoas deveriam primeiro buscar ali a Deus e depois os bens materiais<sup>117</sup>.

Ainda assim, a IBL intenta preparar seus fiéis para que se coloquem de maneira mais condizente com seus preceitos nesse mercado. Primeiro, transformando o trabalho em louvor – respeitando regras, não agindo de forma antiética (como, por exemplo, aceitando propinas e subornos) e não se rebelando contra a hierarquia, eis alguns conselhos dados por outro Pastor em sua pregação, no mesmo culto acima referido. Segundo, o fiel é chamado a relativizar os valores do mundo e a enxergá-lo sempre pela ótica da fé, das leis de Deus. O fiel deve ser manso, como o cordeiro – animal de instinto pacífico, não-carnívoro –, que é usado como símbolo para representar Jesus Cristo.

Aqui toco no ponto central desse trabalho, pois a função última da Igreja, seja qual for sua denominação ou inspiração, é permitir ao indivíduo aprender, se disciplinar ou ser disciplinado por uma exegese particular da palavra sagrada. A relação com o dinheiro é parte dessa exegese, sendo que a interpretação não se resume a um modo de lidar com ele, algo que transformaria a Bíblia em um grande livro sobre finanças, mas sim em criar novos condicionamentos para o indivíduo. Assim como em outras facetas da vida e do cotidiano, a relação com o dinheiro é parte de uma concepção de mundo que está interligada com outras áreas. Não é possível compreender essa relação sem entender que ela passa por uma disciplina que atinge outras esferas da vida, pois faz parte de um todo maior. Existe uma intenção de formar fiéis que tenham como guia para ação uma exegese específica da Bíblia, uma exegese que não coloca como algo separado do espiritual e do sagrado aquilo que faz parte do mundo material, pois tudo pertence a Deus e, portanto, tudo deve ser gerenciado pelos homens segundo suas leis. O aprendizado começa com o reconhecimento do “direito de propriedade” de Deus sobre todas as coisas do mundo e a própria apostila do ministério Crown lembra o

---

<sup>116</sup> Deuterônimo 28: 15-19. Idem.

<sup>117</sup> Culto dos Empresários. 24/08/2009

fiel disso. O texto o alerta para que *“tome cuidado com o uso dos pronomes pessoais. Considere substituir o ‘meu’, ‘nosso’ por ‘teu’ ou ‘do Senhor’”*<sup>118</sup>. Na mesma toada ainda adverte: *“peça que o Senhor o conscientize do Seu domínio e o disponha a renunciar ao domínio. Faça disso um alvo de oração especial durante os próximos trinta dias”*<sup>119</sup>. E ainda lembra que: *“Estabeleça o hábito de reconhecer o domínio do Senhor toda vez que comprar algo”*<sup>120</sup>.

Essa é a parte de Deus na vida financeira das pessoas. Ele é dono de todas as coisas, assim como é o criador e aquele que está no controle de tudo que acontece na terra. Como já disse antes, essa questão não é de pouca importância, pois é a base da relação dos indivíduos com as posses materiais, com Deus e a forma como percebem a Sua atuação em suas vidas. Enquanto nos apegamos ao material, ficamos agarrados a um simulacro, o que nos traz dor e sofrimento, angústia e ansiedade. Tal como se estivéssemos em terreno movediço, onde quanto mais intentarmos fugir, com movimentos frenéticos, mais rapidamente afundamos. O vazio existencial não pode ser preenchido pelo consumo e pelas emoções por ele despertadas.

Muitos que chegam à IBL podem ter uma ou mais razões para estarem lá, mas para muitos deles a experiência da angústia está relacionada com o modo como lidam com o dinheiro. São então instigados a abandonar o pecado, o que dentro da linguagem batista significar “abandonar” certos aspectos do mundo e viverem para Jesus, assumindo uma nova disciplina racional na relação com o dinheiro, cujo fundamento é encontrado no livro sagrado. A conversão tem assim dois sentidos: é fuga do mundo no plano intelectual, com o indivíduo assumindo uma postura crítica contra uma série de valores hedonísticos e mundanos, como o impulso de consumo; e, ao mesmo tempo, é uma recolocação nesse mundo, pois ainda que ele “morra para o mundo e nasça para Jesus”, ele vai retornar para esse mesmo mundo imbuído de uma nova missão, pois sua ação deve trazer a marca da evangelização. Suas atitudes devem traduzir sua nova postura, onde Deus é Senhor da sua vida, e com isso também inspirar novas conversões.

Em entrevista, um pastor da IBL<sup>121</sup> relatou que muitas pessoas, mesmo já estando a certo tempo convertidos – inclusive pastores atuantes – procuram o curso de finanças bíblicas Crown para conseguir disciplinar sua vida financeira. Isso demonstra que o processo de “reconstrução” do indivíduo começa com a aceitação da fé, que implica a assimilação de que Jesus é o Senhor de tudo, mas não se exaure nessa aceitação. Nesse momento e a partir dele, o

---

<sup>118</sup> Estudo Financeiro Bíblico. Ministério Crown. Op. Cit P. 33 – Friso meu

<sup>119</sup> Idem P. 33

<sup>120</sup> Idem.

<sup>121</sup> Entrevista com o Pastor Richard realizada em 10/06/2009

indivíduo inicia um processo de aprendizado que tem um significado claro para os membros da Igreja: aumentar a intimidade com Deus. Esse aumento é sentido pelo fiel, pois Deus fala com ele em cada momento e em cada circunstância de sua vida. O fiel vê e lê nessa nova postura diante da realidade a manifestação de Deus que tem para ele um plano. Deus fala com ele, quase como que com pequenas “dicas”. Sua relação com o dinheiro, assim como com outras esferas da sua vida começa a assumir uma nova realidade.

A forma como ele lida com o dinheiro dentro da IBL não é a do tipo onde a fé se torna um momento de troca na relação com Deus. Não há promessas de prosperidade para os fiéis, embora ela seja sempre uma possibilidade. Mas existe uma preocupação em se atentar para o aspecto financeiro da vida de seus membros. O curso Crown de finanças bíblicas está debaixo do Ministério da Família. A razão disso é porque, para a IBL, os problemas financeiros estão na base de outros problemas dentro do espaço familiar, a disciplina financeira seria uma garantia para a paz do lar. É um reconhecimento de que em nossa sociedade existe uma centralidade do dinheiro enquanto organizador de troca, bem como símbolo de prosperidade e, devido a essa centralidade, tem um potencial desarticulador. Problemas de relacionamento entre os casais têm muitas vezes, dentro da leitura da IBL, uma razão financeira – uma dificuldade em organizar o lado financeiro da vida. Problemas com o dinheiro gerariam conflitos e tensões no ambiente doméstico, situação detectada pela Igreja que, dessa forma, se preocupou em oferecer para seus fiéis um curso de gerenciamento financeiro cuja legitimidade é retirada da palavra sagrada. A busca da paz no lar advém da conquista da humildade e da mansidão dos cônjuges, processo que passa pelo enfrentamento da ansiedade causada pela vida financeira.

Entretanto é importante ressaltar que o curso Crown não é conhecido por todos os fiéis. Antes da pesquisa, tinha a impressão de que tal curso era quase uma necessidade que por si só se impunha ao fiel quando se convertia. Mas como relatei, mesmo membros antigos da Igreja muitas vezes procuram o curso por enfrentarem dificuldades no gerenciamento de suas economias. Não é, portanto, um curso obrigatório ou que tem uma procura grande dentro da IBL, significando que se trata de um complemento para o fiel em seu constante aprendizado. É um curso que se soma a outros e se torna uma opção para que o fiel reorganize sua vida de acordo com essa nova premissa.

A questão financeira faz parte de um *ethos* religioso da IBL que pode ser definido como parte da Teologia da Prosperidade, embora diferentemente de outras denominações, que se enquadrariam muito bem no rótulo de evangélicas, na IBL não se faz promessas de ganhos materiais para o fiel. Essa promessa de prosperidade é marcante em outras denominações

pentecostais mais marcadamente influenciadas pela Teologia da Prosperidade. Assim, prefiro falar em uma apropriação diferenciada dessa filosofia, que busca fugir de uma deliberada preocupação com promessas de conquistas materiais para o fiel. Enquanto diálogo existe a possibilidade de apropriação de uma idéia e sua adequação às necessidades do grupo ao qual é dirigida. Esta não é uma preocupação direta da Igreja, mas apenas uma delas não importando, contudo, os ganhos, mas sim o reconhecimento que o dinheiro é uma necessidade e que sua falta gera transtornos. O que a IBL quer de seu fiel é que ele reconheça o senhorio de Deus sobre sua vida e adapte esta verdade em seu cotidiano. Dentro deste cotidiano está a área financeira.

Após o seu sacrifício, Jesus expurgou do mundo os pecados de forma a permitir que as pessoas possam realizar nessa vida, e não em uma futura, além da realidade material imediata, os planos de Deus. Isso combina bem com uma cultura que tem no alcance da felicidade um objetivo primordial para a vida. Aqui acredito que podemos vislumbrar um ponto onde a cultura da modernidade aproxima-se sutilmente e se entrelaça com essa visão religiosa. A fé na IBL é marcadamente entusiástica, repleta de músicas, sons, promessas, sentimentos e sensações. Nos cultos que assisti, seja o dos empresários, seja de qualquer outro tema ou propósito, a emoção dos fiéis é marcante. No palco há sempre um grupo tocando músicas em um ritmo pop e dançante. As pessoas se ajoelham, fecham os olhos e se sentem tocadas por Deus. Ali, entram em uma comunhão maior, com algo que transcende a realidade imediata, ou pelo menos, assim percebem aquela experiência. A fé dentro da IBL não é baseada em uma promessa futura, mas sim em uma realização imediata, na superação de problemas e dificuldades que são obstáculos à felicidade. Essa não é buscada nos bens ou emoções modernas, mas sim em um Deus que emociona e promete que irá suprir todas as coisas.

A realização que Deus tem para cada pessoa não se resume aos ganhos materiais. De fato, o que importa aqui é saber que Deus reservou para cada pessoa o necessário para sua vida financeira. Para uns esse montante pode ser maior do que para outros. Aqui encontramos a passagem do servo fiel:

*“Porque isto é também como um homem que, partindo para fora da terra, chamou os seus servos, e entregou-lhes os seus bens. E a um deu cinco talentos, e a outros dois, e a outro um, a cada um segundo a sua capacidade, e ausentou-se logo para longe. E, tendo ele partido, o que recebera cinco talentos negociou com eles, e granjeou outros cinco talentos. Da mesma sorte, o que recebera dois, granjeou também outros dois. Mas o que recebera um, foi e cavou na terra e escondeu o dinheiro do seu senhor. E muito tempo depois veio o senhor daqueles servos, e fez contas com eles. Então aproximou-se o que recebera cinco*

*talentos, e trouxe-lhe outros cinco talentos, dizendo: Senhor, entregaste-me cinco talentos; eis aqui outros cinco talentos que granjeei com eles. E o seu senhor lhe disse: Bem está, servo bom e fiel. Sobre o pouco foste fiel, sobre muito te colocarei; entra no gozo do teu senhor. E, chegando também o que tinha recebido dois talentos, disse: Senhor, entregaste-me dois talentos; eis que com eles granjeei outros dois talentos. Disse-lhe o seu senhor: Bem está, bom e fiel servo. Sobre o pouco foste fiel, sobre muito te colocarei; entra no gozo do teu senhor. Mas, chegando também o que recebera um talento, disse: Senhor, eu conhecia-te, que és um homem duro, que ceifas onde não semeaste e ajuntas onde não espalhaste; E, atemorizado, escondi na terra o teu talento; aqui tens o que é teu. Respondendo, porém, o seu senhor, disse-lhe: Mau e negligente servo; sabias que ceifo onde não semeei e ajunto onde não espalhei? Devias então ter dado o meu dinheiro aos banqueiros e, quando eu viesse, receberia o meu com os juros. Tirai-lhe pois o talento, e dai-o ao que tem os dez talentos. Porque a qualquer que tiver será dado, e terá em abundância; mas ao que não tiver até o que tem ser-lhe-á tirado. Lançai, pois, o servo inútil nas trevas exteriores; ali haverá pranto e ranger de dentes.”*<sup>122</sup>

Na passagem Jesus ensina que é preciso estar vigilante e atento, ser honesto seja no pouco ou no muito que Deus confiar ao seu fiel. Passagens como esta cabem certamente mais de uma interpretação, mas dentro da IBL, a ênfase em um dos cultos que presenciei foi dada sobre o aspecto financeiro. Algumas exegeses podem ressaltar que esse tema financeiro é apenas uma metáfora para se falar de outros aspectos da crença, como o crescimento da fé e na fidelidade a Deus. No culto acima citado, contudo, o pastor em sua pregação lembra aos fiéis presentes que, antes de pedir para Deus, algo é preciso ser feito de sua parte. Para isso ele cita sua vida. Quando chegou a Belo Horizonte teve que trabalhar muito e sempre lidando com pouco dinheiro, sem ter muitas vezes o que comer. Mas ele perseverou “*onde ninguém queria tá, eu tava lá*”. Com entusiasmo, afirmava que as pessoas precisam “*correr atrás*”, pois não prospera quem não quer, a culpa é do indivíduo e tudo depende de sua vontade e de seu valor individual<sup>123</sup>. A pessoa começa no pouco e é preciso ser fiel nesse pouco. Pois com fé, o que for colocado em suas mãos, vai prosperar. A mansidão experimentada e desejada termina por esbarrar em certo acomodamento. Nesse sentido, pessoas mansas seriam mais predispostas a aceitar pouco e a naturalizar o fato de que na sociedade alguns podem possuir muito. O discurso pode ser articulado em uma legitimação da ordem social, ainda que não seja esse o efeito imediato buscado.

---

<sup>122</sup> Mateus 25 – 14:30 in: <http://www.lagoinha.com/biblia/index.php>

<sup>123</sup> Culto dos Empresários realizado dia 16/03/2009

## **II – O Dízimo**

Dentro de outras tradições cristãs, a relação entre religião e coisas materiais, especialmente o dinheiro, sempre teve a aparência de uma relação promíscua ou impura, algo que não deveria ser misturado, esferas que ficam separadas. Muitas vezes, a visão socialmente construída por quem não comunga dessa fé, onde se ressalta esse aspecto, é de como houvesse uma contaminação da religião quando esta lida ou se preocupa com as questões materiais, tornando-as impuras. A novidade pentecostal, da qual a IBL compartilha, é exatamente entender que esse aspecto da vida, bem como qualquer outro, é parte do senhorio de Deus sobre o mundo. Daí a importância do segundo aspecto do dinheiro nessas igrejas, ou seja, a obrigação do dízimo. Reforçando o que já foi dito, o dízimo não é contribuição, pois não se dá algo a Deus, apenas há o retorno de uma parte do que Ele deu, para permitir a execução de sua obra. E isso porque Deus é Senhor do mundo.

A questão do dízimo é uma das que mais geram polêmicas, pois sempre recolocam a noção de pureza ou impureza dessa obrigação dentro da religião por envolver dinheiro. Obviamente que, a despeito de existir uma legitimidade teológica, isso não exclui o fato de existir ou ter existido abusos da boa-fé em algumas denominações evangélicas, mas esta não é a preocupação deste trabalho. O que de fato importa, é que o dízimo é visto como parte das obrigações do fiel que, dentro da visão da Igreja, é o administrador dos bens confiados por Deus. Tudo pertence a Deus e os homens são seus mordomos. Sua justificação, portanto, dentro da Bíblia, se encontra em diversas passagens que são quase sempre citadas pela Igreja em diferentes momentos. Na conversa com Luís, anteriormente citado, ele acabou chamando minha atenção para uma situação. Quando falávamos sobre prosperidade financeira, ele disse que, após o curso de formação cristã, havia se tornado dizimista. Na verdade, ele já fora um antes, mas intermitente, pagava o dízimo durante um tempo e depois parava. Em outro momento retomava os pagamentos, mas diante de alguma dificuldade financeira, interrompia novamente. Agora resolveu assumir essa responsabilidade e entrega seu dízimo para a Igreja todo mês. Ele aventou a possibilidade de que talvez não tenha conhecido nenhuma mudança em sua vida financeira por causa de sua falta de regularidade na entrega do seu dízimo, uma vez que é uma obrigação prevista na lei divina.

O dízimo se insere dentro da lógica de doação, que não se limita ao dízimo, mas também passa pela entrega de recursos por parte do fiel para os menos afortunados. O dízimo não deve ser visto como mais um imposto ou obrigação desagradável, mas sim como algo que

é parte do propósito de ser cristão, em seu sentido de entrega, de doação ao próximo e à Igreja. Sua centralidade é tal que, dentro do curso Crown, um dos capítulos é justamente para tratar da doação, que deve ser condizente com a visão de mundo da Igreja Batista.

A doação dentro do cristianismo é questão fundamental na fé, independente das denominações ou tradições de pensamento religioso que se foca. Dentro do pentecostalismo, contudo, ou mais especificamente, dentro da IBL, há uma preocupação em transformar o indivíduo objeto da caridade em alguém capaz de se preparar para ser agente da caridade. Durante o culto dos empresários, antes da pregação da palavra, há sempre um momento onde os empresários fazem anúncios de vagas de emprego em um telão, dentro do templo principal<sup>124</sup>. Além dos anúncios, a Igreja encaminha currículos para essas empresas e também oferece cursos que ajudam a aprendizagem de uma profissão. Não pretendo aqui afirmar que esse tipo de prática seja uma exclusividade da IBL ou das denominações pentecostais, mas nelas existe um esforço mais claro nesse sentido, pois há uma ênfase na idéia de transformação da vida do indivíduo e não de vê-lo como alguém que necessita de caridade.

Embora exista a preocupação em melhorar qualitativamente a vida dessas pessoas, de forma que essa mudança possa ser interpretada como uma bênção, isso não exclui a obrigação dos fiéis com a doação, pois é preciso realizar a obra do Senhor e esta necessita de recursos financeiros. Doar é, portanto, se comprometer com a Igreja de Jesus e com Deus, e o resultado disso, para aquele que é fiel, seja no muito ou no pouco, é a benção de Deus sobre sua vida. É abrir mão de uma parte daquilo que Deus lhe confiou, é ser manso, obediente e humilde, pois o verdadeiro fiel reconhece que seus bens estão apenas em sua posse, mas não constituem sua propriedade. É crescer na fé, na certeza da presença de Deus.

Em um dos primeiros cultos que acompanhei na IBL, pude assistir a um testemunho de uma mulher onde ela relatou que, na primeira vez que entrou na IBL, tinha pouco mais que o dinheiro de uma passagem de ônibus. Sua emoção durante o culto foi de tal forma arrebatadora, que entregou tudo como oferta durante o culto para a Igreja. Contudo, ela afirma: Deus a abençoou, pois hoje tinha um carro próprio e muito mais na bolsa que o dinheiro de uma passagem de ônibus. Ela foi fiel no pouco, entregou a Deus o que tinha, imbuída de uma emoção que lhe comunicava a presença de Deus naquele espaço. Entregou para Deus sua vida de modo absoluto, pois quando deixou seu único recurso no Templo da IBL sinalizou para a entrega de sua vida para Deus. Sem recursos, saiu certa de que esse Deus não a abandonaria e proveria. Essa certeza é a fé; foi preciso coragem para abrir mão de seu

---

<sup>124</sup> Em vários cultos dos empresários que acompanhei, em apenas um, o primeiro que assisti, não houve o anúncio das empresas e das vagas de empregos no telão do templo.

último recurso, agarrou-se exclusivamente na promessa que ouvira dentro da Igreja e dali saiu se apegando a ela.

Sem conhecer pormenores da vida daquela mulher, é possível concluir que ela chegou à IBL com problemas financeiros, ainda que talvez não fossem os únicos que vivenciava, e uma vez lá se imbuíu da certeza de que Deus poderia mudar seu destino, iniciando um processo de aprendizado de fé e disciplina. Doar é parte disso, é entrega daquilo que já é de Deus, inclusive a vida financeira do fiel, como lembrou no mesmo culto o pastor<sup>125</sup>. Para ter bênçãos, não basta apenas pedir, é preciso doar também, seja seu tempo, seu dinheiro ou qualquer outra forma de doação que se exigir. Doar é ser fiel, pois a fidelidade não é apenas exaltar o nome de Deus ou pregar o evangelho. O testemunho fala da experiência de mudança vivenciada por aquela mulher que seguiu o conselho do pastor, é preciso ser fiel no pouco e no muito, ela doou o único recurso financeiro que tinha e isso fez seu sacrifício ainda maior do que se tivesse doado mais contando com recursos maiores.

Reforçando isso, podemos buscar o que a Bíblia revela sobre o tema tendo como condutor a visão de mundo construída na IBL. Em João 3:16, o evangelista diz que: *“Porque Deus amou ao mundo de tal maneira, que deu o seu filho unigênito”*.<sup>126</sup> Essa passagem é citada dentro da apostila do curso Crown para falar do amor como fonte da doação. De nada vale a entrega, seja de que valor for, se não é feita com o sentimento e a convicção do amor ao próximo. Ser fiel é ter amor não apenas à Igreja e a Deus, mas também ao próximo, ao irmão na fé e àquele que necessita. É arraigada no sujeito tornando-se parte de sua essência, um valor inestimável que não cabe uma reflexão por sua obviedade dando uma estrutura para a ação dos sujeitos. É algo que se torna natural, portanto, a tal ponto que não suscita nenhuma reflexão crítica maior por parte do fiel, atingindo o patamar de valor absoluto.

Isso nos remete novamente à questão da mansidão, da docilidade para as relações pessoais. A mansidão é o oposto da angústia nesse sentido, pois torna o sujeito crente na atuação de Deus e isso o coloca num estado de tranquilidade, detentor da certeza ou fé e com isso convicto de que a doação é importante – reflexo do compromisso e fidelidade com sua fé –, mas também de submissão a Deus, de entrega a Ele. Deus é fiel e, portanto, a parte dada em dízimo retornará ao crente em bênçãos, que em certas condições podem assumir a forma de sucesso material. Uma de minhas informantes, Silvia, disse que antes da conversão considerava-se uma pessoa muito ansiosa. Trabalhava muito – é vendedora de cortinas – mas

---

<sup>125</sup> Culto dos Empresários ocorrido no dia 16/03 /2009

<sup>126</sup> João 3:16 in: Bíblia Sagrada in: <http://www.lagoinha.com/biblia/index.php>

não via dinheiro e estava sempre “pendurada” no cartão de crédito. Agora, disse, sempre tem as coisas, e segundo suas palavras, aprendeu a controlar sua ansiedade, considera-se mais mansa de espírito e essa nova disciplina a ajudou a controlar melhor seus impulsos consumistas. Seu sentimento de vazio foi agora preenchido pela emoção de sentir Deus e não mais pela aquisição de bens materiais<sup>127</sup>.

Outra informante, essa mais jovem, afirmou algo que sintetiza o até aqui exposto. Ela afirmou que não sente mais estresse quando as contas começam a chegar, pois sabe que Deus proverá no tempo certo. Assim, ela não tem nenhuma conta em atraso, a despeito de na época do depoimento estar desempregada. Ela é casada, sem filhos, e na casa dela apenas o marido trabalha como enfermeiro do setor de hemodiálise da Santa Casa de Belo Horizonte. Ela deu o exemplo de quando precisou pagar o seguro de sua moto e não tinha o valor necessário. Disse que acontece com certa frequência de seu marido receber presentes dos pacientes que vão até a Santa Casa para sessões de hemodiálise, provavelmente de pessoas que tentam transformar em valor monetário ou em bens materiais, sentimentos de gratidão e contentamento pela atenção e carinho dispensados pelos profissionais. Assim, nos dias de pagar o seguro e se encontrando sem a quantia necessária, seu marido recebeu da mãe de uma paciente a quantia suficiente para quitar o valor do seguro.

Contudo, não se deve entregar o dízimo pensando nas vantagens que poderá conseguir com essa atitude. Se assim procede, de nada adiantará seu ato, pois o evangelista Mateus alerta: *“Quando, pois, deres esmola, não faças tocar trombeta diante de ti, como fazem os hipócritas nas sinagogas e nas ruas, para serem glorificados pelos homens. Em verdade vos digo que já receberam o seu galardão.”*<sup>128</sup> O louvor dos homens já terá sido sua recompensa e nada deverá esse fiel esperar a mais de Deus. Deve ele fazer o bem sem com isso se vangloriar ou orgulhar, pois os homens devem aspirar a ser como o Criador, e Ele escolheu o mundo invisível e sua atuação nele nunca é óbvia – depende sempre da fé para se perceber que ali houve a manifestação divina –, e da mesma forma deve agir o fiel, como Deus que escolheu a ação silenciosa.

O doar pode ser de acordo com o sucesso material da pessoa, mas *“O Novo Testamento também recomenda darmos com sacrifício.”*<sup>129</sup> Esta recomendação aparece de forma clara na passagem do Evangelho de Marcos sobre a viúva:

---

<sup>127</sup> Trabalho de Campo realizado em 23/11/2009

<sup>128</sup> Mateus 6:2. In: Bíblia Sagrada in: <http://www.lagoinha.com/biblia/index.php>

<sup>129</sup> Estudo Financeiro Bíblico. Ministério Crown. Op. Cit. P. 142

*“Vindo, porém, uma pobre viúva, deitou duas pequenas moedas, que valiam meio centavo. E, chamando os seus discípulos, disse-lhes: Em verdade vos digo que esta pobre viúva deitou mais do que todos os que deitaram na arca do tesouro; Porque todos ali deitaram do que lhes sobejava, mas esta, da sua pobreza, deitou tudo o que tinha, todo o seu sustento.”<sup>130</sup>*

Com essa passagem, a IBL remete o fiel à noção do sacrifício, muito importante dentro do pensamento cristão de várias matizes, mas de pouca ênfase dentro das tradições pentecostais. Embora ela se coloque como uma fé que apresenta um Deus que já havia feito o sacrifício maior em nome da salvação da humanidade e por isso não haveria razão para as pessoas aceitarem o sofrimento, simultaneamente, denota que o único sacrifício justificável seria o do homem tentar sempre se aproximar de Deus, se entregando para Sua obra, de forma abnegada. A doação, ainda que pouca, mas constante<sup>131</sup>, demarca a posição do fiel em seu comprometimento com Cristo aumentando assim sua intimidade com Deus. A passagem da viúva, citada acima, que entregou sua única moeda como oferta no templo, remete a idéia de sacrifício e endossa que o fiel, ainda quando em dificuldades, deve fazer essa entrega financeira mesmo que com extrema dificuldade. O testemunho citado acima, no começo dessa parte, foi uma atualização do relato bíblico, uma vez que a mulher entregou o único dinheiro que possuía quando de sua primeira visita ao Templo. Na história do evangelho, dezenas de pessoas faziam entregas de maior vulto, mas lembrou Jesus que a doação daquela mulher era a mais importante exatamente porque, para ela, aquilo representava tudo que tinha. Aquela mulher da passagem bíblica sacrificou-se e apenas fez isso por possuir uma fé inabalável de que Deus a honraria por esse sacrifício. O sacrifício é a entrega do fiel a Deus.

O doar é mais do que estar em dia com seu dízimo, é o se entregar a uma nova vida e assumir a fé com todas as suas obrigações, e entre elas, está a do dízimo. Em termos financeiros não é a única, pois a apostila do curso Crown, no tópico em que fala sobre contribuição, ajuda o fiel a tentar responder uma questão, a de para quem se deve doar. Aqui entra o dízimo em primeiro lugar, pois é necessário manter o sacerdócio de Cristo, citando 1 Timoteo 5:17: *“Os presbíteros que governam bem sejam estimados por dignos de duplicada honra, principalmente os que trabalham na palavra e na doutrina”*.<sup>132</sup> Mas é preciso não

---

<sup>130</sup> Marcos 12: 42-44 in: Bíblia Sagrada in: <http://www.lagoinha.com/biblia/index.php>

<sup>131</sup> *“O Senhor sabe que precisamos dar frequente e habitualmente. Dar somente uma vez por ano é errado. Precisamos dar regularmente, pois precisamos nos aproximar de Cristo consistentemente.”* Estudo Financeiro Bíblico. Ministério Crown. Op. Cit. P. 142

<sup>132</sup> 1 Timóteo 5:17 in: Bíblia Sagrada in: <http://www.lagoinha.com/biblia/index.php>

negligenciar a família, corpo fundamental da religião, e os pobres, sendo interessante que o autor da apostila do curso Crown comente:

*“De uma maneira misteriosa que não conseguimos compreender totalmente, Jesus, o Criador de todas as coisas, pessoalmente identifica-se com os necessitados. Por isso, quando compartilhamos com eles, estamos, na realidade, compartilhando com o próprio Jesus. E se essa verdade é estarrecedora, a recíproca é aterrorizante – quando não damos a quem necessita, é a Cristo mesmo que deixamos com fome e sede.”*<sup>133</sup>

Em outras tradições cristãs a interpretação que fala de um Jesus que vem para os pobres é fato inquestionável. Talvez a admiração do autor da apostila esteja ligada a associação do pensamento batista, ao longo de sua história, ao liberalismo clássico que dá ênfase à liberdade individual e a separação entre Igreja e Estado<sup>134</sup>. Tudo isto inserido no contexto de lutas, onde a afirmação do indivíduo passava pela luta contra a hegemonia de outra tradição religiosa na Inglaterra do século XVII. Difícil seria, portanto, separar o liberalismo político de seu congênere econômico que coloca sob o indivíduo o peso da responsabilidade de seu fracasso financeiro. Para não dizer que essas questões apenas faziam sentido no século XVII, em um dos cultos observados, um dos pastores conclama o grupo de fiéis presentes a se movimentarem, pois o relacionamento com Deus não é apenas oração, é preciso trabalhar. A pobreza, disse outro pastor, em outro dia, mantêm o fiel fora do propósito de Deus<sup>135</sup>.

Assim, pode-se concluir que a obrigação do fiel de doar aos pobres existe, é elemento importante, pois remete a outro paradigma do pensamento religioso onde fala da busca do pastor pelas ovelhas desgarradas. Sendo a pobreza considerada algo não desejável por Deus aos seus fiéis, é um mal que provoca o afastamento deste da Igreja e seus membros devem sempre visar resgatar as pessoas que se encontrem nessa situação, seja pela doação direta ou pelo pagamento do dízimo na Igreja. Como lembra o pastor no culto acima citado, Deus não entregou ao homem dinheiro para ele administrar, mas o tempo e, assim, a doação nem

---

<sup>133</sup> Estudo Financeiro Bíblico. Ministério Crown. Op. Cit. P. 144

<sup>134</sup> AZEVEDO, Israel Belo de. A Celebração do Indivíduo: A Formação do Pensamento Batista Brasileiro. Ver também: HILL, Christopher. As Origens Intelectuais da Revolução Inglesa. E THOMPSON. E.P. A Formação da Classe Operária Inglesa. Vol. 2. Paz e Terra. Em seu trabalho, Thompson fala de como a religião foi elemento importante tanto para a luta revolucionária quanto depois como elemento intelectual e ideológico que desarticulou o potencial revolucionário da classe operária.

<sup>135</sup> Culto dos Empresários: 16/03/ 2009 e 24/08/2009

sempre é feita em espécie, embora essa seja a mais óbvia, já que vivemos em uma sociedade onde “tempo é dinheiro”.

Concluindo, podemos perceber que o cristianismo, em suas diferentes vertentes, mas especificamente no caso da IBL, cria diferentes paradigmas que embasam o modo como cada indivíduo se coloca no mundo, sendo que esses paradigmas, no sentido atribuído por Turner ao conceito, se completam, não sendo necessariamente excludentes.

---

## Capítulo V - O Trabalho

**S**imbolicamente, o trabalho tem um grande valor positivo dentro das sociedades modernas que se erigiram sob seus auspícios. Muitas vezes encarado como direito, mas dado como alienado dentro das sociedades capitalistas ou burguesas, o “possuir um trabalho” tem significados que vão além da simples garantia de subsistência, mas que passa por noções como de “dignidade” e “honra”. Essa “dignidade” que o trabalho garante é, no entanto, difícil de ser dissociada da questão financeira, pois parece que a disciplina que tradicionalmente transformou o trabalho em vocação após a Reforma Protestante de certa forma, hoje, atinge de maneira mais enfática o aspecto financeiro, um ascetismo que visa combater igualmente os excessos tidos como estimulados pela indústria do consumo.

Por se referir a idéia de dignidade, o trabalho termina por estar igualmente associado às noções de “sucesso” e “fracasso” formatadas dentro das sociedades modernas para definir aqueles que conseguem atingir certo patamar de conforto e aqueles que não conseguem tais objetivos. Define também as pessoas que, ainda que não sejam financeiramente ricas, conseguiram certo grau de realização de felicidade em seus respectivos trabalhos. Obter sucesso é algo que pode ser medido em termos financeiros, quase quantitativos, mas é difícil separar dos aspectos profissionais, pois existe igualmente um reconhecimento da capacidade do indivíduo que ultrapassa o quantitativo financeiro. O sucesso pode ser atribuído àquele indivíduo que, à despeito de conseguir um montante alto de dinheiro, consegue gozar de certo prestígio profissional.

Mas como lidar com o lado oposto, igualmente importante e não desejado da modernidade, que é o fracasso? Em uma sociedade que valoriza o sucesso, coroando aqueles capazes de atingi-lo, o fracasso pode ser sinônimo de morte social ou de se carregar a pecha de incompetente, uma caracterização que pode provocar dificuldades para se inserirem de forma esperada ou socialmente desejada na coletividade. Da mesma forma que o sucesso, o fracasso pode ser medido em termos quantitativos financeiros, mas igualmente ultrapassa essa questão. Eventualmente, um indivíduo se reconhece como bem sucedido em termos financeiros e profissionais, mas descortina outros aspectos que revelam seu sentimento de fracasso, seja pelo fato do seu casamento não se adequar aos padrões estabelecidos, ao esperado, por se revelar em incompatibilidades entre os cônjuges ou por não se conseguir atingir outros objetivos, como acadêmicos.

É o que nos revela o texto presente em uma edição do Jornal “Atos Hoje” onde se promete ajudar os indivíduos/fiéis a superar o fracasso que pode atingir diferentes esferas da vida de uma pessoa. Contudo, o foco principal reside sobre as questões financeiras, sobretudo devido à centralidade que esse tema possui no cotidiano das pessoas inseridas dentro de uma sociabilidade moderna e burguesa. Assim, na abertura, o texto relata uma das principais causas do sentimento de fracasso:

*“Vivemos, não só em nosso país, mas ao redor de todo mundo, uma crise econômica. Muitas empresas fecharam suas portas deixando centenas de milhares desempregados. Num momento como esse, muitos se sentem fracassados por terem perdido o trabalho. O funcionário pode pensar que não foi competente o suficiente para permanecer no trabalho, e o empresário talvez pense que não foi inteligente o suficiente para passar pela crise sem ir à falência.”*<sup>136</sup>

Como em outros aspectos da vida, dentro da interpretação da IBL a solução passa pela fé, por assumir uma nova postura diante da vida e pelo reconhecimento da incapacidade humana de conseguir superar sozinho os dilemas da vida. É quase uma antítese da modernidade, da certeza moderna de que os homens por eles mesmos, com o recurso da razão, sem necessitar de Deus, poderiam compreender e agir no sentido de modificar o mundo. É o reconhecimento de que o homem sozinho não pode tudo e que certos problemas podem se constituir como obstáculos demasiadamente complexos para o gênio individual. É preciso recorrer a uma instância superior: *“Em certas ocasiões a vida pode parecer dura e somos tentados a desistir.”*<sup>137</sup>

Para escapar dessa tentação, devem os homens recorrer a Deus, se apegando a fé que os renova e dá forças para agir. Por meio da crença e da fé é que Deus poderá modificar uma realidade que se apresenta muito dura, que o indivíduo adquire uma capacidade de superação, até então desconhecida mesmo por ele. Assim, como em diferentes contextos, a Bíblia é atualizada, usada para iluminar, por meio de suas histórias, a melhor maneira para conseguir superar uma dificuldade. Sua autoridade inquestionável exorta os indivíduos à ação, dá a confiança necessária baseada na fé de que, ainda que determinada situação se apresente de forma muito difícil, Deus, Criador das leis naturais, se mostra como o único capaz de desrespeitá-las gerando o fenômeno conhecido como milagre.

---

<sup>136</sup> Jornal “Atos Hoje”ano 43 edição 18 de 3 e Maio de 2009 P.11

<sup>137</sup> Idem. P. 11

Falando em atualização bíblica, iremos remeter à passagem da vida de Jesus relatada por Lucas no capítulo 5 e versículos de 1 à 11:

*“E aconteceu que, apertando-o a multidão, para ouvir a palavra de Deus, estava ele junto ao lago de Genesaré; E viu estar dois barcos junto à praia do lago; e os pescadores, havendo descido deles, estavam lavando as redes. E, entrando num dos barcos, que era o de Simão, pediu-lhe que o afastasse um pouco da terra; e, assentando-se, ensinava do barco a multidão. E, quando acabou de falar, disse a Simão: Faze-te ao mar alto, e lançai as vossas redes para pescar. E, respondendo Simão, disse-lhe: Mestre, havendo trabalhado toda a noite, nada apanhamos; mas, sobre a tua palavra, lançarei a rede. E, fazendo assim, colheram uma grande quantidade de peixes, e rompia-se-lhes a rede. E fizeram sinal aos companheiros que estavam no outro barco, para que os fossem ajudar. E foram, e encheram ambos os barcos, de maneira tal que quase iam a pique. E vendo isto Simão Pedro, prostrou-se aos pés de Jesus, dizendo: Senhor, ausenta-te de mim, que sou um homem pecador. Pois que o espanto se apoderara dele, e de todos os que com ele estavam, por causa da pesca de peixe que haviam feito. E, de igual modo, também de Tiago e João, filhos de Zebedeu, que eram companheiros de Simão. E disse Jesus a Simão: Não temas; de agora em diante serás pescador de homens. E, levando os barcos para terra, deixaram tudo, e o seguiram.”*<sup>138</sup>

A passagem deixa claro que é preciso que o fiel deixe Deus entrar em sua vida totalmente e não apenas em parte dela. Assim, tradicionalmente o trabalho, enquanto aspecto da vida desse fiel deve ser revestido daquilo que Weber definiu como vocação. Porém, dentro das religiões de matriz pentecostal, embora não tenha uma ênfase na noção de vocação, é fundamental deixar a fé penetrar a vida profissional, pois é importante esclarecer que o trabalho deve estar ligado à fé como momento de evangelização ou de sua possibilidade: *“Deus nos prometeu em Mateus 6.33<sup>139</sup>, que se colocarmos a causa do Reino – expandir o evangelho – em primeiro lugar, Ele nos abençoará em todas as áreas.”*<sup>140</sup> Em Weber, vocação é vista dentro de uma perspectiva histórica. Nenhum dos povos antigos ou de tradição católica jamais cunhou uma definição como a de “vocação”. Essa palavra apareceu pela primeira vez nas traduções de Lutero da Bíblia *“Assim como o significado da palavra, a*

---

<sup>138</sup> Lucas 5: 1-11. In: Bíblia Sagrada <http://www.lagoinha.com/biblia/index.php>

<sup>139</sup> Mas, buscai primeiro o reino de Deus, e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas. Mateus 6:33 in: Bíblia Sagrada in: <http://www.lagoinha.com/biblia/index.php>

<sup>140</sup> Jornal “Atos Hoje” ano 43 edição 18 de 3 e Maio de 2009 op. Cit. P. 11

*idéia é nova e é produto da Reforma.*”<sup>141</sup> Weber, contudo, lembra que certa valorização das atividades mundanas já existiu na Antiguidade e mesmo dentro dos mosteiros católicos durante a Idade Média, mas a novidade estava no fato de que essa valorização atingia os afazeres seculares.

Enquanto herdeira dessa tradição protestante, a IBL recebe uma influência dessa perspectiva que vê o trabalho como vocação, algo que pode ser percebido na seguinte passagem presente na apostila do curso Crown: *“Um trabalho não é meramente uma tarefa projetada para se ganhar dinheiro; é também intencionada a produzir um caráter santo na vida do trabalhador”*.<sup>142</sup> A vocação é antes de tudo, dentro do pensamento protestante, uma forma de agradar à Deus, dentro da vida secular, e que casa com uma conotação de honra em suas tarefas e compromissos. Contudo, na IBL o trabalho insere-se dentro da teologia da prosperidade como elemento importante, que recupera para o fiel um sentimento de dignidade muitas vezes até então perdido.

Não como tarefa exclusiva de ganhar dinheiro, o trabalho é também parte do estar no mundo de acordo com os valores cristãos, como momento que não deve ser separado da fé. Em tudo deve o cristão agir de acordo com sua fé, pois em termos financeiros, como dito antes, ele será recompensado com a prosperidade. Esse agir deve ser norteado apenas pela busca da santidade e de Deus, sendo que o resto se torna consequência mais ou menos esperada da fidelidade. Também no trabalho o fiel deve deixar Deus se aproximar e ser parte indivisível de sua atuação profissional. O trabalho é também momento de evangelização, como lembra o texto do Jornal “Atos Hoje”: *“Deus não quer apenas abençoar sua vida. Ele quer abençoá-lo de tal forma que você tenha de dividir as bênçãos com outros para não naufragar. Ele quer abençoar outras vidas que estão vazias por meio de você.”*<sup>143</sup> Por meio do exemplo, de certa atitude que passe confiança a quem está perto – uma confiança calcada na fé em Deus –, a esperança é que isso desperte o interesse dos que estão próximos em conhecer o “segredo” deste sucesso, da confiança e certeza que levam indivíduos a superarem períodos de dificuldade e apreensão. É o exemplo como possibilidade de evangelização.

Retomando a passagem bíblica acima citada, Jesus transforma pescadores em evangelizadores. A fé depositada nele por aqueles homens que, mesmo após o fracasso de uma empreitada, se dispuseram a novamente se lançar às águas transformou-os de trabalhadores em exemplos de fé e conduta. Esse é o modelo que deve ser seguido hoje pelos

---

<sup>141</sup> WEBER, Max. A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo. Op. Cit. P.64

<sup>142</sup> Estudo Financeiro Bíblico. Ministério Crown. Op. Cit. P. 158

<sup>143</sup> Jornal “Atos Hoje”ano 43 edição 18 de 3 e Maio de 2009 Op. Cit. P. 11

trabalhadores, se lançando em empreitadas, confiando em Deus que garantirá uma “pesca” abundante. Essa confiança possui também um potencial evangelizador.

É importante não deixar escapar que as Igrejas de matriz pentecostal, incluindo nessa perspectiva a IBL, têm uma séria dificuldade em aceitar conceitos modernos tais como a separação entre o secular e o espiritual. Isso se dá porque, dentro da perspectiva religiosa por eles engendrada, Deus é parte fundamental do universo e não deve ser deixado de lado em nenhuma esfera da vida do fiel, seja política, econômica ou pessoal. “Jesus é o Senhor”<sup>144</sup> é o dístico que ecoa nas bocas e corações de todo fiel e que faz referência direta ao conceito de entrega de todos os aspectos de sua vida a Deus. Reforçamos ainda que uma das características da modernidade é justamente a noção de auto-suficiência dos homens, onde a busca por respostas é sempre vista como oriunda da capacidade humana. Assim, reservamos a Deus um espaço delimitado para sua ação, e, de certa forma, substituímos crenças em milagres pela crença de que a ciência, a economia ou qualquer outra forma de compreensão moderna da realidade seriam capazes de fornecer as respostas necessárias, resumindo as dificuldades a uma questão de tempo. Como já mencionado, é o sentimento de insuficiência do homem que o leva a desconfiar da capacidade das ciências em responder por todas as suas aflições. A economia, nesse sentido não consegue, para certo grupo de pessoas, fornecer uma explicação aceitável para a falta de trabalho, para as dificuldades de colocação em um mercado cada vez mais competitivo, ou quando a fornecem não consegue se fazer entender, utilizando uma linguagem muitas vezes incompreensível para muitos e nesse sentido é diferente da religião, que não se contenta com uma explicação que retira Deus do mundo e por isso apresenta a solução e a razão das dificuldades em uma linguagem que parte de uma divisão binária original, a saber a do bem e do mal. Em sua forma de entender como o mundo funciona, a IBL deixa de lado explicações macroeconômicas e estruturais para se focar no indivíduo, sendo ele o alvo de uma reforma, deve aceitar a sua necessidade de Deus. Isso não implica no fato de que a *intelligentsia* da Igreja desconheça tais explicações ou as ignore propositalmente, mas sim que essas ficam submetidas a uma explicação transcendental.

É o indivíduo quem deve reconhecer o quanto antes que Deus é o Senhor de tudo na sua vida, inclusive de seu trabalho. Ao mesmo tempo em que foca no indivíduo, a análise religiosa ressalta a insuficiência humana: “*A nossa cultura deixa Deus de fora do trabalho. As pessoas acreditam que elas, por si mesmas, controlam seu sucesso e promoção e são os*

---

<sup>144</sup> E toda a língua confesse que Jesus Cristo é o SENHOR, para glória de Deus Pai. Filipenses 2:11. In: Bíblia Sagrada. Disponível em: <http://www.lagoinha.com/biblia>

*únicos responsáveis por suas capacidades de trabalhar.*”<sup>145</sup> Há, portanto, um momento fundamental nessa concepção, que subordina as questões estruturais da economia, focando-se no indivíduo que é o alvo da salvação. Essa passa pela nova postura diante da vida, o que afeta diretamente o modo como esse indivíduo se relaciona com seu trabalho, como se ele fosse empregado de Deus antes de tudo.

É Deus quem concede aos indivíduos suas habilidades para o exercício de sua vocação, é igualmente Ele quem concede a esses indivíduos o sucesso e a prosperidade esperada: *“Como vimos, você e eu temos certas responsabilidades, mas precisamos reconhecer que, em última análise, é Deus quem nos concede o sucesso”*.<sup>146</sup> Por tudo vir de Deus é que não se deve retirar Ele de nenhum aspecto de vida do fiel. Deve-se estar sempre aberto para Sua manifestação, para Seu poder e com isso colher os frutos das bênçãos.

Assim como em outras áreas, aqui se busca livrar o indivíduo da experiência da angústia e ansiedade típicas da modernidade. Encontrar trabalho não é uma certeza, o que concede essa convicção são sua fidelidade e fé. Sendo a fé uma certeza de que existe um Deus de bondade, confiar nela é experimentar a tranquilidade da certeza. Dessa forma, essas pessoas se tornam mansas, que nada mais é do que a tranquilidade experimentada que anula a ansiedade de obtenção de sucesso. De fato, a Igreja não endossa circunscrever o conceito de sucesso ao acúmulo financeiro. Essa idéia, embora não totalmente ausente, não se limita a ela, pois muitas vezes o sucesso é tido como a capacidade do indivíduo de se inserir no mercado de trabalho e, com seu esforço, ser capaz de suprir as necessidades mais urgentes de sua família. A idéia do que seja “sucesso” ou “fracasso”, portanto, estaria intimamente relacionada às possibilidades de um indivíduo e sua expectativa diante da expectativa de ganho. A Igreja da Lagoinha, seguindo suas congêneres pentecostais, não produz uma linha de discurso para “denunciar” qualquer tipo de desigualdade. Aqui me remeto ao texto das professoras Etiane e Marionilde<sup>147</sup>, anteriormente citado, onde lançam a hipótese de que a Teologia da Prosperidade seria uma resposta à Teologia da Libertação cunhada dentro da Igreja Católica por alguns setores preocupados com a questão da desigualdade, que poderíamos associar com os anseios de uma “esquerda católica”. Para alguns, a satisfação de simples necessidades mais imediatas não é algo satisfatório, enquanto que para outros pode ser constituído como vitória e um sinal de bênçãos. Assim, o indivíduo não se sente pressionado a se enquadrar a um único padrão de sucesso, e a Igreja ressalta os aspectos que

---

<sup>145</sup> Estudo Financeiro Bíblico. Ministério Crown. Op. Cit. P. 158 e 159

<sup>146</sup> Idem. P. 158

<sup>147</sup> SOUZA, Etiane Caloy Bovkalovski de; MAGALHÃES, Marionilde Dias Brepohl de. Os pentecostais: entre a fé e a política. Op. Cit.

considera positivo, enfatizando o crescimento pessoal do fiel. Dessa forma, a Igreja se torna um endosso intelectual e, portanto ideológico, dessa desigualdade, atribuindo ao indivíduo responsabilidade pela sua manutenção financeira.

Contudo, agindo dessa forma, a Igreja se preocupa em resgatar a auto-estima de seus fiéis, muitas vezes abalada pelas dificuldades em se “enquadrar”, em se sentir como membro útil da sociedade, ou seja, alguém com uma função ou trabalho. “*De acordo com a Escritura, há dignidade em todos os tipos de trabalho. A escritura não considera qualquer profissão honesta superior a outra*”.<sup>148</sup> Porém, nesse resgate da auto-estima, advém a defesa da aceitação de seu lugar no mundo, um lugar dado pelo próprio Deus. A prosperidade, advinda do aumento de ganhos financeiros, é igualmente determinada por Deus e desta forma é importante que o fiel aceite com mansidão tanto uma possibilidade quanto a outra. Deus pode agir para o crescimento econômico do seu fiel, mas este não deve buscar isso, mas sim sua salvação. Todo o resto irá ser acrescentado.

Não há incentivo à ganância ou ao ganho financeiro, mas existe um esforço de inculcar uma nova disciplina ao fiel, onde o aspecto financeiro e do trabalho seja submetido aos ditames de Deus como parte da entrega do indivíduo a Ele. Sem incentivo a ganância, mas com certa legitimação das posições sociais, sem culpa pela riqueza conquistada com trabalho, dentro de certa concepção ética, e sem criar aspiração de enriquecimento pelos fiéis, essa, uma promessa mais corrente entre as denominações pentecostais, mas pouco enfatizada pela IBL.

Contudo, se não há, na maior parte do tempo, um incentivo ao enriquecimento por parte da Igreja, em alguns momentos, no púlpito da IBL, são proferidas mensagens que esbarram em promessas de ganhos comuns no meio pentecostal, e adeptas da Teologia da Prosperidade. Ser pouco enfatizada não exclui que em determinados momentos ela não seja trabalhada. Em um dos cultos que assisti, um pastor – que não era da IBL, mas convidado de outra denominação – anunciava aos fiéis presentes que um fato o incomodava no meio evangélico: segundo ele, a maior parte dos fiéis evangélicos eram muito pobres e ele começou a se perguntar as causas disso. Ou seja, embora não fosse membro da IBL, o pastor estava ministrando dentro de seu templo, durante o dia reservado pela Igreja para o culto dos empresários. O reforço aqui era claro, pois ele buscava mexer com os brios do povo eleito, dizendo que teria que haver uma explicação para esse fato. Não obstante, o pastor era autor de um livro de título muito peculiar “*Cansei de ser Pobre*”.<sup>149</sup>

---

<sup>148</sup> Estudo Financeiro Bíblico. Ministério Crown. Op. Cit. P. 158

<sup>149</sup> Culto dos Empresários. Pregação do Pastor Edson Pereira. Realizada em 16/03/2009

Existe uma forte ética do trabalho que, como outros aspectos ideológicos institucionais – algo não exclusivo da IBL –, transcende os objetivos mais imediatos buscados pela religião. Essa ética é igualmente valorizada dentro do mundo secular, sendo destituído de justificação teológica. É algo que atua diretamente no modo como o indivíduo se percebe, lhe conferindo um sentimento de dignidade preservada. Talvez aí resida parte da explicação do crescimento de Igrejas Pentecostais como a IBL, uma vez que dentro delas mais do que defender o direito ao trabalho, a Igreja o transforma em projeto de vida que acompanha uma forte ética condenatória de qualquer forma de ócio<sup>150</sup>. A passagem de Tessalonicenses, capítulo 3 e versículo 10, é citada na apostila do curso Crown quando é abordada a questão do trabalho e de como Deus condena o ócio. Em um exercício de exegese, talvez a mesma passagem pudesse ser lida de outro modo, como uma crítica à sociedade capitalista baseada na exploração do trabalho e em sua alienação, onde uns vendem sua força enquanto outros as compram e não participam diretamente do processo produtivo. Mas aqui a crítica é colocada sobre o indivíduo e o pecado é o da preguiça, sem espaço para qualquer análise mais estrutural.

Durante um dos cultos dirigidos aos empresários que tive oportunidade de assistir, o pastor dizia que o problema não era a crise ou a falta de emprego, mas a preguiça e o conformismo, e que Deus não lida com pessoas preguiçosas. Lembrava ainda que, se a pessoa não fosse “boa em nada”, eles a ensinariam algum ofício<sup>151</sup>. Em seu relato, o pastor contou sua história de vida, dizendo que quando chegou a Belo Horizonte, passou dias em que não tinha o que comer. Diariamente “namorava” um pão, conhecido como “Marta Rocha”<sup>152</sup>, na padaria próxima de onde residia. Quase nunca podia saborear o pão, já que não tinha dinheiro suficiente para comprá-lo, mas nunca deixou de trabalhar, ressalta, mesmo quando este não era remunerado. E disse que muitas vezes, quando a Igreja precisa de pessoas para algum trabalho, elas imediatamente querem saber quanto vão ganhar. Mas ele trabalhou pela Igreja, portanto em prol da obra de Deus, muitas vezes sem receber pagamento “*Irmão, eu ralei demais. Onde ninguém queria ta, eu tava lá.*”<sup>153</sup> Por trabalhar e por perseverar é que hoje podia se considerar abençoado, podendo inclusive comer o pão que antes lhe era muito caro.

Pode-se concluir, portanto, que o trabalho, assim como outras esferas da vida do fiel, deve ser subordinado à ação de um Deus de bondade cujo sentimento de presença faz com

---

<sup>150</sup> Porque, quando ainda estávamos convosco, vos mandamos isto, que, se alguém não quiser trabalhar, não coma também. 2 Tessalonicenses 3:10. In: Bíblia Sagrada <http://www.lagoinha.com/biblia/index.php>

<sup>151</sup> Culto dos Empresários de 16/03/2009

<sup>152</sup> Em Belo Horizonte, “Marta Rocha” é um pão recheado com creme e com cobertura de coco ralado. O nome me parece ser uma referência a uma antiga miss Brasil, cujo nome escreve-se Martha Rocha.

<sup>153</sup> Culto dos Empresários de 16/03/2009

que o fiel consiga encontrar forças que o permitem superar vários obstáculos em seu cotidiano. Essa força sempre se firma na fé que, enquanto certeza, ajuda o indivíduo a tentar manter sob controle a ansiedade e a angústia geradas pelos problemas que ameaçam destruir sua felicidade. A falta de trabalho é um desses dilemas modernos, pois muitas vezes independe dos indivíduos, causa medos e angústias e, além de criar dificuldades para a sobrevivência material, ainda fere o sentimento de dignidade e independência das pessoas. A Igreja Batista da Lagoinha não se preocupa com as questões macroeconômicas ou com a questão da desigualdade, ela parte do indivíduo – algo condizente com sua história –, ajudando-o em um processo muitas vezes doloroso de reinvenção. A responsabilidade é individual, não sendo decisivas as questões macros, pois a crise é sempre vista como um momento de possibilidades, não apenas de dificuldades, no que a Igreja termina por se conformar com vários livros de auto-ajuda. A prosperidade está ao alcance de todos que se colocam sob a proteção de Deus, mas não basta saber disso, é preciso assumir essa idéia para moldar um novo caráter cristão do fiel que não duvida que, a despeito das dificuldades, existe a certeza divina.

---

## Capítulo VI - O Consumo

**D**entro da modernidade capitalista, uma das maiores fontes de angústia está justamente no fato de se conseguir meios eficazes para ganhar a vida, um trabalho que gere rendimentos e que permita ao indivíduo participar das promessas de felicidade feitas pelo sistema. Existe um apelo que, mais do que fazer referência a alguma necessidade ou mesmo a intenção de criar novas, mexe com aspirações e desejos, concepções de felicidade, sentimento de pertencer pela possibilidade de se conquistar aquilo que a sociedade oferece como experiência de emoções. De tal forma, é o apelo, que se torna urgente, ao mesmo tempo em que o sistema oferece possibilidades para uma antecipação do tempo, de permitir ao indivíduo experimentar uma nova emoção, ainda que os recursos para tal experiência ainda não existam. Eis que aí se insere a oferta do crédito como forma de se antecipar o tempo, abreviar a espera e trazer para o hoje a possibilidade da experiência. Isso cria um sentimento de urgência para as pessoas, onde o adiamento torna-se frustração. O crédito se insinua de forma sedutora, oferecido com a promessa de não se transformar em dificuldade para o futuro. Ele antecipa o presente para uma sociedade niilista onde o agora tem importância fundamental e o futuro, embora não ignorado, é visto como um devir ainda distante.

O dinheiro se transforma em sinônimo de angústia quando os indivíduos gastam mais do que têm como rendimento, gerando dívidas. Dentro da perspectiva cristã da IBL, a dívida é associada com uma imagem de escravidão. É o que se retira da passagem de Provérbio 22.7: *“o rico domina sobre os pobres e o que toma emprestado é servo do que empresta.”*. Em outras traduções, a palavra “servo” é substituída pela palavra “escravo”, como na usada pela apostila do curso Crown. A Igreja já percebeu o quanto a dívida gera de sofrimento e angústia, afirmando que esta tem, além do custo financeiro, um custo físico: *“a dívida frequentemente aumenta o estresse, que contribui para a fadiga emocional, mental e física. Esses efeitos podem abafar a criatividade e prejudicar relacionamentos.”*<sup>154</sup> Assim, a Igreja desaconselha a seus fiéis que se deixem arrastar para as dívidas, o que em muitos casos significa lutar contra a sedução da sociedade de consumo.

Endividar é visto pela Igreja como a busca de uma satisfação pessoal que antecipa o tempo, mas que pode causar males físicos e financeiros como citado acima. Contudo, a Igreja, para combater o endividamento, deve antes definir o que se entende por “dívida”, visto que as

---

<sup>154</sup> Estudo Financeiro Bíblico. Ministério Crown. Op. Cit. p. 69

contas mensais e regulares poderiam eventualmente serem confundidas com ela. Além disso, alguns endividamentos, porquanto não seja desejado, podem ser necessários como para a compra de um imóvel. Assim o curso Crown define dívida como sendo “(...) *dinheiro que é devido às empresas de cartão de crédito, empréstimos, dinheiro emprestado de familiares, financiamento de imóvel residencial, financiamento de veículos e outras contas vencidas*”.<sup>155</sup> Contas tidas como regulares, telefone e luz, por exemplo, só são definidas como dívidas se não forem pagas até o vencimento.

Por trás da condenação da dívida esconde-se uma argumentação de cunho moral, sendo este a fonte última de onde se extrai a conclusão de que a dívida é uma maldição na maioria dos casos, não em todos. Ela é responsável por muitos problemas de relacionamento, como enfatiza acima a citação retirada da apostila do Crown, e entre esses problemas estão o do relacionamento entre marido e esposa. Portanto, a dívida é antes de tudo um problema por contribuir para desestabilizar uniões familiares, o que contraria a vontade de Deus. Seu potencial é o de criar desarmonia onde a Igreja deseja que reine a harmonia e a paz entre os cônjuges, já que o casamento, celebrado em ritual religioso, deve perdurar e a separação pode amplificar essa desestabilização dentro da sociedade. Por trás dessa noção está a idéia de que a família é a base da sociedade, o grupo onde os indivíduos começam a aprender as regras socialmente aceitas de comportamento. Seu bom funcionamento, segundo esta concepção, deve ser refletido, quase realmente como um espelho, no bom funcionamento da sociedade. Uma frente à outra deve permitir aos indivíduos reconhecerem os traços definidores dos “bons modos” desejados.

Dessa forma, falamos de uma moral que visa preservar antes de tudo o núcleo familiar. Quando conheci o curso Crown, imaginei que estivesse sob a orientação de um ministério ligado às questões financeiras, durante a pesquisa, contudo, descobri que está abaixo do ministério da família. Na leitura da IBL, problemas financeiros estão ligados a uma tendência de abuso e excessos incentivados pela modernidade consumista, esse comportamento excessivo é visto como disruptivo, desestabilizador e, portanto, contrário a uma moderação do temperamento, importante dentro da concepção de como os relacionamentos devem funcionar. O se deixar levar pela sedução do consumo pode acarretar em faltas na manutenção do lar e da família, a uma substituição de certos valores tidos como fundamentais por emoções que são definidas como sendo fugazes.

---

<sup>155</sup> Estudo Financeiro Bíblico. Ministério Crown. Op. Cit. P. 67

O que a Igreja deseja de seu fiel é um comportamento que seja justamente o oposto daquele que é incentivado pela propaganda consumista. Não chega a ser um comportamento ascético no sentido de “fuga do mundo”, mas exige do fiel um compromisso com certo decoro, moderação e mesmo sacrifício, a uma escolha entre valores tidos como universais e eternos contra outros definidos como transitórios e corruptos.

A dívida ainda torna o trabalho uma realidade desagradável, onde a busca por uma posição no mercado mescla-se com a necessidade de pagar dívidas, que se acumulam e que parecem caminhar pra um crescimento e não redução, como se poderia supor pelo aumento da carga de trabalho. Se o indivíduo continua a se permitir ser seduzido pelo crédito que promete a felicidade niilista da sociedade de consumo, de nada adiantará o aumento da carga de trabalho, pois apenas em raras circunstâncias este aumento poderá representar um ganho muito maior. Torna-se assim um ciclo vicioso onde o trabalho perde sua função primordial de vocação, louvor e possibilidade de evangelização para tornar-se um fardo. Aqui, cabe definir, partindo do estudo de Weber, o conceito de vocação e sua relação com o trabalho, pois dentro da visão da IBL, o trabalho torna-se fardo devido ao pecado. Sucumbe ao pecado quando o indivíduo deixa-se seduzir pelo mundo, pelo o que ele oferece em termos de emoções e é esta sedução que muitas vezes coloca a dívida na vida das pessoas, que utilizam o crédito porque não conseguem resistir ao imediatismo da satisfação moderna.

Vocação é, em Weber, uma tarefa de vida, um campo definido no qual trabalhar. Essa concepção é fruto da Reforma, pois entre os povos de predomínio católico e os da Antiguidade clássica, nenhum tinha uma palavra com a conotação de “vocação”. Embora a palavra não existisse na sua acepção moderna, certa valorização dos afazeres cotidianos já era conhecida tanto na Antiguidade quanto entre os monges católicos. Contudo, foi com a Reforma, ou mais especificamente com Lutero, quando da tradução da Bíblia, que a palavra começou a ganhar seu uso moderno. Nas palavras de Weber: “(...) a valorização do cumprimento do dever nos afazeres seculares como a mais alta forma que a atividade ética do indivíduo pudesse assumir.”<sup>156</sup>. A idéia de vocação parece ter sido perdida pela IBL, pois em nenhum momento pude perceber qualquer referência ao conceito. Porém, o trabalho deve ser louvor, possibilidade de evangelização. Não se busca a realização profissional apenas, mas sim uma atuação que glorifique o nome de Deus para a Igreja, de forma que o indivíduo retire do trabalho a conotação de fardo.

---

<sup>156</sup> WEBER, Max. A ética protestante e o espírito do capitalismo. Op. Cit. P. 65

Em seu trabalho clássico “A Ética Protestante e os Espírito do Capitalismo”, Weber define esse espírito como um modo de vida mais ou menos naturalizado, citando Benjamin Franklin, afirma que a ética pregada por esse espírito é uma filosofia de avareza e um ideal do homem honesto onde a infração não é mera tolice ou falha, mas esquecimento do dever. Assim, Franklin lembra as pessoas de que:

*“(...) o bom pagador é dono da bolsa alheia’. Aquele que é conhecido por pagar exata e pontualmente na data prometida pode, a qualquer momento e em qualquer ocasião, levantar todo o dinheiro de que seus amigos possam dispor. (...) Além da industriiosidade e da frugalidade nada contribui mais para a subida de um jovem que a pontualidade e a justiça em todos os seus negócios; por isso, nunca mantenha dinheiro emprestado uma hora sequer além do tempo prometido, para que o desapontamento não feche para sempre a bolsa de teus amigos.”<sup>157</sup>*

O discurso da Igreja, como o que está presente na apostila do curso Crown, lembra em diferentes momentos ao fiel de seu dever em honrar suas dívidas. Melhor dizendo, o ideal é que o indivíduo não tenha dívidas, mas se as tiver, não deixe de pagá-las. De toda forma, como consequência desejada ou não, a abordagem do curso Crown termina reforçando assim um pensamento que não é exclusivo das Igrejas de matriz protestante, mas que se configura como um valor hegemônico dentro das sociedades capitalistas. Weber ainda lembra que o pensamento de Franklin não encerra toda a essência desse “espírito”, mas compõe o que ele chama de *ethos*, na medida que era parte do modo de vida de grupos inteiros. Esse modo de vida ainda teve que lutar contra outros grupos hostis para se tornar uma ética dominante.

Contudo, Franklin não vê grandes problemas na dívida, chega a recomendar que o indivíduo não deixe de honrar seus compromissos no tempo exato para que no futuro conte sempre com a disponibilidade dos recursos alheios. Na IBL, existe uma censura ao processo de endividamento pelas implicações morais acima descritas. Mais do que preocupada em criar indivíduos capazes de atuar em um mercado baseado na liberdade individual, a Igreja pretende formar fiéis que tenham como norteadora uma moral que coloque Deus e seus desígnios em primeiro lugar. Entre estes desígnios encontra-se a família, desejo de Deus para cada pessoa no mundo. A dívida, portanto, é mal gerador de problemas que ultrapassam seu aspecto financeiro mais imediato.

---

<sup>157</sup> Idem. p. 44

Mas existe uma exceção mencionada na apostila, que é a dívida contraída para investimentos, essa é permitida “(...) desde que você não seja requisitado a, pessoalmente, garantir o pagamento da dívida.”<sup>158</sup> O próprio investimento, alerta o autor do texto, deve ser a única garantia para o pagamento da dívida. As dificuldades em conseguir um empréstimo, onde a pessoa não se coloque como garantia para o pagamento, são reconhecidas no texto, mas o autor faz também um alerta citando Tiago 4:2: “nada tendes, porque não pedis”<sup>159</sup>, pois esse deve ser um pedido colocado como motivo de oração, sendo que o próprio autor do texto lembra que tem visto Deus assegurar aos seus fiéis esse tipo de financiamento. A intenção é evitar que a família seja atingida por algum percalço financeiro, criando uma barreira, onde a perda se limite ao próprio bem adquirido e ao dinheiro até aquele momento investido. Trata-se de uma exceção, de fato pequena, que permite ao indivíduo assumir uma dívida.

A intenção do curso Crown é justamente permitir que as pessoas consigam superar as dívidas e terem uma relação mais tranquila com dinheiro, diferente daquela normalmente experimentada quando a pressão das dívidas aumenta. Assim, o capítulo relativo ao tratamento do endividamento é um dos mais importantes do curso, e pode até ser descrito como momento fundamental desse processo de aquisição de uma nova disciplina financeira. Existe, dentro da visão de mundo engendrada pela IBL, uma tentativa de contenção dos excessos, como se o mundo estivesse sempre atuando no estímulo ao excesso e a Igreja intentasse o oposto, impondo uma ascese onde não se deseja o sofrimento corporal como forma de se aproximar de Deus, mas sim fala em renúncias, em abandono da busca incessante pelo prazer. Quando pensamos nas questões que envolvem a liberdade individual do uso do corpo, percebemos com mais clareza como age essa ascese, mas o mesmo modo de agir com o corpo é colocado a serviço das questões financeiras. Lá como aqui, a disciplina tem como objetivo controlar os excessos que na modernidade ganham uma multiplicidade de opções. Seja pelo sexo ou consumo de álcool e drogas ou pela estimulação de outros sentidos, nunca antes as sensações puderam ser tão excitadas como agora e, como geram emoções de prazer e contentamento, são percebidas como opção para o acesso à felicidade. Mas a verdadeira felicidade para a Igreja advém de uma relação cada vez mais íntima com Deus, o que significa submeter-se a sua disciplina que coíbe os excessos hedonísticos. Assim, dentro da Igreja, o corpo deve ser disciplinado, mas concomitantemente o bolso, em um esforço que não se resume a esses dois aspectos.

---

<sup>158</sup> Estudo Financeiro Bíblico. Ministério Crown. Op. Cit. P. 76

<sup>159</sup> Idem P. 76

Weber lembra ainda que os protestantes não foram os fundadores de um “espírito do capitalismo”, visto que a busca por bens materiais não foi um fim para eles, mas sim a redenção espiritual, a salvação de almas para Deus. Talvez, como lembra o autor alemão, as consequências culturais da Reforma tenham sido inesperadas. O mesmo se dá aqui, ao que parece, a IBL não pretende apenas formar indivíduos capazes de se inserirem de forma mais competente no mercado de trabalho, deseja a salvação deles, e a consequência mais clara da salvação aparece nas bênçãos que se manifestam na vida cotidiana dos convertidos. Ela não deseja apenas que esses fiéis se tornem ricos materialmente, mas antes que sejam ricos na fé. Mas uma relação mais frugal com o dinheiro termina por ser uma consequência dessa forma de se relacionar com Deus.

Por trás dessa nova disciplina existe uma interpretação sobre o mundo moderno. Uma interpretação crítica, diga-se de passagem. O “mundo” é o lugar do excesso, este se reflete, dentro dessa visão, em uma busca pelo prazer e felicidade feita de forma intensa, imediatista e que, ao invés de apaziguar, envolve o indivíduo em uma espiral de sofrimento. O alerta da Igreja é para que os indivíduos aprendam a se contentar com o que têm, atentos aos apelos constantes da indústria, por meio da propaganda, para incentivar o consumo. Existe pouca autonomia dos indivíduos nessa interpretação sobre o consumo endossada pela IBL. No texto presente na apostila do curso Crown, o autor resume três realidades da sociedade dirigida ao consumo:

- *Quanto mais você assiste à televisão, mais você gasta.*
- *Quanto mais você olha catálogos e revistas, mais você gasta.*
- *Quanto mais você vai às compras, mais você gasta.”* <sup>160</sup>

Campbell já fala de certa autonomia do indivíduo, enfatizando que o consumo nas sociedades modernas não se limita à seleção, compra e o uso de produtos, mas também à busca de prazer. Esta necessidade de prazer faz parte do *ethos* da modernidade, algo que seria parte constitutiva de uma sociedade que acreditou superar a possibilidade da falta. É parte do hedonismo contemporâneo, que coloca o prazer como um fim em si mesmo. É esse hedonismo que se torna alvo das críticas religiosas de diferentes matizes e, na IBL, isso não é diferente. É como se esse hedonismo tomasse o lugar de Deus no coração dos homens, pois tornaria a humanidade mais confiante em si mesma, com uma menor expectativa pelo porvir da promessa religiosa do paraíso, em um desejo cada vez maior de criar um “céu” aqui e

---

<sup>160</sup> Estudo Financeiro Bíblico. Ministério Crown. Op. Cit. P. 73

agora, desafiando assim os mandamentos de Deus. Parte da especulação imaginativa que compõe o consumo, segundo Campbell, surge do sentimento de insatisfação com a realidade<sup>161</sup>, e é esse sentimento que faz com que os indivíduos busquem na Igreja respostas e caminhos. Se a vida se torna uma incessante busca pelo prazer, de que forma o homem pode necessitar de um Pai que o proteja das dificuldades inerentes à experiência de vida? Mas a modernidade também possui seus dilemas, que muitas vezes são vistos como algo além da capacidade dos indivíduos de lidarem e por isso a necessidade da busca por Aquele que é visto como o único capaz de ajudar a supera-los. A modernidade fragmenta identidades, rompe com tradições, valores e crenças e não faz isso impunemente. A reação pode muitas vezes tomar a forma do apego àquilo que parece ser mais sólido diante de tanta fragmentação. O Deus apresentado pela Igreja encarna a promessa da conservação, pois é apresentado como aquele que não muda diante de um mundo em constante mutação. Deus é o mesmo, ontem e sempre, está é a promessa que se casa, contudo, com uma linguagem mais contemporânea, onde a polifonia mediática da modernidade fica a serviço da evangelização de Deus e de suas leis imutáveis.

Contudo, não se pode esquecer que a mídia consegue manipular os desejos das pessoas, mas isso não significa imposição de seus padrões. Ela não cria sozinha esses desejos, existe uma base social que não pode ser desconsiderada, uma fonte onde, tal como um diamante bruto, o marketing e a indústria conseguem transformar aquilo que muitas vezes existe apenas como um anseio difuso e pouco claro, em algo com forma e utilidade. Segundo Campbell, o novo é possuidor de características que, por serem desconhecidas, permitem o devaneio sobre as possibilidades de prazer que pode vir a oferecer e a estes se soma os já conhecidos aumentando o desejo. Sim, porque a indústria não oferece apenas prazer estético, mas também utilidade e parte do prazer experimentado pelos indivíduos no consumo advêm de conseguir encontrar soluções para problemas comuns do cotidiano. Soluções de agilidade, espaço, tempo e simplicidade, sem perder com isso o aspecto estético. A vida moderna necessita dessa praticidade, sobretudo devido à velocidade do seu cotidiano.

Um casal – que aqui chamarei de Marco e Sofia – com quem conversei durante minha pesquisa na IBL, revelou certa preocupação com o consumo, com aquilo que o mundo oferece. O casal tem dois filhos e como pais, serviam de filtro para aquilo que entraria em sua casa. Ela cresceu dentro da Igreja, seus pais converteram-se ainda em sua infância. Ele já tinha 10 anos de conversão e seis de IBL, fora convertido em outra Igreja batista no estado do

---

<sup>161</sup> CAMPBELL, Colin. A Ética Romântica e o Espírito do Consumismo Moderno Op. Cit.

Rio de Janeiro, onde morava. Segundo sua definição, hoje ele investe mais seu tempo e dinheiro em casa e menos na rua, conseqüentemente consegue perceber melhor para onde seu dinheiro vai, onde o aplica. Na rua, ele disse que o dinheiro sumia, pois ia sempre “picado” – um pouco aqui e um pouco ali – e assim ele não conseguia manter um bom controle sobre seu destino. Seus gastos “no mundo” eram sempre com prazer, bares, bebidas e consumo, quase sempre em excesso, segundo ele falou. Do seu trabalho, disse, quase não via rendimento, ficava sem perceber para onde exatamente seu dinheiro escoava.

No mundo, segundo seu relato, as pessoas só enxergam o exterior, pois apenas se interessam pela marca da roupa usada e desejam apenas vender uma imagem, sem conteúdo. Ele diz que superou esse modo de proceder e que hoje se preocupa com outras coisas, como a salvação de sua alma agradando a Deus. Sua mudança na forma de consumir reflete uma mudança de valores mais profunda. Na sua vida pré-conversão, ele saía à meia noite para se divertir e voltava para casa com a alvorada, às seis da manhã, sendo esta uma prática comum de sua vida. Chegava e ia trabalhar às 7h30min, o que o tornava, segundo ele ponderou, em um trabalhador de baixo rendimento, já que constantemente se aproveitava de todas as oportunidades dentro de seu expediente para dormir. Hoje, a antiga hora de saída é sua hora de chegada.

Seu comportamento tornou-se mais moderado, o que pode ser medido em outro relato. Ele sente que hoje é mais calmo, sua linguagem mudou, antes falava mais gírias e hoje elas quase que desapareceram de seu vocabulário. Tornou-se mais manso, e essa experiência de mansidão o ajuda a controlar, não apenas o impulso passional, mas também o sentimento de angústia e ansiedade que muitas vezes termina por acarretar excessos como o do consumo. É o que muitos relatam como o preenchimento do vazio sentido na vida. Em vários relatos, embora as pessoas se considerem muitas vezes felizes e realizadas profissionalmente e mesmo financeiramente, dizem sentir esse vazio que só é superado após a conversão.

Como dito anteriormente, a mansidão é um estado de espírito importante dentro de diferentes denominações cristãs. O próprio Cristo seria o tipo ideal desse estado, se constituindo quase como um paradigma dele, sendo simbolicamente associado ao cordeiro, animal manso e pouco agressivo, que era costumeiramente imolado em rituais de sacrifício dentro do judaísmo antigo. A mansidão, dentro da IBL, não é a aceitação do sofrimento, comum a outras tradições cristãs, mas estaria melhor associada à idéia de humildade, do fiel que reconhece suas limitações e que busca em Deus a força que possibilitaria a superação de tais dificuldades. A fé da Igreja Batista Renovada, como a IBL, é uma fé que não aceita o sofrimento e a dor, mas antes as coloca na vida sem Cristo. Após a conversão, ainda que

enfrentem situações de sofrimento, contam com a força espiritual da fé que os leva à crença de serem capazes de superar qualquer adversidade. O próprio Cristo exalta os humildes no sermão da montanha: “*Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra;*”.<sup>162</sup>

Voltando ao casal, a esposa de Marco disse que controla muito os produtos da indústria cultural que entram em sua casa. Músicas apenas as de louvor e adoração, um segmento que possui um farto acervo a disposição dos consumidores/fiéis, já que hoje é muito comum que as diferentes denominações tenham um selo. É o caso da IBL com o ministério/selo “Diante do Trono” que produz DVDs de shows e CDs de vários ritmos diferentes de música gospel. Quanto a filmes, embora exista uma boa produção, sobretudo internacional, de filmes com temática religiosa, Sofia disse que em sua casa entram alguns “do mundo”, sobretudo desenhos infantis, mas nenhum cuja temática envolva sexo ou violência, pois para ela “tudo influencia”<sup>163</sup>.

Como não existe a intenção de se fugir do mundo, talvez com isso se possa explicar a forma como a IBL se apresenta em termos estéticos aos seus fiéis e à comunidade em geral. Usando a definição do prof. Pierre Sanchis, existe uma menor rejeição do mundo por parte dessas Igrejas<sup>164</sup>. Dessa forma, ela parece competir com as ofertas de bens e serviços que a sociedade de consumo dispõe, e para isso a instituição deve ser administrada de forma empresarial, com os dízimos pagos pelos fiéis criando uma Igreja com ares de modernidade em termos estéticos. Em um dos meus primeiros contatos com a IBL, no ano de 2008, após um culto no qual participou o pastor Marcio Valadão, em conversa informal, me falou da novidade de ter diante dele um aluno de pós-graduação de uma área como a Antropologia, pois estava acostumado a receber alunos de cursos como Administração e Contabilidade, que procuravam a Igreja para estudar seus aspectos administrativos.

A IBL possui um canal de TV, um portal na internet e dentro do templo existem televisores modernos que em dias muito cheios mostram o que acontece no altar. Seus produtos têm uma apresentação que em nada ficam a dever aos produtos da indústria cultural como DVDs, CDs, livros, produtos infantis, entre outros. Oferece produtos culturais que competem com aqueles oferecidos “pelo mundo”, ou seja, aqueles da indústria cultural. Em sua loja pode-se encontrar filmes, CDs de artistas que cantam sobre Deus em diferentes ritmos, produtos infantis, livros de auto-ajuda e ficção – todos falando sobre Deus, onde o fiel pode buscar respostas e inspiração para se colocar em um mundo que cada vez mais parece

---

<sup>162</sup> . Mateus 5:5 in: Bíblia Sagrada. Disponível em : <http://www.lagoinha.com/biblia>

<sup>163</sup> Entrevista realizada em 16/12/2009 no templo maior da Igreja Batista da IBL.

<sup>164</sup> SANCHIS, Pierre. Desencanto e Formas Contemporâneas do Religioso in: Ciências Sociais e Religião Op. Cit. P. 29

caminhar no sentido oposto ao desejado pela religião. É como se a Igreja suprisse a necessidade de consumo, contudo, invertendo os sinais, pois seus produtos têm igualmente a função de evangelização, tanto de seus fiéis quanto de pessoas de outras religiões que os procurem. Assim como a indústria cultural oferece um arco de emoções que podem ser experimentadas pelo consumidor, os produtos gospels também oferecem experiências novas que passam pelo sentimento de um Deus vivo. É uma nova forma de autocontrole do “desfrute espontâneo da vida”<sup>165</sup>, o que sugere um tipo de divertimento que dá a sensação de uma relação mais íntima com Deus, de louvor e instrução na palavra. A forma pode ser variada, o que permite que um CD de músicas de louvor possa ser gravado como rock, pop, pagode, entre outros, mas a mensagem não é para o desfrute do mundo, mas de Deus e de Sua palavra, na busca por uma nova direção na vida desses indivíduos. É a emoção de se sentir diante de um Deus que protege, cura e auxilia. Como coloca Campbell em seu estudo sobre a ética romântica<sup>166</sup>, o ingrediente de prazer nas atividades dos protestantes não pode ser um fim em si mesmo – como ocorre no consumo, por exemplo – mas acompanha atos exigidos por Deus. O desfrute de uma música que altera as sensações provocando emoções deve ser direcionado para o louvor, mas também para o reforço da mensagem e da fé do fiel.

Podemos assim concluir que uma das fontes de angústia dentro da modernidade advém da relação com o dinheiro, da sua falta que muitas vezes é ocasionado pela pressão de dívidas. Essas trazem consigo problemas que as ultrapassam, gerando instabilidade dentro da família, que é o foco principal da intervenção religiosa. Com uma nova ascese inculcada no fiel, a Igreja consegue modificar a relação desses com sua vida financeira. Como consequência, esses fiéis conseguem se colocar de forma diferente diante do mundo, se apresentam mais amansados, com uma angústia mais controlada, se recompõem não apenas economicamente e profissionalmente, mas sobretudo como pessoas e famílias – para usar uma expressão cara à Igreja – são restauradas. Elas se sentem parte de algo maior, ao mesmo tempo em que descobrem que, para além da fragmentação característica da modernidade existe algo mais sólido e permanente, que acalenta o espírito.

A ascese financeira faz parte de uma disciplina maior, de um aprendizado que faz das pessoas mais comedidas, avessas aos excessos tidos como disruptivos e incentivador de formas de vida que contrariam a vontade de Deus para os homens. O comportamento sem

---

<sup>165</sup> “ (...) era necessário destruir tudo o que fosse impulsivo no homem e, conseqüentemente, o ascetismo puritano ‘ se voltou com todas as suas forças contra uma coisa: o desfrute espontâneo da vida e de tudo o que ela tinha a oferecer’.” WEBER, Max. A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo. Apud. CAMPBELL, Colin. A Ética Romântica e o Espírito do Consumismo Moderno Op. Cit. P. 146.

<sup>166</sup> Idem. P. 147

limitação, seja em que esfera da vida for, gera problemas que desestabilizam indivíduos e suas famílias. A família é a base sobre a qual a Igreja se ergue e sem ela, todo o edifício institucional pode ruir.

No lugar da busca incessante pelo prazer, a Igreja apresenta um Deus capaz de dar sentido à vida dessas pessoas, sentido que era antes buscado no hedonismo. Quando esse indivíduo se encontra na fé é como se achasse algo pelo qual ansiava, ou assim acredita, pois a Igreja apresenta-lhe igualmente uma explicação para o infortúnio e para a angústia até então experimentada. Aqui entra sua crítica ao mundo moderno, aos valores que se rompem, à mudança que contraria a dogmática cristã e sua interpretação da história e que parece, em um balanço, ser causador de certo sofrimento. Se a modernidade rompe com identidades, a Igreja fornece uma, a de cristão, cujo grupo de valores mostra-se como uma segurança diante de tanta mudança.

A disciplina financeira é parte de uma maior, a da ascese religiosa, segundo a interpretação Batista renovada. Uma mudança que opera em diferentes aspectos da vida dessas pessoas, mas que pode ser sentida de forma mais concreta na relação com a vida financeira. O mundo é o lugar do trabalho e este se torna um fardo devido ao pecado. Do paraíso de onde tinha tudo, o homem foi mandado ao mundo onde tem que trabalhar para conseguir seu sustento, por desobediência a Deus. O mundo seduz com facilidades que não tardam a se mostrarem armadilhas, como a dívida, e é justamente contra essas armadilhas que os fiéis devem aprender a caminhar dentro da Lei.

---

## Conclusão

A questão que se encontra na base do meu trabalho é a mesma que o prof. Otávio Velho menciona em um texto que trata sobre a religião e modernidade<sup>167</sup>. É a questão da viabilidade do discurso religioso diante de uma modernidade cada vez mais profunda, que vista do alto parecia inclusive dispor dessa forma de compreender o mundo. No resumo que ele faz da obra de Marcel Gauchet, afirma que “(...) *a religião não serve mais de fundamento para as sociedades humanas*”. Mas ao mesmo tempo, lembra que o fundamento positivista da ciência e do conhecimento também enfrenta uma crise e não se sustenta mais. Isso, contudo, como lembra o autor, não significou uma volta à religião como fundamento da sociedade.

Então, que religião é essa desse começo de século? Antes de mais nada, é a permanência de um discurso, de uma moral e visão de mundo que não sucumbiu diante da alternativa moderna. Mas é também uma religião que molda a visão de mundo dos indivíduos, muitas vezes experimentando conflitos e tensões com outras formas de conceber a realidade, eventualmente compondo com essas outras alternativas.

Escolhi como objeto de estudo uma Igreja Batista de cunho reformado, diferente do chamado protestantismo tradicional, mas que tenta se desvincular de alguma associação com o chamado neopentecostalismo. Guarda com esses últimos a forte crença na manifestação no cotidiano do Espírito Santo, contudo, abraça com certa cautela o discurso da Teologia da Prosperidade, embora nele se aprofunde em determinados momentos, às vezes até quando abre espaço para pastores de outras denominações em seus púlpitos.

É inegável seu crescimento em número de fiéis nos últimos anos, esse, a despeito de outras conclusões possíveis, nos permite perceber que sua mensagem encontra boa recepção na sociedade contemporânea. Há algo no que dizem que produz significado para algumas pessoas, e isso foi esboçado nesse trabalho, mas poderia ser sumariado da seguinte forma: Jesus fez o sacrifício definitivo para que os homens que nele cressem pudessem ser alvo das bênçãos celestiais. É uma fé, portanto, que não aceita a “derrota” ou o “fracasso”, esses medidos pelos valores burgueses modernos por onde passa a questão financeira.

Trata-se de uma fé bifurcada, se assim posso ousar dizer, onde um dos caminhos é a certeza na ação e presença do divino no cotidiano das pessoas e o outro leva a uma renovação na crença da capacidade individual, é, portanto, uma auto-ajuda. A fé em Deus é anteparo para uma descoberta ou certeza na capacidade do indivíduo em superar suas dificuldades,

---

<sup>167</sup> VELHO, Otavio Guilherme. *Besta-Fera: Recriação do Mundo: Ensaios Críticos de Antropologia*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, c1995. 250p

deixando para trás eventualmente alguns recalques e complexos. Dessa forma, da coragem daí adquirida, muitas pessoas testemunham uma superação de diversos problemas na sua vida pessoal, desde doenças até a falta de dinheiro.

É diferente da perspectiva cristã, cuja ênfase se assenta na idéia de sacrifício e que gera uma compreensão da realidade para a aceitação das dificuldades como inerentes a experiência. Questão complexa, pois mesmo dentro dessa perspectiva assentada na noção do sacrifício e do sofrimento, muitos fiéis percebem sua relação com o divino como a busca milagrosa para a superação dessas dificuldades. O que a fé, nessa perspectiva, muitas vezes permite é uma consolação do fato consumado, como no caso de pessoas que tentam aceitar a perda de uma pessoa querida.

Dessa forma, falamos de uma fé que de certa forma acomoda-se bem com a hegemonia moderna da busca da felicidade nesse mundo. Esse ponto é fundamental, pois a fé batista renovada ao mesmo tempo em que possui zonas de conflitos com diversos valores modernos, intenta, por outro lado, domesticar essa busca. A felicidade, nessa perspectiva passa pela aceitação de Deus na vida e a superação da angústia criada pela busca realizada no mundo.

Fé prática que não dá muita ênfase ao mistério ou em objetos, espaços e momentos sagrados, pois tudo pertence a Deus, noção basilar da qual decorre a entrega do fiel e também a aceitação de suas obrigações, como a de estar em dia com o dízimo. Assim o indivíduo se coloca de uma forma nova diante da vida, encarando o acesso a um estado de felicidade como obra de Deus que apazigua os sentimentos de angústia e de falta, inerentes à experiência humana em diferentes contextos. Apazigua, não elimina, mas a fé fornece instrumentos intelectuais para o controle desses sentimentos que na modernidade possuem diferentes fontes. Daí os relatos e testemunhos que falam dessa falta e da busca por supri-la, uma busca que encontra um porto seguro na fé.

Essa fé cria um sentimento de segurança em meio a uma sociedade que parece não oferecer nenhuma, com valores fugazes que geram insegurança e ansiedade. Da modernidade, a Igreja busca uma linguagem nova para revelar aos indivíduos a mensagem de que existem valores que ultrapassam o tempo e permanecem conservados. São valores que, dentro dessa visão de mundo, permanecem puros, não se contaminando com aqueles produzidos pela modernidade.

A religião não é mais fundamento da sociedade, mas sim um, entre outros, vetores que fornecem aos indivíduos escolhas para lidarem com diferentes situações geradoras do sentimento de angústia. Ela oferece respostas diferentes daquela que a ciência e o

conhecimento dos modernos apresentam. Um sentimento talvez universal, que não se satisfaz apenas com a explicação causal. Ela indaga o porquê de determinada situação, uma preocupação que escapa as preocupações da razão moderna, mas não dos modernos.

---

## Referências Bibliográficas

AZEVEDO, Israel Belo de. A Celebração do Indivíduo: A Formação do Pensamento Batista Brasileiro. Piracicaba: Ed. UNIMEP; São Paulo: Exodus, 1996.

BAUMAN, Zygmunt. O Mal-Estar da Pós-Modernidade. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998. 272 p.

BERMAN, Marshall; MOISES, Carlos Felipe; IORIATTI, Ana Maria L. Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade. São Paulo: Cia das Letras, 1986. 360 p.

BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa, Portugal: Difel, [1989]. 311p.

BOURDIEU, Pierre. Gênese e Estrutura do Campo Religioso. In: A Economia das Trocas Simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 1974. 361p.

CAMPBELL, Colin. A Ética Romântica e o Espírito do Consumismo Moderno. Rio de Janeiro: Rocco, 2001 400p.

COUTINHO, Carlos Nelson. Gramsci: Um Estudo Sobre Seu Pensamento Político. Rio de Janeiro: 1989. 142p

DIAS, Edmundo Fernandes. Hegemonia: racionalidade que se faz história. In: O Outro Gramsci. Ed. Xamã. São Paulo. 1996.

EVANS-PRITCHARD, E. E; GILLIES, Eva. Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005. 255p.

FEATHERSTONE, Mike. Cultura de consumo e pos-modernismo. São Paulo: Studio Nobel, c1995. 223p.

FRY, Peter Henry e HOWE, Gary Nigel. "Duas respostas para a aflição: umbanda e pentecostalismo". In *Debate e Crítica* n°4, s/d, p. 43 e ss

GEERTZ, Clifford. A Religião como Sistema Cultural. In: A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. 321 p.

GEERTZ, Clifford. O Senso Comum como Sistema Cultural. In: O Saber Local: novos ensaios em antropologia interpretativa. 9.ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

GRAMSCI, Antoni. *Maquiavel, a Política e o Estado Moderno*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1976. 444p.

GRAMSCI, Antonio. *Introdução ao Estudo da Filosofia e do Materialismo Histórico* in: *Obras escolhidas*. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

HILL, Christopher. *Origens Intelectuais da Revolução Inglesa*. São Paulo: Martins Fontes, c1992. 425p

KUHN, Thomas S. *A Estrutura das Revoluções Científicas*. 9.ed. São Paulo: Perspectiva, 2006. 257p.

LAPLANTINE, François. *Antropologia da doença*. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 274p.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do partido comunista*: São Paulo: Paz e Terra, 1997. 70p

ROLIM, Francisco Cartaxo. *Origens Religiosas dos Pentecostais in: Pentecostais no Brasil. Uma Interpretação Sócio-Religiosa*. Ed. Vozes. Petrópolis. 1985

SANCHIS, Pierre. *Desencanto e Formas Contemporâneas do Religioso* in: *Ciências Sociais e Religião*. Porto Alegre. Ano 3, no. 3. 2001

SOUZA, Etiane Caloy Bovkalovski de; MAGALHAES, Marionilde Dias Brepohl de. *Os pentecostais: entre a fé e a política*. *Rev. bras. Hist.*, São Paulo, v. 22, n.43, 2002. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01882002000100006](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882002000100006)

THOMPSON, E. P. *A Formação da Classe Operária Inglesa*. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. 3v.

TURNER, Victor Witter. Dramas, campos e metáforas: ação simbólica na sociedade humana. Niterói, RJ: EDUFF, 2008. 278p.

VELHO, Otavio Guilherme. Besta-Fera: Recriação do Mundo: Ensaio Crítico de Antropologia. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, c1995. 250p

VELHO, Otavio Guilherme. O Que a Religião pode fazer pelas Ciências Sociais? In: Revista Religião e Sociedade. Rio de Janeiro. 1998. pp. 09 – 17

VELHO, Otávio Guilherme. A “Persistência” do Cristianismo e a dos Antropólogos. In: Mais realistas que o rei: ocidentalismo religião e modernidades alternativas. Rio de Janeiro: Topbooks, 2007. 383p.

WEBER, Max. A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo: texto integral. Ed. rev. São Paulo: Martin Claret, 2005. 230 p. ((A obra prima de cada autor; v.49))

WEBER, Max. A Psicologia Social das Religiões Mundias In:Ensaio de Sociologia. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. 530p.

WEBER, Max. As Rejeições Religiosas do Mundo e suas Direções In:Ensaio de Sociologia. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. 530p.

## **Fontes**

Jornal Atos Hoje – semanário da Igreja Batista da Lagoinha. Ano 43. Ed. 18 de 3 de Maio de 2009

Jornal Atos Hoje – semanário da Igreja Batista da Lagoinha. Ano 43. Ed. 29 de 19 de Julho de 2009

Jornal Atos Hoje – semanário da Igreja Batista da Lagoinha. Ano 43. Ed. 30 de 26 de Julho de 2009

Jornal Atos Hoje. Semanário da Igreja Batista da Lagoinha. Ano 43. Edição no. 32 de 9 de Agosto de 2009

Jornal Atos Hoje – semanário da Igreja Batista da Lagoinha. Ano 43. Ed. 36 de 6 de Setembro de 2009

Jornal Atos Hoje – semanário da Igreja Batista da Lagoinha. Ano 43. Ed. 40 de 4 de Outubro de 2009

Jornal Atos Hoje – semanário da Igreja Batista da Lagoinha. Ano 43. Ed. 50 de 13 de Dezembro de 2009

Jornal Atos Hoje. Semanário da Igreja Batista da Lagoinha. Ano 43 Ed. 52 de 27 de Dezembro de 2009

CINTRA, Angela Valadão. O Jubileu de Ouro 2007. Revista Profetizando Vidas: Ed. Comemorativa 50 anos da Igreja Batista da Lagoinha. Belo Horizonte. Ano 3. Dezembro de 2007

Apóstila de Estudo Financeiro Bíblico. Ministério Crown. Associação Nova Shalom. SP.2005. Manual do Participante.

Entrevista do Pastor Richard concedida em 17 de Junho de 2009